

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

Programa de Pós-Graduação em Administração e Turismo

Curso de Mestrado Acadêmico em Administração

HELIO ALVES DA CRUZ

**ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LIDERANÇAS
DA UNI-YOGA EM SANTA CATARINA**

BIGUAÇU – SC
2010

HELIO ALVES DA CRUZ

**ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LIDERANÇAS
DA UNI-YOGA EM SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração da Universidade do Vale do Itajaí, como requisito à obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luís Boeira

BIGUAÇU – SC
2010

HELIO ALVES DA CRUZ

ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
LIDERANÇAS DA UNI-YÔGA EM SANTA CATARINA

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Administração e aprovada pelo Curso de Mestrado Acadêmico em Administração, da Universidade do Vale do Itajaí.

Área de Concentração: Organizações e Sociedade

Biguaçu – SC, 27 de maio de 2010.

Prof. Dr. Carlos Ricardo Rossetto
Coordenador do Programa

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Luís Boeira
UNIVALI Biguaçu
Orientador

Prof.^a Dra. Christiane Kleinübing Godoi
UNIVALI Biguaçu

Prof.^a Dra. Simone Ghisi Feuerschütte
UDESC

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família,
especialmente aos meus pais,
Lealdino e Teodora,
e aos meus filhos,
Eduardo e Raissa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as organizações e as pessoas que contribuíram decisivamente (em diversas fases, formas e intensidade), para a realização deste trabalho e a conclusão do curso: Professor Msc. Almir Granemann Reis (antes Universidade do Contestado – UnC, agora Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP) - incentivador desde a graduação; Professor Dr. Marco Antonio Montoya Rodriguez (Universidade de Passo Fundo – UPF) – inspirador na especialização e que despertou à possibilidade de cursar mestrado; Fischer S/A Indústria, Comércio e Agricultura (Grupo Fischer) – viabilizou a liberação do trabalho profissional; Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) – pela oportunidade, estrutura e conhecimento transmitido; Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio, viabilização e confiança; professores e funcionários da Univali, pela dedicação, influência, contribuição e conhecimento; companheiros de estudos, pela compreensão e colaboração; Miriam Pereira – revisora gramatical; Professor Dr. Sérgio Luís Boeira (Orientador), pela dedicação e ensinamentos desde o planejamento, desenvolvimento e conclusão do trabalho; Professores componentes da banca examinadora, pelas participações, sugestões e críticas concedidas; as Lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina, que foram receptivas e contribuíram para a realização do trabalho, por meio da concessão de entrevistas e indicações bibliográficas.

“Você faz suas escolhas e suas escolhas fazem você”
(Steve Beckman).

RESUMO

O objetivo desta dissertação é investigar as representações sociais de lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina sobre as dualidades valorativas e práticas (orientais-ocidentais) que perpassam a cultura da organização e o estilo de vida que ela promove. Estudar organizações não-convencionais é sempre um desafio teórico, já que isso implica em fazer diversos ajustes entre os níveis empírico e o abstrato. Entretanto, tal desafio também pode ser um fator motivador da pesquisa e abrir espaços novos para o desenvolvimento dos estudos organizacionais. Para alcançar o objetivo acima, a pesquisa partiu do referencial teórico-paradigmático do paradigma da complexidade (sem intenção de aprofundá-lo) e especialmente da teoria das representações sociais. Por meio de pesquisa bibliográfica, elaborou-se uma base conceitual a respeito de Yôga e filosofia indiana. Outros procedimentos metodológicos podem ser destacados da seguinte forma: a) estudo das representações sociais em uma análise organizacional multinível; b) pesquisa do tipo qualitativo, ou seja, com base no conhecimento socialmente construído e nos valores compartilhados pelos integrantes da organização; c) destaque às lideranças das seis unidades da rede Uni-Yôga situadas em Santa Catarina, nos municípios de Florianópolis, São José e Joinville; d) uso de fontes documentais, principalmente livros e artigos; e) utilização de instrumentos como entrevistas abertas, observação direta e análise documental. Os resultados encontrados na pesquisa apontam no sentido de que os indivíduos integrantes desta rede organizacional têm um estilo peculiar de vida e de administrar a organização. Portanto, essas lideranças possuem suas próprias visões de mundo sobre a filosofia de vida prática que cultivam – o Swásthya Yôga, com suas respectivas peculiaridades. O estudo incluiu aspectos diversos, como conceituação, origem, desenvolvimento, evolução, ramificações, tipos de Yôga, características, público alvo, método utilizado, perfis de instrutores e praticantes. As representações sociais indicam percepções compartilhadas sobre diversos tópicos: mudança de visão de mundo a partir da prática de Yôga, valores orientais concretizados em hábitos, influência do instrutor de Yôga enquanto líder, liderança do Mestre DeRose, codificador do Swásthya Yôga e líder maior da Uni-Yôga, peculiaridades da Uni-Yôga, administração participativa, clima organizacional e solução de conflitos, dificuldades enfrentadas enquanto organização multicivilizacional, trajetória de lideranças e suas respectivas metas e desafios, planejamento estratégico, conflitos entre valores ocidentais modernos e orientais antigos, entre valores organizacionais e individuais, crescimento da Uni-Yôga em Santa Catarina, no Brasil, bem como sua internacionalização, contribuição social, humana e ambiental.

Palavras-chave: Representações Sociais. Yôga. Liderança. Estilo de Vida. Qualidade de Vida.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to investigate the social representations of leaders of Uni-Yoga in Santa Catarina, with regard to the dualities and evaluative practices (Eastern-Western) that pervade the culture of the organization and the lifestyle it promotes. Studying non-conventional organizations is always a theoretical challenge, since it involves making several adjustments between the empirical and the abstract levels. However, this challenge can also be a motivating factor for research, opening new spaces for the development of organizational studies. To achieve the proposed objective, the research was based on the theoretical and paradigmatic framework of the complexity paradigm (without intending to deepen it) and in particular, the theory of social representations. Through a literature review, a conceptual basis of yoga and Indian philosophy was elaborated. Other methodological procedures are also highlighted: a) study of social representations in a multilevel organizational analysis; b) the qualitative research is based on socially constructed knowledge and values shared by members of the organization; c) the contexts and research subjects are leaders of the six units in the Uni-Yoga network located in Santa Catarina, in the cities of Florianópolis, São José and Joinville; d) the documentary sources used were mainly books and articles; and) use of instruments such as interviews, direct observation and analysis documentary. The results of the research support the proposal that individuals who are members of this organizational network have a unique style of living and managing the organization. These leaders therefore have their own world views on the practical philosophy of life that they cultivate – SwáSthya Yoga, as well as their respective peculiarities. The study included various aspects such as concepts, origin, development, evolution, Yoga types, characteristics, target public, method used, profiles of instructors and practitioners. Social representations demonstrate shared perceptions on issues such as a change in worldview, the oriental values embodied in habits, changes arising from the practice of yoga, the yoga instructor's influence as a leader, the leadership of DeRose (founder of the Uni-Yoga), other strands of yoga, the socio-cultural movement, the practice of other forms of yoga, the peculiarities of Uni-Yoga, participative management, organizational climate and conflict resolution, the difficulties faced as an multi-civilizational organization, the career history of the leaders and their respective goals and challenges, strategic planning, the conflicts between modern western values and ancient eastern values and between organizational and individual values, the growth of Uni-Yoga in Santa Catarina, in Brasil and abroad, its internationalization, its social, human and environmental contribution.

Key words: Social Representations. Yoga. Leadership. Lifestyle. Quality of Life.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Arquitetura da Representação: Constituintes e Modo de Produção	51
Figura 2: Análise das Representações Sociais das Lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina	71
Figura 3: Pilares Organizacionais da Uni-Yôga	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Três Revoluções Científicas e Emergência de Paradigmas	32
Quadro 2: Vertentes da Teoria das Representações Sociais	36
Quadro 3: Domínios Relacionados à Teoria das Representações Sociais	41
Quadro 4: Particularidades das Pesquisas sobre Representações Sociais	42
Quadro 5: Assuntos e Objetos Relacionados às Representações Sociais	46
Quadro 6: Formas e Funções do Saber - Modalidades de Representação	52
Quadro 7: Aspectos do Positivismo, da Fenomenologia e da Complexidade	61
Quadro 8: Níveis de Análise Organizacional	62
Quadro 9: Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa	63
Quadro 10: Princípios Metodológicos das Pesquisas em Representações Sociais	67
Quadro 11: Partes do Swásthya Yôga	85
Quadro 12: Cronologia Histórica do Yôga	91
Quadro 13: Resumo Histórico dos Eventos que Influenciaram o Yôga	92
Quadro 14: Desenvolvimento Histórico do Yoga	95
Quadro 15: Quatro Troncos do Yôga	96
Quadro 16: Associação de Troncos aos Períodos Históricos	96
Quadro 17: Definição de Prática Ortodoxa ou Heterodoxa	97
Quadro 18: Diferenças entre Swásthya Yôga e Hatha Yôga	98
Quadro 19: Atuação Escalonada do Método DeRose de Yôga Avançado	102
Quadro 20: Progressão no Yôga Antigo	103
Quadro 21: Conversação de Energias Negativas em Positivas	104
Quadro 22: Formação Religiosa	105
Quadro 23: Mudança de Visão de Mundo	106
Quadro 24: Valores Orientais Concretizados em Hábitos	108
Quadro 25: Prática do Yoga e as Mudanças Advindas	110
Quadro 26: Instrutor de Yoga e a Influência de sua Liderança	112
Quadro 27: Liderança de DeRose	114
Quadro 28: Outras Correntes de Yoga e Movimento Sociocultural	116
Quadro 29: Prática de Yoga em Outras Organizações	118
Quadro 30: Peculiaridades da Uni-Yôga	119
Quadro 31: Administração de Cada Unidade	120

Quadro 32: Prática do Yoga, Clima Organizacional e Solução de Conflitos	122
Quadro 33: Conflitos Enfrentados em uma Organização Multicivilizacional	123
Quadro 34: Trajetória de Líderes da Uni-Yôga, suas Metas e seus Desafios	124
Quadro 35: Competição, Cooperação e Conflitos entre as Unidades	125
Quadro 36: Planejamento nas Unidades	126
Quadro 37: Conflitos entre Valores Ocidentais Modernos e Orientais Antigos, Organizacionais e Individuais	127
Quadro 38: Concorrência entre Instrutores	128
Quadro 39: Sistema de Avaliação de Desempenho	129
Quadro 40: Crescimento da Uni-Yôga em SC, no Brasil e Exterior	131
Quadro 41: Causas da Internacionalização da Uni-Yôga	132
Quadro 42: Contribuição Social, Humana e Ambiental da Uni-Yôga	133

SUMÁRIO

Introdução	13
Contextualização do Tema e do Problema	15
Delimitação do Problema de Pesquisa	27
Justificativa do Objetivo e Alguns Aspectos Metodológicos	29
Pergunta Central e Objetivo da Pesquisa	30
1 Referencial Teórico-paradigmático	31
1.1 Paradigma da Complexidade	31
1.2 Teoria das Representações Sociais	34
1.3 Estilo de Vida e Qualidade de Vida	54
2 Procedimentos Metodológicos	60
2.1 Contextos e Sujeitos da Pesquisa	63
2.2 Fontes Documentais	64
2.3 Estratégias e Instrumentos	64
2.4 Técnicas de Coleta e Análise de Dados	68
3 Filosofia Indiana e o Yôga: a Perspectiva da Uni-Yôga	73
3.1 Yôga e a Filosofia Indiana	73
3.2 Perspectiva da Uni-Yôga e Outras Perspectivas	82
3.2.1 Yôga	82
3.2.1.1 Definições do Conceito de Yôga	82
3.2.1.2 Aspectos Históricos do Yôga	89
3.2.1.3 Contemporaneidade, Ramificações, Tipos e Características	95
3.2.1.4 Público Alvo e Destinação	99
3.2.2 Método DeRose	101
4 Representações Sociais de Lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina	105
Considerações Finais	135
Referências	143

Introdução

Os chamados estudos organizacionais (EO) distinguem-se por sua complexidade e abrangência, quando comparados aos estudos sobre administração das organizações, que enfatizam técnicas ou metodologias gerenciais ou áreas funcionais. Enquanto estes últimos são estudados pela teoria geral da administração (TGA), com base na racionalidade instrumental e no paradigma funcionalista (FRANÇA FILHO, 2004), os EO contemplam aspectos culturais, ideológicos, políticos, éticos, representações sociais que, com muita frequência, são minimizados nos enfoques funcionalistas. Mesmo nos EO existem abordagens, como a do *comportamento organizacional* e a *estruturalista* (sociologia das organizações), que se vinculam ao paradigma funcionalista, sob o qual se abrigam a maioria dos estudos envolvendo organizações. Isto também significa dizer que a pesquisa do tipo quantitativo é hegemônica sob o paradigma funcionalista, que tem na racionalidade instrumental seu principal instrumento cognitivo.

Esta dissertação não se identifica com o paradigma funcionalista, mas com o paradigma fenomenológico e com o emergente paradigma da complexidade, sob os quais é destacada a contribuição da teoria das representações sociais (conforme será visto adiante). Esta última é apropriada à abordagem dos *estudos críticos* que, ao lado das duas anteriormente apontadas, compõe o conjunto das principais abordagens em EO, segundo a classificação proposta por França Filho (2004). Portanto, trata-se de uma abordagem que enfatiza ou recupera aspectos minimizados ou esquecidos nos estudos sob o enfoque funcionalista. Para isso, valoriza o diálogo interdisciplinar, os cruzamentos transdisciplinares, com uma concepção de ciência e de razão abertas, sem a pretensão de obter resultados quantificáveis ou demonstrações lógicas inequívocas.

Esta dissertação está em sintonia com a abordagem de Chanlat (2000), que procura compreender algumas *dimensões fundamentais* ou *esquecidas* nas pesquisas sobre organizações. Em uma reflexão de duas décadas sobre as relações entre as ciências sociais e o *management*, Chanlat apresenta os seguintes temas emergentes no século XXI, que ele denomina de dimensões fundamentais: a) *retorno do ator e do sujeito* (aqui o autor destaca a relevância da subjetividade, da imaginação, que têm sido marginalizadas pela ênfase nos aspectos econômicos e tecnológicos da gestão); b) *retorno da afetividade* (o autor destaca a relevância da

dimensão afetiva na formação de grupos e a crítica ao dualismo cartesiano entre razão e paixões); c) *retorno da experiência vivida* (crítica a distância entre o discurso do *management* sobre o que é concebido e prescrito, por um lado, e, por outro, o que é vivido cotidianamente nas organizações); d) *retorno do simbólico* (aqui o autor ressalta que o mundo das organizações é também um mundo de signos, de diferentes linguagens, um teatro em que se passam comédias, tragédias e dramas, uma realidade imaginária, conforme já havia destacado na primeira dimensão acima); e) *retorno da história* (o autor enfatiza que a história não está geralmente no centro das preocupações dos gestores, que são orientados pelo curto prazo, com tendência a eliminar a memória e a duração em proveito do imediatismo; a história é constitutiva da identidade dos indivíduos e das sociedades); f) *retorno da ética* (o autor destaca a ética como disciplina que busca interrogar as regras de conduta constitutivas da moral, que não se limita, portanto, à deontologia, e que está no cerne da política, etc). Para Chanlat (2000), as organizações do século XXI têm como principais desafios a revisão do enquadramento do econômico no social e a preservação da natureza, a partir da reflexão ética.

O que pretendemos com esta aproximação é justamente ressaltar algumas destas dimensões (como será especificado mais adiante), tomando-se como ponto de apoio para a investigação as representações sociais de lideranças de unidades catarinenses de uma organização – a Uni-Yôga – que mescla, na sua história, valores e práticas da civilização ocidental às da civilização oriental (mais especificamente brasileira e indiana).

Inicialmente, será apresentada uma contextualização do tema e do problema de pesquisa, destacando-se as noções de crise civilizatória e qualidade de vida, além de alguns conceitos de autores cujas contribuições são referências relevantes na compreensão do tema e do problema de pesquisa. Em seguida, serão definidos o problema de pesquisa, a pergunta central e o objetivo, além de expostas algumas justificativas para a pesquisa. Depois disso, será apresentado o referencial teórico-paradigmático da dissertação, a teoria das representações sociais, alguns conceitos sobre estilo de vida e qualidade de vida. Em seguida, informaremos os procedimentos metodológicos que guiaram esta pesquisa, nos quais se destacam contexto e sujeitos da pesquisa, fontes documentais, estratégias e instrumentos, técnicas de coleta e análise de dados. Após, apresentaremos os resultados da

pesquisa, incluindo tópicos diversos. Por fim, apresentam-se as considerações finais, com limitações da pesquisa e sugestões para futuros estudos.

Contextualização do Tema e do Problema

Esta dissertação trata de aspectos culturais, representações sociais de lideranças de uma organização que mescla valores orientais com valores ocidentais. Para uma adequada contextualização desta temática, considera-se relevante, portanto, partir da noção de crise civilizatória.

Atualmente, é possível perceber que, considerando-se a difusão de notícias via satélite para todos os continentes, há um senso comum planetário que coincide com muitas pesquisas científicas a respeito da crise civilizatória, ou seja, de uma crise que mescla aspectos econômicos, ecológicos, sociais, culturais, políticos, epidemiológicos, etc. Em medida significativa, tal crise é vista (especialmente, mas não de forma exclusiva) na parte ocidental e norte do planeta como uma crise do projeto de modernidade, que representa uma forma definida de democracia (representativa, liberal), de ciência (disjuntora-redutora, ou positivista), de economia liberal sob hegemonia de grandes corporações (especialmente financeiras) e de Estados regidos sob o princípio da soberania nacional. O entrelaçamento de aspectos ou dimensões da crise civilizatória torna incerto todo o projeto de modernidade. Immanuel Wallerstein (2002, p. 33), que foi presidente da Associação Internacional de Sociologia (ISA) entre 1994 e 1998, acredita que a primeira metade do século XXI será “mais difícil e incerta, e muito mais aberta do que tudo que tenhamos conhecido no século XX”. Este autor sustenta, em resumo, que estamos vivenciando o fim do mundo tal como foi concebido na ciência social da modernidade.

Mas as instituições do século XX resistem à mudança. Ainda que os Estados-nações se articulem em rede para abordar problemas comuns como a mudança climática global e a desigualdade social, ainda que as organizações mercadológicas se envolvam em diversos projetos de responsabilidade social, os padrões administrativos continuam fundamentalmente baseados em princípios funcionalistas e utilitaristas (BAUER, 1999), a ciência é reconhecida, principalmente, por seus

resultados quantitativos, os valores ocidentais continuam hegemônicos. É que se vê no diagnóstico a seguir:

A persistência de um processo civilizacional enraizado na história anterior recoloca a questão do significado e do lugar do Ocidente. A mundialização contemporânea das principais dimensões da vida não é um processo natural engendrado por uma fusão de culturas e histórias. Trata-se ainda de dominação, com suas contrapartidas, sujeições, injustiças, destruição (LATOUCHE, 1996, p. 13).

A crítica de Latouche (1996, p. 59) à ocidentalização é ampla e profunda. Ele considera aspectos diversos, como a dominação cultural-religiosa, o tecnicismo, o economicismo, o cientificismo, o colonialismo, o imperialismo, o racismo, etc. Também destaca a “ambiguidade profunda do fenômeno” da ocidentalização, por caracterizar-se como um processo econômico e cultural com um duplo efeito: “universal por sua expansão e sua história, reproduzível pelo seu caráter de modelo do Ocidente e de sua natureza de *máquina*”. Para o autor, nos dois casos o resultado ideal é o “acesso igual de todos e cada um às benesses da *máquina*, seja porque cada grupo humano poderia reproduzir para seu próprio benefício a tal *máquina*, seja porque, sendo única, a *máquina* estenderia seus benefícios a todos”.

Por outro lado, ressaltando as contradições e ambivalências da cultura ocidental, o autor destaca a estranheza dos latino-americanos – especialmente dos indígenas e de brasileiros descendentes de africanos – diante do projeto da modernidade:

É admirável que a América Latina, apesar de ocidentalizada há muito tempo com a violência que se sabe, e de uma penetração massiva de europeus, tenha se atravancado com o acessório e não tenha conseguido aclimatar o essencial. O folclore cultural europeu invadiu a vida cotidiana, mas a indianidade permaneceu estranha ao projeto de dominação da natureza e ao tempo linear e cumulativo. Latinos e afro-brasileiros permanecem grandemente distanciados do imaginário da modernidade (LATOUCHE, 1996, p. 59).

De sua parte, David Cooper (2002) faz uma abordagem crítica da história da filosofia ocidental, que ao longo dos séculos têm marginalizado e, inclusive, excluído literalmente as contribuições de indianos, chineses, japoneses e de povos de outras regiões do mundo fora da Europa ocidental e da América do Norte. Ele observa que Hegel pronunciou veredictos mordazes sobre as tradições do oriente e, também, que

Husserl duvidava da própria existência de uma filosofia não-ocidental. De um modo geral, as ignorâncias sobre o sânscrito e o preconceito da auto-suficiência ocidental deram larga margem a uma compreensão superficial destas tradições, como simplesmente irracionais e místicas. Todo um saber prático, popular, assim como uma erudição antiga foi colocado à margem dos estudos da filosofia ocidental ².

Como a civilização ocidental é rica, diversificada, contraditória – também há espaço nela para a autocrítica, embora esta seja exceção. É o que se percebe já no título do livro de Roger Garaudy (que teve sua primeira edição em 1976) – *O Ocidente é um Acidente: por um diálogo das civilizações*. Diz o autor:

Uma história verdadeira, isto é, aquela que não mais se centralizaria no Ocidente, seria uma *história das ocasiões perdidas* pela humanidade devido a uma supremacia ocidental, alcançada não graças a uma superioridade de cultura, mas a uma utilização militar e agressiva das técnicas armamentistas e marítimas (GARAUDY, 1983, p. 01).

Por sua vez, em *Cultura e Barbárie Européias*, Morin (2009, p. 17) argumenta que a civilização só é vista como oposto de barbárie quando se parte de uma concepção simplista da história da cultura. Afirma, com inúmeros exemplos, que a “barbárie não é apenas um elemento que acompanha a civilização; ela é uma de suas partes integrantes. A civilização produz barbárie, e, principalmente, ela produz conquista e dominação”. O autor sustenta que o importante não é o arrependimento, mas o reconhecimento, que deve incluir todas as vítimas. Já em *Terra-Pátria*, o autor analisava a crise da civilização argumentando que

A luta entre as forças de integração e as de desintegração não se situa apenas nas relações entre sociedades, nações, etnias, religiões, situa-se também no interior de cada sociedade, de cada indivíduo. Não é apenas uma luta entre esperança coletiva de sobrevivência e riscos de morte coletivos (MORIN; KERN, 1995, p. 102).

² Roberto de Andrade Martins, diretor do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, na UNICAMP, em artigo intitulado “A Crítica de Hegel à Filosofia da Índia”, incluído como um capítulo no livro de Carlos Tinoco (2005), conclui que Hegel fez mau uso das informações existentes sobre a Índia em 1800, “selecionando aquilo que servia para confirmar sua visão apriorística sobre a história”. Hegel, diz este autor, “não tem boa base nem fatural, nem teórica, para criticar a Índia e colocá-la como inferior à Grécia em todos os sentidos”. Por fim, afirma que a crítica do filósofo alemão pode ser caracterizada como um “preconceito arrogante” (MARTINS, 1982, p. 257, *in.*: TINOCO, 2005).

Outra contribuição crítica da uniformização cultural imposta pelo Ocidente, e particularmente pela cultura anglo-saxônica, é a de Boaventura Sousa Santos (2000; 2003; 2005; 2009), em diversas obras. Este autor – da mesma forma que Morin (1993; 1995; 1997; 1998; 2000; 2006; 2007; 2009) e Capra (1997; 2005; 2006) – amplia e aprofunda a noção de paradigma, introduzida por Kuhn (2003), vinculando aspectos culturais, científicos e políticos, ainda que reconhecendo suas diferenças. Santos e seus colaboradores têm mostrado a diversidade epistemológica que a epistemologia dominante no ocidente tem ocultado, gerando efeitos culturais e políticos notáveis. Ele, em resumo, argumenta que o que é visto como não existente ou inválido, ou trivial, tem sido *construído* como não existente, inválido ou trivial, não sendo, necessariamente, assim na realidade, sob um paradigma emergente, voltado para a emancipação, diálogo e crítica das culturas e civilizações.

Toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias (SANTOS; MENEZES, 2009, p. 09).

Esta argumentação estimula uma abordagem de relações sociais específicas nas organizações, no contexto da crise civilizatória e da globalização. Giddens (2000, p. 21) considera a globalização simultaneamente “política, tecnológica e cultural, tanto quanto econômica”. Ele argumenta que o mundo contemporâneo não se parece em nada com o que previram e defenderam os filósofos iluministas, a respeito da superação de preconceitos e do controle do próprio destino histórico. A leitura que o autor faz da globalização confirma o diagnóstico de crise civilizatória:

Em vez de estar cada vez mais sob o nosso comando, parece um mundo em descontrole. Além disso, algumas das influências que, supunha-se antes, iriam tornar a vida mais segura e previsível para nós entre elas os progressos da ciência e da tecnologia tiveram, muitas vezes, o efeito totalmente oposto. A mudança do clima global e os riscos que a acompanham, por exemplo, resultam provavelmente de nossa intervenção no ambiente (GIDDENS, 2000, p. 14).

A civilização ocidental moderna contém, portanto, valores baseados na ciência, na técnica e numa certa ideologia do progresso, a qual pretende substituir as relações sociais tradicionais por relações sociais modernas, centralizadas pela dinâmica do mercado. “Este projeto civilizador amadureceu no Ocidente e está grandemente identificado com ele. Na atualidade, a forma dominante desse projeto não é outra senão o desenvolvimento” (LATOUCHE, 1996, p. 52). Os resultados dos desenvolvimentos afetam diretamente os valores condicionantes da qualidade e não, apenas, na quantidade desejada. Entretanto, “à medida que aumentam seu poder e autoconfiança, as sociedades não ocidentais cada vez mais afirmam seus próprios valores culturais e repudiam aqueles que lhes forem impostos pelo Ocidente” (HUNTINGTON, 1997, p. 21). Os valores hegemônicos ocidentais sofrem resistências em civilizações não-ocidentais ou em locais nos quais valores orientais são cultivados.

“Os pressupostos filosóficos, os valores subjacentes, as relações sociais, os costumes e as formas de ver a vida de forma geral se diferenciam de modo significativo entre as civilizações” (HUNTINGTON, 1997, p. 28). Estes valores diferenciados em determinadas sociedades possibilitam o aparecimento de certos modos de vida e costumes. A globalização influencia o ressurgimento de identidades culturais e de valores.

Entretanto, Huntington (1997) aponta a necessidade de modelos explícitos ou implícitos que sejam capazes de ordenar a realidade e generalizações, compreenderem as relações causais, predizer desdobramentos futuros, selecionar o que é importante e mostrar caminhos para atingir objetivos coletivos. Portanto, a busca pela solução de problemas como as desigualdades sociais, as guerras, os conflitos, a crise ecológica, passa por uma reflexão sobre os valores. Pois a civilizações se caracterizam por seus valores peculiares.

Como decorrência deste contexto de crise civilizatória, cabe ressaltar a relevância de pesquisas sobre organizações que mesclam valores de duas ou mais civilizações. É o caso de organizações de yoga, de acupuntura, artes marciais, etc. que possuem características organizacionais voltadas para o desenvolvimento de atividades baseadas em valores orientais e por meio de uma visão diferenciada dos ocidentais (como por exemplo, o consumismo e o individualismo).

A elevação do padrão material de vida, meta da modernidade ocidental, não implica necessariamente uma elevação da qualidade de vida, que depende tanto de

aspectos materiais e institucionais quanto de aspectos subjetivos, do estilo de vida, de costumes, habilidades pessoais, personalidade, valores, etc. Não é estranho que os estilos dominantes de vida nos países com mais poder político e econômico sejam vistos como modelos pelos povos com menos poder e influência cultural (SKLAIR, 1995), e que a busca unilateral de qualidade de vida por meio da elevação de padrão material seja acompanhada de consumismo, frustração, depressão, neuroses, *stress* (*distress*)³, doenças do aparelho circulatório e tantas outras chamadas doenças da civilização (AMATO; AMATO, 2004). Tanto quanto a degradação ambiental, as doenças características da civilização se constituem como uma espécie de preço a ser pago pelo progresso ou desenvolvimento industrial.

Portanto, há uma parte das doenças humanas que são derivadas das condições psíquicas e socioeconômicas. Nesse contexto, é possível constatar que muitos indivíduos buscam apoio ou cura em serviços como os de terapeutas de diversos tipos, de grupos religiosos e seitas, de serviços voltados para o lazer, além de uma infinidade de produtos vendidos como solução para todos os males nas farmácias. Isso parece refletir uma necessidade de conciliar ou harmonizar o universo psíquico com o mundo socioeconômico. Essa tomada de consciência de nossa civilização implica em questionar também a visão compartimentada ou meramente disciplinar de conceber o conhecimento científico (MORIN; NAÏR, 1997).

As resistências de muitos indivíduos, no que se refere a mudar valores vinculados a estilos de vida dominantes e desequilibrados, não somente amplia o mercado de medicamentos e terapias diversas, mas também o mercado das drogas, no qual se perdem muitos jovens.

A crise civilizatória contemporânea teve como pontos essenciais a busca da superação e controle instrumental da natureza pela cultura moderna. A ideologia do consumismo, a ampliação da comunicação de massa e o uso de novas tecnologias têm propiciado modos de vida desequilibrados e obsessivos (BOEIRA, 1998). Toffler (1980), em um livro que obteve grande repercussão, já havia observado que a revolução industrial criou um sistema social muito integrado em termos de

³ O médico neurocirurgião Cezar Zillig (1998) observa que o médico austríaco Hans Selye foi pioneiro no diagnóstico da Síndrome de Adaptação Geral, ou Síndrome do *Stress* Biológico. Foi constatado que é limitada a capacidade de um organismo se adaptar a uma situação de sofrimento, de tensão ou, como mais comumente passou a ser dito, de *stress*. Selye propôs a palavra “*distress*” para significar o excesso de tensão. Enquanto *distress* seria sempre anormal e causa de disfunções e doenças, *stress* seria algo inerente à vida. Somente objetos inanimados e mortos não apresentariam *stress*. Entretanto, este termo passou a ser difundido incorretamente como sinônimo de *distress*.

tecnologias e instituições, mas que provocou no nível da subjetividade e dos modos de vida muita fragmentação e tensão econômica, conflito social e mal-estar psicológico ⁴. A crise da civilização industrial, portanto, requer uma resposta como a do chamado *pensamento complexo* (MORIN, 2007), reflexivo, direcionado para o equilíbrio dinâmico, entre os valores materiais e não-materiais, socioambientais, éticos, sociopolíticos e econômicos.

O impacto, a abrangência, a densidade e a gravidade da crise civilizatória apresentam-se sob a forma de desigualdades sociais, de corrupção, de violência, de abuso no uso de recursos naturais não-renováveis, de desequilíbrios ambientais e doenças típicas da modernidade (BOEIRA, 1998). Cabe ressaltar, que “nunca seremos capazes de nos tornar os senhores de nossa própria história, mas podemos e devemos encontrar meios de tomar as rédeas do nosso mundo em descontrole” (GIDDENS, 2000, p. 16).

Enfim, esta dissertação parte do pressuposto de que a investigação e a discussão sobre a crise de valores e os estilos de vida podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida, tanto no ocidente quanto no oriente. Conforme se observa facilmente a modernização da infra-estrutura, com postos de saúde pública, saneamento básico e hospitais, favorece o debate sobre a qualidade de vida, que se acrescenta à questão da expectativa de vida, segundo as estatísticas.

O chamado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) não aborda aspectos relevantes da qualidade de vida. No mundo contemporâneo, as opções de consumo (como alimentação natural *versus* alimentação convencional), as formas de conceber a relação entre o corpo e a mente (condicionamento mecanicista *versus* busca de descondicionamento e criatividade), as formas de conceber o tempo (linear, cíclico, convival, catártico, histórico, social, etc.), as formas de conceber a natureza e o lugar do ser humano no cosmos – todos estes aspectos parecem conectar-se diante da crise de valores, da incerteza diante do futuro (MAFFESOLI, 1998).

Amato e Amato (2004) pesquisam as condições para a melhoria da qualidade de vida, destacando fatores como pressão alta, diabetes, colesterol, estresse,

⁴ Toffler (1980, p. 25) sustenta que a onda da civilização, que superou a onda agrícola, será superada por uma terceira onda, cuja denominação não está definida. Esta última, segundo ele, “começará a cicatrizar a ruptura histórica entre o produtor e o consumidor, gerando a economia do *prossumidor* de amanhã. Por esta razão, entre muitas, poderia – com alguma ajuda inteligente nossa – resultar na primeira civilização verdadeiramente humana da História registrada”.

obesidade, alimentação, atividade física, postura, fumo, drogas, automedicação e higiene. Apontam que os indivíduos precisam se preocupar com o seu próprio comportamento, ou seja, com o estilo de vida, para conquistar ou manter uma saúde física e mental.

Os hábitos saudáveis de vida se caracterizam como determinantes essenciais para evitar o aparecimento nos indivíduos das chamadas “doenças da civilização” (AMATO; AMATO, 2004). O combate aos males contemporâneos pode ser efetuado pela mudança dos hábitos de vida, seja na alimentação ou prática de exercícios físicos e mentais, como no consumo de recursos naturais não-renováveis.

Numa abordagem aproximativa, não conclusiva, parece que a adoção de práticas de Yôga, entre outras formas de terapia tradicionais, nas escolas e nos hospitais, seria uma forma de reduzir gastos em saúde pública, melhorar a saúde de pessoas de todas as idades e também melhorar a qualidade da aprendizagem em escolas de ensinos fundamental, médio e superior. Isto porque a prática de yoga e outras práticas tradicionais poderiam ser benéficas tanto à saúde quanto à educação, além de dispensar altos investimentos em tecnologia – o que representaria economia e acesso facilitado a pessoas de todas as classes sociais. A prática de Yôga está comprovadamente relacionada à melhoria da saúde (equilíbrio corpo-mente), ainda que o objetivo dos praticantes não se limite à terapia. Há uma crescente aceitação desta prática milenar pela ciência ocidental. Entretanto, o Yôga está também atrelado a um estilo de vida simples e saudável, dieta vegetariana (ou ovo-lacto-vegetariana), utilização de elementos naturais e autocuidados (SIEGEL; BARROS, 2009). O combate à ignorância, a busca de si mesmo e o descondicionamento corporal-mental-espiritual (já que condicionamento gera muitas vezes dor e sofrimento) são objetivos centrais das práticas de Yôga. Latouche (1996, p. 70), na sua crítica ao processo de ocidentalização, sugere que seja latente “uma revolução da totalidade das instituições e dos comportamentos sociais, culturais e religiosos e, conseqüentemente, da atitude psicológica, da filosofia e do estilo de vida”.

A vida sedentária, a falta de exercícios, o cigarro, o constante estresse, a alimentação rica em gorduras e descontrolada fazem aumentar uma série de doenças que comprometem a qualidade de vida. [...] mudar radicalmente os hábitos, trazendo de volta a qualidade vida ameaçada (AMATO; AMATO, 2004, p. 9).

O conhecimento desempenha papel fundamental na evolução humana, seja para insistir em descobertas que possam traduzir-se como alternativas futuras de resoluções de problemas civilizacionais. Atrair a atenção para o que é novo e emergente “é algo que se pode observar nas mais diferentes tradições culturais e filosóficas” (SANTOS, 2005, p. 30). Santos critica o paradigma dominante nas ciências, que muitas vezes marginalizam os dados qualitativos, aproximativos, o que é novo e emergente em forma de “pistas”.

Nas ciências sociais, contudo, as pistas não têm credibilidade. A sociologia das emergências, pelo contrário, valoriza as pistas enquanto vias para a discussão e defesa de futuros alternativos concretos. Enquanto que, nos animais, as pistas veiculam informação altamente codificada, na sociedade as pistas são mais abertas e podem, por isso, serem campos de argumentação e de negociação sobre o futuro. O cuidado do futuro manifesta-se nessa argumentação e negociação (SANTOS, 2005, p. 33).

Os sinais e as pistas transmitidas pelos movimentos menos consolidados podem ser desvalorizados como subjetivos e inconsistentes por parte dos movimentos mais consolidados (SANTOS, 2005). Mas a perspectiva de pensamentos que discutam sobre a ação dos indivíduos pode trazer avanços à sociedade e às organizações. Pode-se dizer que o momento atual está marcado por complexas mudanças organizacionais e os fenômenos culturais desencadeiam novos valores.

A possibilidade de perceber a cultura organizacional simultaneamente como processo e produto, e a multiconfiguração originar diferentes formas da manifestação cultural (integradora, diferenciadora, fragmentadora) (TORRES, 2008), possibilita uma visão sistêmica da organização. Caberia ressaltar a importância de um olhar sobre o “todo” e de uma visão integrada do que somos, nossos modos de agir e de ver enquanto representações de pressupostos e valores culturais de uma organização (FREITAS, 1997).

Freitas (1997, p. 40) reflete sobre “uma análise mais voltada para a compreensão de valores, crenças, costumes e atitudes presentes em nosso cotidiano social e individual”, para conhecer o perfil de nossa cultura. Esta está diretamente influenciada por seus fundadores, líderes, pelo processo histórico e pelo mercado.

As representações e comportamentos emanados de valores, crenças e mitos valorizados na cultura de uma organização são reforçados e formados dialeticamente com suas estruturas formais, suas interrelações vividas em seu dia-a-dia e tudo aquilo de concreto que compõe o mundo material da organização (FREITAS, 1997, p. 41).

A visão de mundo expressa por meio das representações sociais pode ser a base para compreender os valores dos integrantes de uma organização. Em “nossa sociedade, o indivíduo é frequentemente reconhecido e valorizado em função de sua rede de relações impessoais” (FREITAS, 1997, p. 50). Essas relações poderão influenciar as organizações e os indivíduos envolvidos nessa interação, tanto em amplitude local como global. Portanto, as organizações e a cultura de seus membros podem alterar-se por meio de conhecimentos peculiares e de outras culturas, o que possibilitará uma mescla cultural. Como, por exemplo, neste trabalho, entre o Oriente e o Ocidente, ou mais especificamente entre Brasil e Índia.

Esta dissertação situa-se no campo de estudos organizacionais, que são em parte teóricos e em parte empíricos, embora Stablein (2009) apresente uma definição mais voltada para o estudo da experiência:

Os estudos organizacionais (EOs) tratam do esforço de compreensão do mundo social que nós, especialistas em organizações, habitamos. Ele não é um sistema fechado de estudo, como a Lógica ou a Matemática. Os EOs são, necessariamente, estudos empíricos, explorando atitudes, comportamentos, experiências, artefatos, símbolos, documentos, textos, sentimentos, crenças, significados, medidas, fatos e números (STABLEIN, 2009, p. 63).

Nesse sentido, este trabalho buscará compreender uma organização através das representações sociais das lideranças de seis unidades de uma rede organizacional, que tem como uma de suas características fundamentais o diálogo entre as culturas do Oriente e do Ocidente. A Uni-Yôga constitui-se como uma organização que objetiva a formação de instrutores de Yôga. Essa organização brasileira caracteriza-se como mediadora de uma filosofia de vida tipicamente oriental e antiga, num ambiente ocidental e contemporâneo. Está em crescimento, situando-se em diversos países ocidentais, com significativo avanço da rede e da formação de instrutores (MUDREY, 2006).

Este estudo pretende compreender as representações sociais das lideranças organizacionais de seis unidades da Uni-Yôga, atuantes em Santa Catarina. O estilo de vida ocidental contemporâneo sofre influência da tradição oriental por diversas formas, como a do Swásthya Yôga, modalidade proposta pela Uni-Yôga.

A organização caracteriza-se por formar instrutores de Yôga. Através de rede de unidades credenciadas, profissionalizadas e organizadas para esta finalidade, localizadas em diversos estados brasileiros e em outros países como Argentina, Estados Unidos, Portugal, Espanha, França, Itália, Alemanha, Inglaterra e Chile. Portanto, a rede visa à formação de instrutores capacitados para a aplicação deste conhecimento e direcionamento para um estilo de vida peculiar (MUDREY, 2006). A prática e o ensino do Yôga nas unidades de toda a rede são baseados especificamente na modalidade do Yôga Antigo, Swásthya Yôga ou Método DeRose, codificado por DeRose.

São analisadas as percepções de líderes da Uni-Yôga em relação à tensão entre os valores orientais e ocidentais e entre os estilos de vida antigos e contemporâneos. Por meio da visão de mundo das lideranças da organização, procura-se evidenciar a construção social da realidade social e seus significados sobre a filosofia de vida prática. Através da pesquisa busca-se compreender a visão de mundo dos líderes sobre a gestão da organização, mas sem fechar o foco sobre o nível organizacional – pretende-se abordar o nível multicivilizacional e multicultural. Outro aspecto do estudo, embora não seja destacado ou aprofundado, é a percepção de líderes da Uni-Yôga sobre as causas da internacionalização do Swásthya Yôga no Ocidente, a partir do Brasil. Isto porque houve uma expansão no número de unidades nos últimos anos.

O que motivou este estudo foi a constatação da confluência de valores antigos orientais num ambiente ocidental moderno, de acordo com o estudo de Mudrey (2006). Esta mescla cultural, em meio à constatação de que se vive uma crise civilizacional, com “choques de civilizações” (HUNTINGTON, 1997), em meio a um processo complexo de globalização que envolve não somente aspectos econômicos, mas também políticos, ecológicos e culturais, com um “desmanche da cultura” (FEATHERSTONE, 1997) – gera uma série de questionamentos. Como é possível uma convergência entre duas culturas tão diferentes? O que de fato tem gerado o crescimento consistente da rede Uni-Yôga?

Em um estudo nesta mesma rede, Mudrey (2006) pesquisou sobre os valores relacionados à racionalidade instrumental e à racionalidade substantiva. Ela descreveu os traços da cultura da Uni-Yôga, examinou os processos e os valores organizacionais. Em sua pesquisa, destacou valores de dirigentes, instrutores e praticantes, como população alvo.

Mudrey (2006) apresentou aspectos da história do yôga, a trajetória de DeRose (Swásthya Yôga, as origens da Uni-Yôga, breve histórico e caracterização, normas e hierarquia, administração participativa). Por isso, não vamos repetir o estudo, e sim, a partir dele, avançar por outros caminhos, com uma abordagem teórica diferente, ainda que compatível com a utilizada pela autora.

O trabalho de Mudrey (2006) investigou as visões dos participantes sobre duas unidades da organização Rede Uni-Yôga. Nessa pesquisa, são abordadas, conforme já foi dito, as representações sociais de lideranças de Santa Catarina, incluindo todas as seis unidades da rede. Busca-se a compreensão sobre a construção sociocultural da realidade, os significados, valores compartilhados, ou, por outras palavras, as representações sociais – sem uma vinculação a concepções de racionalidade. Busca-se compreender uma visão de mundo complexa, que emerge numa organização cuja cultura se constrói entre duas civilizações.

Portanto, este trabalho se fundamenta na teoria das representações sociais. As representações sociais possibilitam compreender os valores e as crenças que compartilham determinado grupo social. As representações sociais caracterizam-se como um modo de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que visam contribuir para a construção de uma realidade social (JODELET, 2001). Sua relevância consiste na possibilidade de desvendar processos de interações sociais. Na percepção de Sá (2001), a teoria das representações sociais surge como um novo paradigma no campo das ciências sociais, em busca de articulações interdisciplinares, com expansão e desdobramentos teóricos e metodológicos.

O sujeito constrói, na sua relação com o mundo, um novo mundo de significados. De um lado, é através de sua atividade e relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói. De outro lado, as representações permitem a existência de símbolos – pedaços da realidade social mobilizados pela atividade criadora de sujeitos sociais para dar sentido e forma às circunstâncias nas quais eles se encontram (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 78).

Os processos que dão origem a representações sociais estão inseridos na comunicação rotineira, nos rituais, nos padrões de trabalho, na cultura em geral (JOVCHELOVITCH, 2008). Pode-se entender que o problema pontual é reconhecer que, ao analisar fenômenos psicossociais – e representações sociais – é necessário analisar o meio social como um todo, ou seja, o contexto social.

Delimitação do Problema de Pesquisa

A adaptação e o desenvolvimento de métodos de trabalho para a acomodação da tradição oriental no Ocidente despertam interesses de investigação quanto aos estilos de vida e comportamento dos indivíduos envolvidos no processo organizacional. Portanto, estudar uma filosofia típica e originalmente oriental e antiga, que se difunde num ambiente contemporâneo e ocidental implica em enfrentar uma temática controvertida, contraditória, com lógicas, crenças e valores que aparentemente não podem ser harmonizados, organizados. No entanto, é justamente isso o que faz a organização escolhida como objeto deste estudo.

Esta pesquisa pretende tomar como referência básica a dissertação de Mudrey (2006). Portanto, é preciso distinguir – com mais ênfase aqui do que já foi feito anteriormente – a contribuição desta autora da que se pretende fazer a partir neste trabalho. A abordagem de Mudrey trata de valores e *processos organizacionais vinculados a duas formas de racionalidade – a instrumental e a substantiva*. Ela analisa fundamentalmente o nível organizacional, destacando aspectos éticos e a teoria da delimitação de sistemas sociais de Guerreiro Ramos (1981; 1983; 1989), tomando a contribuição de Maurício Serva (1992; 1993; 1996; 1997) como uma referência fundamental.

Ao final de sua investigação, Mudrey concluiu que

A Uni-Yôga está voltada no longo prazo para a formação de lideranças participativas, técnica, administrativa e economicamente competentes, mas num contexto valorativo em que a auto-realização, o autoconhecimento, assim como a colaboração entre os integrantes da rede, e destas com as comunidades em seu entorno social, são valores fundamentais, e não simples meios (MUDREY, 2006, p. 112).

Podemos perceber que esta organização está inserida em um ambiente complexo. Ao mesmo tempo em que objetiva uma auto-sustentação econômica, também se desenvolve por meio de um relacionamento voltado para o ético e a administração participativa.

O trabalho de Mudrey (2006) foi desenvolvido em duas unidades da Uni-Yôga, com entrevistas e questionários direcionados a instrutores e praticantes. Já este projeto de pesquisa focaliza seis unidades. Além disso, embora tenha em comum o referencial no paradigma da complexidade (mais adiante trataremos deste tema), *não faz parte deste projeto a análise de valores e processos organizacionais* vinculados às duas formas de racionalidade teorizadas por Guerreiro Ramos (1981; 1983; 1989), e sim uma abordagem que, partindo de entrevistas com instrutores (lideranças), pretende tomar como referência a teoria das representações sociais.

Parece-nos relevante investigar as percepções das lideranças na Uni-Yôga sob uma perspectiva ampla, envolvendo tanto a organização quanto as suas lideranças e sua história, que é em parte nacional e em parte transnacional.

Abordar-se os tipos e ramificações do Yôga, a fim de contextualizar e compreender melhor as peculiaridades das representações sociais das lideranças que desenvolvem o Swásthya Yôga. Isso permitirá evitar generalizações indevidas quanto à convergência de valores e práticas ocidentais e orientais em outras organizações semelhantes. Cabe ressaltar que, no mencionado estudo de Mudrey (2006), este aspecto não foi objeto de pesquisa.

Há, além do que já foi dito como justificativa para este estudo, uma grande lacuna de pesquisas sobre organizações que envolvem práticas de *yoga, yôga ou ioga*.⁵ Em levantamento feito no domínio público, www.dominiopublico.gov.br, realizado em 28 de julho de 2009 e atualizado em 04 de maio de 2010, constatou-se a existência de quatro trabalhos científicos: as dissertações de Mudrey (2006), Nunes (2008) e Achôa (2009) e a tese de Gonçalves (2008). Gonçalves (2008) tratou em seu trabalho do *O imaginário coletivo de professores de ioga brasileiros: um estudo sobre campos psicológicos*. Trata de hataioga (ou hatha yôga). Será útil como uma referência psicanalítica sobre uma vertente “medieval, fundada no século

⁵ As diferentes grafias do termo não serão objeto de análise neste trabalho, já que se referem ao campo de estudos de lingüistas especializados em sânscrito, e já que este aspecto não interfere na consecução dos nossos objetivos. Além disso, por razões técnicas nem todos os aspectos gráficos de termos da tradição de Yôga são aqui seguidos rigorosamente.

XI da era Cristã” (DeROSE, 2005, p. 82). Nunes (2008) pesquisou sobre *Yôga: do corpo, a consciência; do corpo à consciência. O significado da experiência corporal dos praticantes do Yôga*. Nesta pesquisa o autor analisou o significado da experiência corporal de um grupo praticante de Hatha Yoga em Florianópolis/SC, tendo como temáticas a trajetória pessoal, a construção de uma visão de mundo, representação do corpo e da formação do sujeito na contemporaneidade, entre outras. Achôa (2009) intitulou seu trabalho da seguinte forma: *Repensando os limites da comunicação e da consciência corporal: uma análise da prática do Yôga à luz da teoria do corpomídia*.

Este estudo compartilha certamente alguns aspectos das abordagens das três dissertações e da tese acima mencionada, mas busca contribuir de maneira específica com o conhecimento acadêmico sobre as representações de lideranças de uma parte da maior rede de formação de instrutores de Yôga existente no Brasil.

Cabe assinalar que, nessa especificidade, estão o paradigma da complexidade e a teoria das representações sociais. O paradigma da complexidade (MORIN, 1998) questiona a disjunção e o reducionismo nos saberes dominantes nas universidades desde, pelo menos, o século XVII (com o cartesianismo), promovendo o diálogo entre as ciências e entre estas e a filosofia. A teoria das representações também questiona o cartesianismo e o positivismo, promovendo o diálogo entre sociologia e psicologia. São, portanto, enfoques complementares e convergentes. Estes aspectos serão retomados mais adiante.

Justificativa e Alguns Aspectos Metodológicos

Conforme já visto, há poucos estudos acadêmicos no Brasil sobre Yôga. Considerando-se uma combinação da teoria das representações sociais com o paradigma da complexidade, este estudo é pioneiro. Parece-nos que este tipo de investigação tem forte convergência com temas emergentes ou dimensões fundamentais nos estudos das organizações do século XXI (CHANLAT, 2000).

Mais especificamente, utilizou-se como referencial a contribuição da teoria das representações sociais desenvolvida por Serge Moscovici (2001; 2003; 2007; 2008) e por diversos autores como Jodelet (2001), Farr (2008), Minayo (2004; 2008), Guareschi (2008), Jovchelovitch (2008), entre outros. As representações sociais

podem ser indicadas para compreender os valores dos indivíduos e dos grupos sociais, as visões de mundo das pessoas, o compartilhamento de valores sociais e a construção de uma realidade social.

Para tanto, fizemos um trabalho de campo nas seis unidades da rede Uni-Yôga em Santa Catarina, por meio de uma pesquisa qualitativa e entrevistas junto aos líderes de cada unidade. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas abertas, em profundidade, com roteiro semi-estruturado, observação direta e pesquisa documental.

Também desenvolvemos um trabalho de pesquisa bibliográfica sobre aspectos da história e dos vários tipos de Yôga, com o objetivo de investigar as representações sociais compartilhadas por meio de obras produzidas pela própria Uni-Yôga. Para tanto, serão úteis as obras de DeRose e de outros autores do Swasthya Yôga quanto as obras de outros autores, vinculados a outros tipos de Yôga, assim como estudos científicos que não estão vinculados a nenhuma forma específica de Yôga.

Pergunta Central e Objetivo da Pesquisa

Diante do exposto acima, a problemática desta pesquisa pode ser resumida na seguinte pergunta:

Quais as representações sociais de lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina sobre as dualidades valorativas e práticas que perpassam a cultura da organização?

O objetivo desta dissertação pode ser assim definido: *Investigar as representações sociais de lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina sobre as dualidades valorativas e práticas (orientais-ocidentais) que perpassam a cultura da organização.*

Os *procedimentos metodológicos* serão abordados no capítulo 2 desta dissertação. A seguir, serão abordados os aspectos do referencial teórico-epistemológico.

1 Referencial Teórico-paradigmático

Este capítulo objetiva propiciar uma base conceitual condizente com o tema tratado neste trabalho. Para tanto, foi distribuído em subtítulos: paradigma da complexidade, teoria das representações sociais, estilo de vida e qualidade de vida.

1.1 Paradigma da Complexidade

Há diversos autores que tratam da chamada teoria da complexidade ou do pensamento complexo, ou paradigma da complexidade. Entretanto, está fora do propósito desta pesquisa fazer uma abordagem ampla, distinguindo as várias contribuições. O que se pretende fazer é, tão-somente, uma introdução à contribuição de Morin, considerado por muitos um autor central nesse debate.

Há na história da ciência uma disputa constante entre autores sobre o significado do que seja científico. Na antiguidade, a ciência não era autônoma em relação à filosofia. No início da chamada era moderna a ciência se desvincula da filosofia. Surgem várias ciências independentes (MORIN, 1998). Num primeiro momento, as ciências sociais tendem a imitar o método experimental, característico das ciências naturais. Assim, procura-se encontrar as leis de funcionamento da sociedade da mesma forma que os cientistas naturais buscavam fórmulas e leis sobre o funcionamento da natureza.

Para situar a abordagem do pensamento complexo ou paradigma da complexidade na obra de Morin (1998),⁶ apresenta-se na página seguinte o quadro 1 que procura sintetizar algumas características de revoluções científicas e a emergência de paradigmas.

Este quadro não pretende mais do que sintetizar um processo que ainda se encontra em curso, que é dependente de transformações políticas, sociais e econômicas, tanto dentro quanto fora dos centros de pesquisa, e sobre o qual não há um consenso entre os pesquisadores.

⁶ Cabe observar que, embora vários autores utilizem a expressão “teoria da complexidade”, esta não é utilizada por Morin, para quem teoria não se confunde com paradigma.

Revoluções Científicas	Algumas Características Relevantes	Período
Primeira	Disjunção entre senso comum e ciência, além de disjunção entre ciência e filosofia/humanidades; emergência da ciência moderna e suas ramificações disciplinares; método das ciências naturais e exatas, com a física em primeiro lugar, assume a condição de paradigma para o conjunto das ciências. Redução da complexidade às fórmulas simples (abstratas), matemáticas, ou a leis como a da oferta e da procura (economia), da gravidade (astronomia). Emerge o paradigma dominante, disjuntor-redutor ou antropocêntrico.	Entre séculos XVI e XX. Ainda é predominante no século XXI.
Segunda	Irrupção da incerteza no âmago das ciências exatas e naturais, especialmente com a emergência da física subatômica e quântica, na contracorrente da física clássica (newtoniano-cartesiana). Incerteza esta que conduz ao questionamento filosófico das ciências (nova epistemologia). Reaproximação entre filosofia e ciência, incluindo aspectos fenomenológicos no debate sobre o positivismo. Há uma crise do paradigma dominante, que se mantém por intermédio da disjunção-redução disciplinar e corporativa nas universidades.	Primeira metade do século XX.
Terceira	Emergência de um novo paradigma científico-filosófico, com base na ecologia, na retomada da visão sistêmica e em diversos diálogos inter e transdisciplinares; reaproximação entre ciência e senso comum, ainda que sob uma leitura crítica e analítica. A transição paradigmática se resume no confronto entre um paradigma disjuntor-redutor e um paradigma da complexidade (Morin) ou emergente (Santos), cujo eixo seria a busca de associação sem fusão e distinção sem disjunção/separação entre os saberes. Este novo paradigma permite o questionamento da setorialidade institucional (burocratização) e favorece o diálogo intersetorial, assim como o diálogo entre Estado, sociedade civil e mercado.	Segunda metade do século XX até os dias atuais.

Quadro 1: Três Revoluções Científicas e Emergência de Paradigmas

Fonte: Boeira (2009), a partir de adaptação de Santos (2000); Morin e Le Moigne (2000); Vasconcelos (2002).

A sociologia surge como *física social*, buscando explicar os fatos sociais, com uma clara separação entre sujeito e objeto. Em seguida as ciências sociais se subdividem: uma parte dos autores continua a seguir os pressupostos objetivistas, quantitativistas, experimentais, enquanto outra parte busca autonomia metodológica, argumentando que as ciências sociais não podem reproduzir a separação sujeito-objeto das ciências naturais (MORIN, 1998). O laboratório do cientista social não seria passível de experimentos controláveis, apenas de experiências cujo sentido ou significado dependeria dos atores envolvidos na ação. O cientista social seria assim um sujeito envolvido com outros sujeitos e não com objetos de pesquisa.

A ciência social, dessa forma, não poderia explicar, apenas poderia compreender, ou buscar compreender o sentido da ação dos próprios envolvidos na ação social. O paradigma da complexidade propõe um diálogo transdisciplinar entre

estas vertentes da ciência e de todas elas com a filosofia. Mas não faz isso para simplesmente reuni-las, muito menos para uniformizá-las (MORIN, 1998).

O paradigma da complexidade não se opõe à especialização, mas à hiperespecialização, que é o caminho da ciência incapaz de comunicar-se com as demais ciências e promover o bem comum (MORIN, 1998).

O método complexo precisa manter-se aberto e plural, portanto. Não pretende substituir o paradigma disjuntor-redutor (da especialização), mas articulá-lo filosoficamente com outras formas especializadas de saber, com a filosofia e a própria cidadania. Não se trata de separar ciência e senso comum (especialista e leigo), mas de promover um diálogo aberto entre ciência e política, entre ciência e técnica, entre ciência e ética (MORIN, 1998).

É nesse amplo contexto de diálogo entre as ciências e retomada do diálogo entre a filosofia e as ciências que se pode compreender a contribuição da teoria das representações sociais, que será tratada no tópico seguinte. Também esta teoria articula o senso comum ao saber especializado. Considera que o processo cognitivo está inevitavelmente vinculado a uma representação social familiar ou comum sobre o que é novo.

Morin (2007) diz que o propósito do pensamento complexo é sensibilizar as enormes carências de nosso pensamento, e compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes. E que a doença da teoria está no doutrinário e no dogmatismo, que fecham a teoria nela mesma e a enrijecem. Para este autor, a realidade é feita de laços e interações, nosso conhecimento é normalmente incapaz de perceber o *complexus – o que é tecido junto*.

Essa incapacidade de pensar o complexo faz da complexidade um desafio, muito mais do que uma solução. O chamado pensamento complexo não se apresenta como solução, como uma receita, mas como crítica e aposta na articulação do que tem sido desarticulado.

“Os paradigmas são estruturas de pensamento que, de modo inconsciente, comandam nosso discurso” (MORIN, 2006, p. 17). Esta influência causou uma separação conceitual que altera o modo de ver e conduzir o conhecimento.

A história do mundo e do pensamento ocidentais foi comandada por um paradigma de disjunção, de separação. Separou-se o espírito da matéria, a filosofia da ciência; separou-se o conhecimento particular que vem da literatura e da música, do conhecimento que vem da pesquisa científica. Separaram-se as disciplinas, as ciências, as técnicas. Separou-se o sujeito do conhecimento do objeto do conhecimento (MORIN, 2006, p. 17).

É importante destacar que a obra de Morin é vasta e difícil de ser resumida. Não é pretensão deste trabalho entrar no debate sobre epistemologia, mas, ainda assim, entende-se que, para situar a contribuição da teoria das representações sociais, é necessária uma tomada de posição paradigmática. Isto porque a posição paradigmática é metateórica, ou seja, é anterior à teorização e, portanto, permite compreender os pressupostos e o sentido das teorias.

A complexidade de Morin difere fundamentalmente de concepções que se limitam às ciências naturais, que minimizam as peculiaridades das ciências antropossociais e que deixam a filosofia em segundo plano, ou simplesmente omitem a contribuição da ética e da reflexão política. Não existe uma teoria da complexidade em sua obra, mas uma complexificação da concepção mutilante de teoria. A teoria torna-se um ponto de partida, não mais de chegada. A teoria é a possibilidade de tratar um problema – não é a solução do problema (BOEIRA; KOSLOWSKI, 2009, p. 112-113).

O pensamento complexo procurar articular sem fundir, distinguindo sem separar três dimensões da realidade: a da sociedade, a do indivíduo e a da espécie. Recusa o fechamento teórico sobre qualquer destas dimensões e concebe a relação entre ordem, desordem e reorganização permanente desde a física quântica até a reflexão sobre ética. Trata-se de um macroparadigma, no qual são possíveis teorias complexas como a teoria das representações sociais.

1.2 Teoria das Representações Sociais

A teoria das representações sociais ou o fenômeno das representações sociais atualmente localiza-se no centro de um debate interdisciplinar sobre o relacionamento das construções simbólicas com a realidade social. Ela se propõe a pesquisar como os indivíduos se apropriam dessa realidade social, como percebem

e por que se definem pela sua transformação (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2008).

Na perspectiva contemporânea, a teoria das representações sociais objetiva contribuir com a tentativa de repensar a realidade social, como uma rede de significados caracterizada por contradições histórico-sociais, mas também sujeita ao caráter e ações dos indivíduos. Ela procura entender a construção da realidade social por meio das interações sociais, nas quais os indivíduos se relacionam para falar, discutir, negociar e entender a vida. É neste ponto de vista que a teoria das representações sociais dirige seu olhar epistêmico (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2008).

As representações sociais tratam de discussões tanto teóricas como metodológicas em pesquisas desenvolvidas de diversas áreas como psicologia, sociologia, comunicação, educação, como instrumento útil para a compreensão e transformação da vida social e de seus significados. Guareschi e Jovchelovitch (2008) argumentam que, há mais de três décadas após seu surgimento, a teoria das representações sociais constitui-se numa valiosa referência para cientistas sociais de todo o mundo. As representações sociais fazem parte de um modo como se percebe a necessidade de manter-se uma estreita ligação entre as ciências psicológicas e sociais por meio da psicologia social. Evita cometer a imprudência de tentar afastar os fenômenos sociais dos psíquicos (MOSCOVICI, 2008).

Moscovici (2008) destaca os aspectos relacionados à teoria das representações sociais: crença coletiva e sua significância, saberes populares, senso comum, conflito entre o individual e o coletivo na realidade social, coexistência entre os indivíduos e o sistema, transformações cognitivas, compreensão e dinamismo da sociedade, complexidade e elasticidade, resolução de problemas, dicotomias entre o indivíduo e o coletivo.

Outro ponto sobre o qual seria necessário insistir é que os fenômenos sociais que nos permitem identificar de maneira concreta as representações e de trabalhar sobre elas são, nós o sabemos, as conversações, dentro das quais se elaboram os saberes populares e o senso comum (MOSCOVICI, 2008, p. 9).

Entretanto, Guareschi e Jovchelovitch (2008) consideram um erro grosseiro centralizar apenas no indivíduo os estudos de processos psicossociais, já que isso impede a percepção entre o todo e suas partes. Parece plausível que, para

compreender-se a teoria das representações sociais, sejam abordadas tanto questões da sociedade (todo) como dos indivíduos (partes). Essa percepção propõe não reduzir uma dimensão à outra, mas compreendê-las de forma ampla.

A formação das representações sociais é composta por valores compartilhados por indivíduos pertencentes a um grupo social. Esses saberes podem estar relacionados ao modo como estes indivíduos compreendem e visualizam o mundo.

As representações sociais têm sua teoria e sua história, ligadas a duas raízes que se desenvolveram nas últimas décadas. Entretanto, Farr (2008) e outros autores dizem que a teoria das representações sociais originou-se na Europa com a publicação por Moscovici, em 1961, da obra *La Psychanalyse: Son image et son public*. Esta abordagem é diferente da predominante nos Estados Unidos.

Para Farr (2008, p. 46) “somente vale a pena estudar uma representação social se ela estiver relativamente espalhada dentro da cultura em que o estudo é feito”, pois “as comparações implicam tanto semelhanças como diferenças”. A constatação da existência das representações sociais em uma organização pode ser feita com o intuito de se conhecer as semelhanças e as diferenças dos valores compartilhados.

A seguir apresenta-se um quadro comparativo entre aspectos da teoria das representações sociais, de acordo com as visões seguidas na Europa e nos Estados Unidos.

Aspectos	Européia	Estados Unidoses
Época	Moderna, após II Guerra Mundial	Moderna, após II Guerra Mundial
Raízes dos fundadores	S. Moscovici, raízes européias	F. H. Allport, solo intelectual de tradição ocidental
Representações sociais	Sociologia e Psicologia	Sociologia e Psicologia
Psicologia Social	Europa e Estados Unidos	Europa e Estados Unidos
Ancestrais franceses	Durkheim, representações coletivas, não positivistas	Comte, fundador do positivismo
Foco	Indivíduos e coletividade	Indivíduo
Início	Década de 1950	Década de 1950
Visão dos fundadores	Satisfação com o passado e preocupação com o futuro	Preocupação com o passado e esperança quanto ao futuro

Quadro 2: Vertentes da Teoria das Representações Sociais
Fonte: Adaptado de Farr (2008, p. 31-34).

Neste trabalho seguiremos a vertente Européia constituída a partir das ideias de Serge Moscovici, por apresentar características sociológicas e epistemológicas

condizentes com o paradigma da complexidade. Farr diz que a principal diferença entre Moscovici e Allport é que “Moscovici escreve como um cientista social e político, ao passo que Allport escreve como um cientista comportamentalista” (FARR, 2008, p. 51). Para Minayo

Representações Sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Nas Ciências Sociais são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a (MINAYO, 2008, p. 89).

Além das representações sociais valorizarem os pensamentos dos indivíduos em seu contexto social, pode-se compreender que é “uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 81). A percepção de que o todo supera o individual, incentiva e enaltece o poder da sociedade em detrimento do individualismo.

Além disso, considera-se que “o indivíduo tanto é um agente de mudança na sociedade como é um produto dessa sociedade” (FARR, 2008, p. 51). A interação do indivíduo e a sociedade formam uma complexidade relacional, norteadas pelos valores culturais existentes nas ações dos membros que compõem o grupo social.

A teoria das representações sociais estabelece uma síntese teórica entre os fenômenos que, em nível de realidade, estão profundamente ligados. As dimensões cognitiva, afetiva e social estão presentes na própria noção de representações sociais. O fenômeno das representações sociais, e a teoria que se ergue para explicá-lo, diz respeito à construção de saberes sociais e, nessa medida, ele envolve a cognição. O caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona a dimensão dos afetos, porque quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e com paixão [...]. É quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações sociais são formadas (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2008, p. 20).

Farr (2008) relata que a polaridade entre o individualismo e o coletivismo sofre influência do catolicismo caracterizado pela frequência de estudos sobre representações sociais em diferentes regiões do mundo. Ele justifica que em países do Norte Europeu e na América do Norte os estudos sobre o individualismo têm forte

tradição protestante e de conflito; e que, no Sul Europeu e na América do Sul, os estudos são caracterizados por uma polarização entre o individualismo e o coletivismo. De acordo com o autor, os estudos das representações sociais refletem o interesse por valores coletivos, como no Oriente em contraste com a ideologia do Ocidente.

Minayo (2008) concorda com Marcel Mauss (1979) e Max Weber (1974, 1985) sobre os conceitos elaborados a respeito de representações sociais. Mauss considera que a sociedade manifesta seus costumes e instituições por meio da linguagem, da arte, da ciência, da religião, de normas familiares, das relações econômicas e políticas. Weber trata representações sociais como ideias, concepções e mentalidade, enfim, visão de mundo. Pois para ele os indivíduos possuem condições de pensar de acordo com seus respectivos juízos de valor. Weber também percebe o progresso do capitalismo no ocidente por duas formas: a) o capitalismo desenvolve os indivíduos pela seleção econômica; b) as ideias do homem sobre trabalho prosperam de modo a obter lucro legítimo sobre a atividade desenvolvida. No caso do marxismo, observa Minayo (2008, p. 105), o denominador comum “da ideologia, das ideias, dos pensamentos, da consciência, portanto das representações sociais é a base material”. Ela também constata que, pensando na construção do conhecimento, os três clássicos (Marx, Weber e Durkheim) consideram relevante a compreensão das representações sociais, já que estas ressaltam a visão do mundo dos indivíduos e sua participação na sociedade, conforme o conceito que reflete sobre a representação simbólica e a identidade social.

[...] a teoria das representações sociais se articula tanto com a vida coletiva de uma sociedade, como com os processos de constituição simbólica, nos quais sujeitos sociais lutam para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar seu lugar, através de uma identidade social (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 65).

Nessa visão, “as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais” (MINAYO, 2008, p. 108). A manifestação das representações sociais no comportamento social dos indivíduos caracteriza o compartilhamento de valores

construídos a partir da visão de mundo dos próprios agentes. Portanto, podem ser utilizadas como base para investigações sobre a realidade social.

Por serem, ao mesmo tempo, ilusórias, contraditórias e “verdadeiras” as representações podem ser consideradas matéria-prima para a análise do social e, também, para a ação pedagógico-política de transformação, pois retratam e refratam as realidades, segundo determinado segmento da sociedade (MINAYO, 2008, p. 110).

Minayo (2008) observa que as representações sociais também são portadoras dos interesses específicos de grupos e classes sociais. Jovchelovitch (2008) argumenta que a constituição da representação é essencialmente a capacidade de dar às coisas uma nova forma. As informações transmitidas pelas representações sociais podem conduzir a uma transformação do modo de ver sobre a realidade pontual. A relação dos sujeitos com a realidade social está atrelada à forma de compreender as representações sobre os objetos, sobre outros sujeitos. A realidade é concebida como simultaneamente objetiva e subjetiva: este é um aspecto plenamente compatível com o paradigma da complexidade.

Para Minayo (2008, p. 108), “algumas representações sociais são mais abrangentes em termos da sociedade como um todo e revelam a visão de mundo de determinada época”. Esta observação é especialmente relevante para o estudo das representações da Uni-Yôga. Mas a autora argumenta que as representações sociais não são obrigatoriamente conscientes e se reproduzem por meio de estruturas coletivas. Elas podem ser um conglomerado de ideias das elites e das massas, também de correntes contemporâneas, que exprimem as contradições das relações sociais. Outra observação de Jovchelovitch (2008, p. 80-81) destaca o seguinte:

As representações sociais não são um agregado de representações individuais da mesma forma que o social é mais que um agregado de indivíduos. Assim, a análise das representações sociais deve concentrar-se naqueles processos de comunicação e vida que não somente as engendram, mas que também lhe conferem uma estrutura peculiar. Esses processos, eu acredito, são processos de mediação social.

Schurmann (1989 *apud* Jovchelovitch, 2008, p. 67) critica a filosofia ocidental de um modo geral porque ela optou por tratar o homem como categoria universal ao invés de priorizar a pluralidade humana.

Jovchelovitch (2008) amplia sua reflexão sobre a situação contemporânea, relacionando representações sociais, democracia e cidadania. Ela critica a visão segundo a qual a intersubjetividade é descartada em favor de uma vida solitária, onde “tudo é possível”:

Em tempos que nos confrontam continuamente com críticas pós-modernas que elogiam a multiplicação de significados, a diferença e a supremacia da intimidade apenas e unicamente em relação a si mesmo, onde as noções de referência e limites se apresentam frequentemente como autoritárias ou como ilusões perdidas da modernidade, eu acredito ser necessário reafirmar que a produção da significação e da diferença somente é possível em relação às fronteiras de um mundo de outros. O mundo do “tudo é possível” é um mundo que descarta a intersubjetividade como critério fundamental da vida humana e propõe a solidão disfarçada do “cada um diz e faz o que quer” como alternativa aos ecos do autoritarismo, que por sinal também desconhece fronteiras. Os limites que a intersubjetividade impõe, infelizmente representados assim como ameaça, não têm nada a ver com autoritarismo. Ao contrário, é porque essas fronteiras existem que muitas vezes nós ousamos desafiá-las e, se necessário, transcendê-las, como é o caso no espaço potencial das representações sociais e – em larga medida – em todas as formas de vida em comum que se erguem como efeitos contraditórios aos imperativos das sociedades de massa. É com esta Psicologia Social, eu acredito, que precisamos trabalhar. A necessidade de defender a vida em comum, ameaçada hoje pela miséria, pela violência e pela desigualdade, é também a necessidade de recuperar o pensamento, a palavra e a plena possibilidade de construir saberes sociais. Esta é uma necessidade crucial não somente porque sustenta a possibilidade da democracia e da cidadania [...] mas também porque ela aponta para a constituição de vidas individuais que sustentem em si mesmas as consequências plenas do fato de que as pessoas vivem umas com as outras e não existe vida humana sem a presença de outros seres humanos (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 82).

A importância em conhecer a visão dos indivíduos implica aproximar-se de suas representações da realidade, para logo analisar sua dinâmica de reprodução e produção dos modos de ação sobre a realidade (CEIRANO, 2000). As representações sociais possibilitam a revalorização da capacidade criativa e transformadora dos sujeitos (CAPPELLE *et al*, 2001). A transformação dos indivíduos reflete-se na visão de mundo conhecida através das representações sociais.

Sá (2001) argumenta que os desdobradores e responsáveis pela expansão da teoria das representações sociais de Moscovici estão divididos em três correntes: primeira, a mais fiel à teoria original e associada à etnografia, influenciada por Denise Jodelet, em Paris; a segunda articula a teoria das representações sociais numa perspectiva sociológica, sendo liderada por Willem Doise, em Genebra; e a terceira prioriza uma dimensão cognitivo-estrutural das representações sociais. O principal representante desta é Jean-Claude Abric; também é ligada a Claude Flament e Pierre Vergès. Sá ainda diz que Denise Jodelet foi a responsável pela introdução da teoria das representações sociais na América Latina e especialmente no Brasil.

Jodelet (2001) considera que as pesquisas sobre representações sociais apresentam-se propícias à aplicação em diferentes metodologias: experimento em laboratório e campo; entrevistas, questionários e técnica de associação de palavras; observação participante; análise documental e de discurso, etc. O quadro a seguir apresenta os domínios e assuntos relacionados:

Domínios	Assuntos
Científico	Teoria e disciplinas científicas, difusão de conhecimentos, didática das ciências, desenvolvimento tecnológico, etc.
Cultural	Cultura, religião.
Social e institucional	Política, movimentos sociais, economia, desvio e criminalidade, sistema jurídico, etc.
Produção	Profissões, trabalho, desemprego, etc.
Ambiental	Espaços construídos e naturais, cidades, riscos ambientais, etc.
Biológico e médico	Corpo, sexualidade, esporte, saúde, doença, etc.
Psicológico	Personalidade, inteligência, grupos, etc.
Educacional	Instituição escolar, papéis, formação, etc.
Estudo de papéis e atores sociais	Crianças, mulheres, homens, diferenciação de gênero, etc.
Relações intergrupais	Nação, etnias, sexos, categorias sociais, identidade, etc.

Quadro 3: Domínios Relacionados à Teoria das Representações Sociais

Fonte: Adaptação a partir de Jodelet (2001).

A importância das representações sociais para nosso cotidiano está na necessidade de sabermos nos comportar no mundo atual. A criação de representações dos indivíduos objetiva identificar e resolver problemas. Por não vivemos num vazio social, a compreensão e administração de objetos, pensamentos e indivíduos nos leva a tomar decisões e nos posicionar sobre a realidade em diferentes dimensões. As definições partilhadas pelos indivíduos constroem uma visão da realidade para seu grupo. Visão esta que poderá ser conflituosa com a de

outros grupos, com implicações nas ações e trocas cotidianas. Isto se caracteriza como funções e dinâmica sociais das representações (JODELET, 2001).

Jodelet (2001, p. 21) diz que “as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social”. Estes fenômenos podem ser estudados separadamente, em alguns elementos: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc. É uma “forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22). A sua importância está relacionada à vida social e ao esclarecimento dos processos cognitivos e das interações sociais. A seguir, a autora aponta algumas particularidades das pesquisas com base nessa teoria.

Característica	Descrição
Vitalidade	A consolidação da teoria das representações sociais pode ser percebida pelas publicações realizadas, pela diversidade de países onde é utilizada em pesquisas, dos domínios de sua aplicação, das abordagens teóricas e metodológicas que inspira; A evolução das investigações e as mudanças paradigmáticas em diversas ciências proporcionaram novas perspectivas e pesquisas, conseqüentemente o desenvolvimento em toda sua atualidade; Propicia interpretações múltiplas da noção e das discussões como fonte de avanços teóricos.
Transversalidade	Possibilita pensar nas relações entre o material e o mental na evolução das sociedades: história (formação social, ordem cultural, organização social); antropologia (comportamento político, religioso, linguagem, transformação social); sociologia (interacionismo simbólico, etnometodologia, fenomenologia, sociologia do conhecimento); Concepção de empreendimentos empíricos e conceituais com a articulação dos princípios psicossociológicos a outras disciplinas; Multiplicidade de relações com disciplinas próximas, articuladas por variados campos de pesquisa.
Complexidade	Situa-se numa posição intermediária entre os conceitos sociológicos e psicológicos; Relação com processos de dinâmica social e psíquica; Funcionamento cognitivo e social, de grupos e interações sociais; Articula elementos afetivos, mentais e sociais; Considera as relações sociais que influenciam a realidade material, social e ideativa; [...] respeita a complexidade dos fenômenos.

Quadro 4: Particularidades das Pesquisas sobre Representações Sociais

Fonte: Adaptação a partir de Jodelet (2001).

O partilhar de uma mesma condição social poderá resultar em uma mesma relação com o mundo, valores, modelos de vida ou desejo específicos. Através da “ancoragem enraíza a representação e seu objeto numa rede de significações que permite situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerência” (JODELET,

2001, p. 38). A ancoragem possibilita a instrumentalização do saber, atribuindo um valor funcional para a interpretação e a gestão do ambiente.

A teoria das representações sociais se caracteriza atualmente como um campo de estudos crescente nas últimas décadas, com uma multiplicação dos objetos de pesquisa, diferentes abordagens metodológicas, estudos específicos, problemáticas de fenômenos representativos e paradigmas predispostos a desvendar a dinâmica representacional. Tais elementos possibilitam o surgimento de trabalhos coerentes, compostos por estudos que constroem campos independentes e amparado em conceitos consolidados cientificamente (JODELET, 2001).

Moscovici (2001) traça um comparativo entre as representações coletivas e representações individuais de Durkheim. As representações individuais são próprias de cada indivíduo e têm sua essência na consciência de cada um; as representações coletivas fundamentam-se na sociedade em sua totalidade. Pretende-se que a representação seja homogênea e partilhada por todos os componentes do grupo. A noção de representação coletiva mantém um vínculo entre os indivíduos e parece instruí-los para pensar e agir uniformemente. Por isso ela é coletiva: exerce uma influência coercitiva sobre os indivíduos.

“O indivíduo sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos. Essas representações diferem de acordo com a sociedade em que nascem e são moldadas” (MOSCOVICI, 2001, p. 49). A reação do indivíduo perante o ambiente externo pode ser expressa nas representações explicitadas na forma de ideias.

As relações sociais estabelecidas a partir de pensamentos podem direcionar-se a resolver problemas específicos, com o objetivo de conceber uma visão sobre a realidade em que os indivíduos vivem. Principalmente “numa sociedade mais complexa, tecem-se relações de cooperação que ampliam o espaço no qual a personalidade de cada um pode desenvolver-se” (MOSCOVICI, 2001, p. 55).

Os movimentos sociais, à procura de expansão e organização, se basearam em imagens e conceitos, por meio da difusão e compartilhamento das representações. Atuaram num fluxo de explosão, na comunicação e na ação, para criação de símbolos e palavras transmitidos nas redes de interações. Moscovici (2001) aponta que essas correntes fervilhantes e as suas representações registraram que a ideologia após seu estabelecimento pode-se difundir por meio das representações sociais. Conforme acentua outro autor, “certas formações coletivas

da sociabilidade e da cultura, que dizem respeito a sistemas de representação, são objeto de uma atenção especial: mitos, contos e lendas, visões-concepções de mundo, crenças, ideias religiosas, ideologias” (KAËS, 2001, p. 75).

Cada indivíduo pertencente a um grupo social possui incontáveis representações, as quais se mantêm na memória por muito tempo e constituem-se o saber do indivíduo (SPERBER, 2001). Esse conhecimento, quando compartilhado entre os membros do grupo, por meio de seus valores, suas crenças e visões de mundo, caracteriza-se como representações sociais.

No caso dos ocidentais, se aceita que são possíveis pensamentos diferentes em diferentes tribos. Porém, tem-se dificuldade de aceitar que nas próprias sociedades possam existir maneiras de pensar diferentes (WINDISCH, 2001, p. 140). A percepção do indivíduo pode ocorrer de acordo com sua representação.

A representação é um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação. É determinada ao mesmo tempo pelo próprio sujeito (sua história, sua vivência), pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social (ABRIC, 2001, p. 156).

O núcleo central da representação é determinado, por um lado, pela natureza do objeto apresentado; por outro, pela relação que o sujeito mantém com esse objeto. Pois é um subconjunto da representação, composto de um ou de alguns elementos, cuja ausência desestruturaria ou daria uma significação radicalmente diferente à representação em seu conjunto. O núcleo central se caracteriza como o elemento mais estável da representação e mais resistente à mudança (ABRIC, 2001). Os esquemas ou elementos ou características do núcleo central são mais abstratos estruturalmente do que outros fenômenos estudados:

Na realidade, a periferia da representação serve de pára-choque entre uma realidade que a questiona e um núcleo central que não deve mudar facilmente. Os desacordos da realidade são absorvidos pelos esquemas periféricos, que, assim, asseguram a estabilidade (relativa) da representação (FLAMENT, 2001, p. 178).

Os valores sociais são considerados como elementos objetivos próprios ao modo de vida coletivo e social de um grupo e as atitudes psicológicas são vistas como objetivas e observáveis, mas próprias dos indivíduos membros desse grupo.

Entretanto, são estudadas sob uma ótica sociológica em relação ao mundo social e em conjunção com valores sociais (THOMAS; ZNANIECKI, 1918 *apud* DOISE, 2001).

A ancoragem “consiste na incorporação do estranho numa rede de categorias familiares” (DOISE, 2001, p. 190). E as representações sociais fornecem uma posição ou uma perspectiva a partir da qual um indivíduo ou um grupo observa e interpreta os acontecimentos e as situações. Ela contribui para que um sujeito possa se comunicar com outros sujeitos, possibilitando “situar-se e situar seu mundo”. As representações sociais facilitam interpretações individuais do mundo social e físico (SEMIN, 2001) e o conceito de representações sociais está vinculado à compreensão de como o conhecimento é representado na sociedade e partilhado por seus componentes, relacionado aos diferentes aspectos da vida e da sociedade (HEWSTONE, 2001).

As representações sociais nascem como um modo de conhecer a realidade dos indivíduos (RUBIO, 2001), elas se articulam essencialmente sobre a resposta a um “por quê” em relação aos acontecimentos, ao comportamento social e às suas consequências, com explicações fundamentadas em bases do conhecimento em conteúdo e origem social (HEWSTONE, 2001). As representações se referem a algo ou alguém, como uma instituição, um conteúdo, uma metodologia, um acontecimento, um regulamento, etc. (OSORIO; CAJIGA, 2004).

Spink (2004) indica as representações sociais como um conceito central em pesquisas de diferentes áreas, que focalizem as representações como objeto central ou como um instrumento para desvendar um objeto em questão. Elas se caracterizam pela elaboração do conhecimento a partir da perspectiva do indivíduo. São essencialmente dinâmicas e permitem desvendar os conhecimentos sociais que localizam o indivíduo no mundo e sua identidade social.

Por outro lado, Sá (2004) critica a vertente dominante da tradição norte-americana, defendida por Allport (1968). Portanto, ele considera que a tradição norte-americana é incapaz de produzir estudos sobre as relações informais, cotidianas, enfim, da vida humana em uma dimensão social ou coletiva.

As representações sociais se manifestam em todas as ocasiões e lugares em que os indivíduos se relacionam e se comunicam. Simplesmente faz parte da vida em sociedade, em grupos ou segmentos socioculturais. Podem ter diferentes graus de consistência de informação. Mas a estruturação, a unidade e a hierarquização do

conhecimento, em uma área de representação, poderão ser investigadas quanto à orientação global. Sá (2004) ainda analisa o estado atual do campo de estudos das representações sociais, ao completar 30 anos. Na primeira década de existência, permaneceu praticamente ignorado. Nos dez anos seguintes, foi utilizado por uma quantidade significativa de pesquisas empíricas sobre diversos objetos de representação. Em sua terceira década, a teoria das representações sociais se refinou em termos teórico-conceituais e se aperfeiçoou metodologicamente e esteve presente em outras abordagens do campo fenomenal. Portanto, ultrapassou as fronteiras francesas e européias. Consequentemente passou a receber críticas e questionamentos da academia. Críticas estas que influenciaram no desenvolvimento de um novo campo de estudos, por meio de testes vitais e complementares para consolidação de uma teoria.

No quadro a seguir, apresentam-se os assuntos e objetos relacionados à teoria das representações sociais.

Assuntos	Objetos Sociais
As disciplinas acadêmicas	Ciências físicas e biológicas, a psicologia, a medicina, a informática, etc.
A saúde e a doença	Doenças da maior impacto social, como o câncer e a AIDS; doenças mentais; transplantes de órgãos; a eficácia de medicinas paralelas e de práticas terapêuticas populares; as técnicas de preservação da saúde física e mental, como a ioga, a meditação transcendental, as ginásticas e as anti-ginásticas; as psicoterapias; as curas religiosas.
As questões ecológicas	Preservação de florestas e animais; a poluição; a responsabilidade das nações.
A política e a economia	O governo e os políticos; a corrupção; meios de comunicação; interesses estrangeiros; forças econômicas.
As cidades	As características locais; a cultura de seus habitantes; espaços urbanos.
As classes das pessoas	Por gênero, idade, opção sexual, raízes, culturas, costumes, valores, descendência.
A tecnologia e a natureza	Viagens espaciais; computadores; energia nuclear; telecomunicação.
Desigualdades sociais e educacionais	Pobreza; marginalidade; violência; segurança; tráfico de drogas; o crime organizado; o arbítrio policial.

Quadro 5: Assuntos e Objetos Relacionados às Representações Sociais
Fonte: adaptação a partir de Sá (2004, p. 24-25).

Leme (2004) argumenta que a teoria das representações sociais estaria envolvida num estudo de estruturas complexas, como sistema de crenças e padrões culturais, o que dependeria de uma abordagem multidisciplinar. As representações sociais conseguem envolver os valores, a ideologia e as contradições sobre a compreensão do comportamento social. Elas caracterizam-se como um

comportamento observável e registrável, e como um produto tanto individual como social. O autor argumenta que a consequência epistemológica fundamental de estudos sobre a teoria das representações sociais constata-se por meio de investigações realizadas sobre o conhecimento dos indivíduos em seu próprio contexto. As pesquisas podem estar inseridas numa sociedade, cultura, momento histórico e situação política e econômica. O autor conclui que as representações sociais caracterizam-se como um conceito globalizante, por meio de estudos que focam no indivíduo como um todo. O individual e a totalidade social são indissociáveis, sendo que o indivíduo ao transmitir suas representações recorre aos significados construídos a partir de suas vivências cognitivas e afetivas.

Sawaia (2004, p. 77) afirma que “a representação é social não porque sofre as determinações sociais, mas pela forma como é construída”. E Spink (2004) diz que o estudo das representações sociais pode ser feito sob duas perspectivas: estudos de situações sociais complexas (instituições, comunidades, eventos, etc); e pesquisas que foquem nos sujeitos, agentes e atores socialmente definidos (médicos, psicólogos, operários, deficientes físicos, etc). Entretanto, observa que só poderão ser analisados tendo como contrapartida um contexto social em que nasça, circule e se transforme. Porém, muitas críticas são direcionadas à teoria das representações pela dificuldade de compreensão da relação complexa entre a ação individual e a estrutura social (VOELKLEIN; HOWARTH, 2005).

As representações sociais são construídas socialmente, podem representar objetos do mundo. Em relação ao objeto-sujeito, as representações sociais são objetos. Também podem ser direcionamentos para explicar os processos e as práticas sociais (BORGUCCI, 2005). As representações sociais incluem a atividade desenvolvida pelos próprios sujeitos no processo da construção de sua própria visão da realidade, a forma de conhecer alguns fenômenos da realidade social, os pensamentos dos indivíduos em sua vida cotidiana, os conteúdos afetivos, os significados transmitidos pelos lugares, objetos, indivíduos e acontecimentos. (FONSECA; MOJICA, 2004).

As representações sociais propiciam construir discursos sobre o mundo e nossa realidade, sobre como compreendemos os fenômenos sociais em nosso meio, como nossa cultura política e a diversidade cultural em que vivemos. Elas se referem aos grupos e a classes sociais específicas (GÓMEZ, 2005); aos “valores e as crenças que estruturam e presidem a vida social, os quais são conteúdos por

excelência das representações sociais” (PORTO, 2006, p. 250). As representações sociais propiciam uma evolução do saber em relação à sociedade, por meio de sua rede de significações.

Uma sociedade é unilateral quando se tem a sensação de objetividade construída por uma suposta unidade de pontos de vistas. Já em sociedades plurais se convive com multiplicidade, coexistindo ou em disputa de hegemonia. As representações sociais são passíveis de distinções, em função dos múltiplos pertencimentos socioeconômicos e culturais em que os indivíduos ou seus grupos estão inseridos. Portanto, a importância das representações sociais está na “perspectiva de que permite centrar o foco da compreensão dos indivíduos, com reconhecimento de que se movem e movem suas práticas sociais em contextos específicos” (PORTO, 2006, p. 270).

Para Montagner (2006, p. 523), as representações sociais são categorias de análise que se alinham em um plano mediato, operam em termos práticos como um mecanismo que permite a passagem do coletivo, do estrutural ao individual, ao subjetivo. Ele conclui que os estudos na área da saúde precisam ir além das pesquisas biológicas. E que o comportamento individual pode estar inserido na relação de doenças crônicas e degenerativas, advindas da modernidade.

Estramiana e Ruiz (2006), por exemplo, analisaram as representações sociais das mulheres, refletiram sobre seus mitos e sua crença popular para compreenderem a teoria aplicada e para conhecer as atitudes sociais da mulher. Os autores concluíram que as representações sociais possibilitam conhecer os valores sociais, os significados e familiarizar-se com a ordem social. “As representações sociais orientam e dão lógica aos comportamentos, modificando e reconstruindo os elementos da realidade na qual eles se inserem” (ACEVEDO *et al*, 2006, p. 3). O conhecimento da realidade de indivíduos, seus valores e comportamentos, caracterizam-se como qualidades essenciais da teoria das representações sociais.

As representações e imaginários sociais podem constituir-se em instrumentos de marginalização discursiva. Por uma perspectiva crítica, as representações e os discursos são similares, mas por níveis sociais diferentes. Ambos correspondem a significados coletivos, que são produzidos em uma contingência social (lugar e história), que por sua vez participam na construção de tais contingências. A crítica é feita em relação às representações sociais, classificando-as conforme as formas que produzem e reproduzem o poder social (LABRÍN, 2006).

Na representação da realidade integram-se as características do objeto e também as vivências anteriores dos sujeitos, de acordo com o sistema de normas e atitudes. Os indivíduos e grupos moldam sua visão funcional do mundo ao definir sua própria situação em relação a essa realidade. As representações são guias para ação. “As representações sociais são processos sociocognitivos, dependentes do sujeito, mas influenciados pelas condições sociais nas quais se elaboram e se transmitem” (LOPES; BUENO, 2007, p. 92).

Duveen (2007) conceitua as representações sociais como “quase intangíveis”. Elas podem circular, se entrecruzar e se cristalizar persistentemente, por meio de uma palavra, gesto ou reunião, em nosso cotidiano. A realidade das representações sociais pode ser de fácil compreensão, porém o conceito não. Pois se trata de uma mistura de conceitos sociológicos e psicológicos. Na opinião de Moscovici (2007), para se compreender os fenômenos sociais há necessidade de incluir e combinar conceitos psicológicos e sociológicos, numa ciência mista.

As representações sociais emergem não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico (DUVEEN, 2007, p. 21).

O que realmente caracteriza as representações são as interações humanas, surgidas entre indivíduos ou grupos (MOSCOVICI, 2007). Todavia, a representação se constitui numa realidade social porque é compartilhada pela coletividade, sem que necessariamente tenha sido originada pelo objeto coletivo. O autor ainda afirma uma sociedade pensante caracteriza-se por estudos sobre como os indivíduos se comunicam, decidem, revelam, escondem, suas ações e crenças, suas ideologias, ciências e representações.

A objetivação visa “transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir algo que está na mente em algo que exista no mundo físico” (MOSCOVICI, 2007, p. 61). O autor argumenta que a tendência para classificar, sendo pela generalização ou pela particularização, não se caracteriza como uma escolha unicamente intelectual, mas reflete uma ação específica em relação ao objeto, uma necessidade de defini-lo como normal ou diferente.

O que as sociedades pensam de seus modos de vida, os sentidos que conferem às suas instituições e as imagens que partilham, constituem uma parte

essencial de sua realidade e não são simplesmente um reflexo seu. As representações sociais combinam nossa capacidade de perceber, inferir, compreender e vêm à nossa mente para dar um sentido às coisas, ou para explicar a situação de alguém. Elas se apresentam como uma rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias (MOSCOVICI, 2007). São complexas e necessariamente inscritas dentro de um referencial de um pensamento preexistente, sempre dependentes, por conseguinte, de sistemas de crença ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência (VIGNAUX, 2007). As representações sociais também advêm de representações anteriores, elaboradas por indivíduos, suas crenças e seus discursos. Ou seja, há uma sequência de valores transmitidos de geração em geração.

Todos nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas. É uma questão de palavras, mas também de imagens mentais, crenças, ou pré-concepções (VIGNAUX, 2007, p. 242).

Então, torna-se essencial ressaltar as representações sociais são muitas vezes inseridas em fenômenos macrosociais que são de natureza duradoura. Ora, tais fenômenos são difíceis de estudar em laboratório (MARKOVÁ, 2007).

As representações sociais orientam a ação dos membros de um determinado coletivo, prescrevendo comportamentos e condicionado adesões, que permitem suportar a identidade dos mesmos. Por exemplo, Silva (2007) pesquisou as representações sociais tendo como objeto de estudos os atores organizacionais, os clientes, os fornecedores e os demais sujeitos envolvidos no processo de “fazer estratégia”. Jovchelovitch, que apresenta uma das contribuições mais relevantes para este estudo, sintetiza uma definição:

As representações sociais se referem tanto a uma teoria como a um fenômeno. Elas são uma teoria que oferece um conjunto de conceitos articulados que buscam explicar como os saberes sociais são produzidos e transformados em processo de comunicação e interação social. Elas são um fenômeno que se refere a um conjunto de regularidades empíricas compreendendo as ideias, os valores e as práticas de comunidades humanas sobre objetos sociais específicos, bem como sobre os processos sociais comunicativos que os produzem e reproduzem (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 87).

As representações sociais compreendem os saberes produzidos na e pela vida cotidiana, abrangem a compreensão dos indivíduos, das comunidades e de instituições. Incluem-se as dimensões de identidades, práticas, relações, tradições culturais e a história de uma comunidade. Portanto, a teoria das representações sociais busca identificar e compreender o conhecimento da vida cotidiana, como simbólico e social. Reforçando o que já foi dito por outros autores, a autora diz que as representações sociais vão além do indivíduo isolado, abarcando as dimensões objetivas, subjetivas e intersubjetivas, o que sinaliza a complexidade e a riqueza do conhecimento. Os estudos que envolvem a teoria das representações sociais podem ser realizados por meio de entrevistas e questionários (JOVCHELOVITCH, 2008).

O modelo a seguir, figura 1, apresenta a arquitetura da representação (JOVCHELOVITCH, 2008).

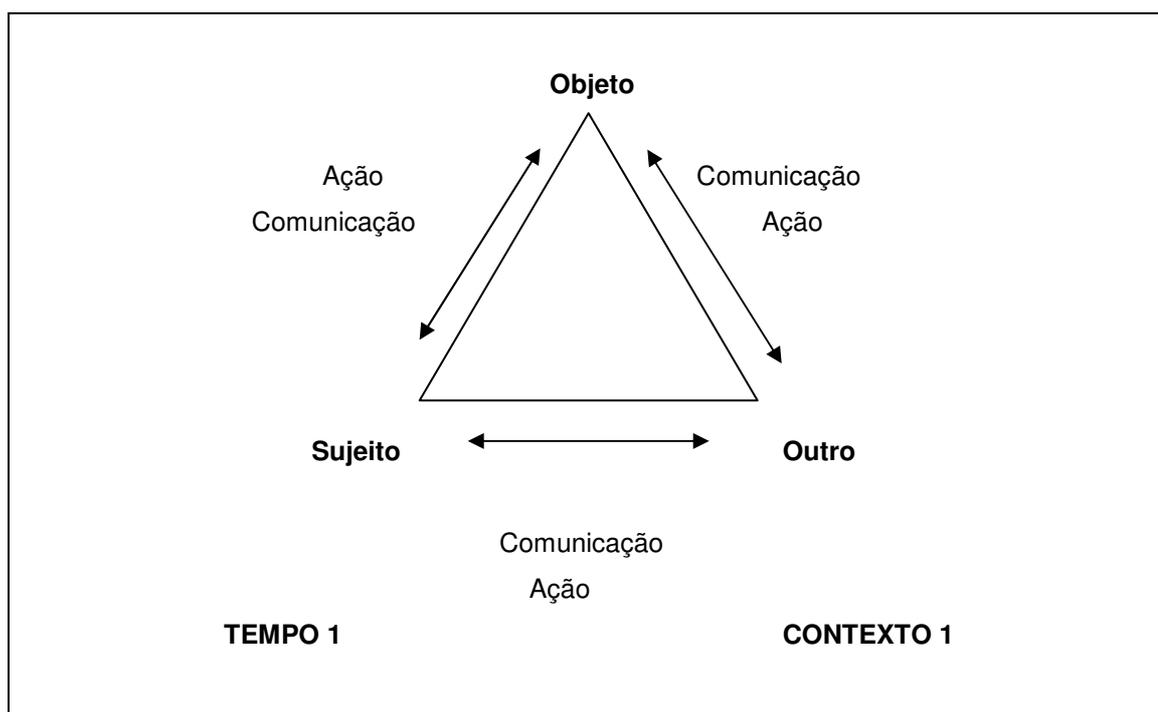


Figura 1: Arquitetura da Representação: Constituintes e Modo de Produção
 Fonte: Modelo de Jovchelovitch (2008, p. 72).

No quadro a seguir, apresentam-se as formas, os modos e as funções do saber, no contexto das representações coletivas e das representações sociais.

Modo/ Forma	Representações coletivas (Homogêneas)			Representações Sociais (Heterogêneas)	
	Mito	Crença	Ideologia política	Senso comum	Ciência
Identidade	Presente – tendência à constância	Presente – tendência à constância	Presente – tendência à constância	Presente – móvel	Tentativa de remover
Comunidade	Presente (constância)	Presente (constância)	Presente (contingente)	Presente – móvel	Tentativa de remover
Memória	Conservação	Conservação	Conservação ou manipulação	Elaboração	Elaboração
Antecipação	Orientada ao passado e futuro	Orientada ao passado	Orientada ao futuro	Orientada ao passado e futuro	Orientado ao futuro
Ideologia	Presente	Presente	Presente	Presente	Tentativa de remover

Quadro 6: Formas e Funções do Saber – Modalidades de Representação
Fonte: Jovchelovitch (2008, p. 206).

O aparecimento e a propagação da teoria das representações sociais possibilitaram a reflexão sobre novas questões, como a visão de mundo, as ideias e o conhecimento sobre a realidade social. As representações sociais podem ser compreendidas como fenômeno (objeto de pesquisa), como teoria (resposta científica do estudo) e como metateoria (discussão da teoria) (VIANA, 2008). Porém, as representações sociais podem ser consideradas como sinônimos de outras palavras.

[...] inúmeras outras palavras podem ser consideradas equivalentes, tais como: ideias, visões de mundo, consciência, conhecimento vulgar, saber popular, consciência coletiva, conhecimento comum, cultura popular, ideologia (além dos próprios termos senso comum, representações e representações coletivas, dependendo de como se concebe este último termo), etc (VIANA, 2008, p. 55).

As representações sociais expressam visões de mundo com o objetivo de explicar e dar sentidos aos fenômenos, participando da constituição dos mesmos. (WAIANDT; DAVEL, 2008). Podemos considerar que elas permitem focar no indivíduo e em suas práticas sociais em contextos específicos, como em redes sociais.

As pessoas produzem representações sociais influenciadas pelo espaço vivido, como o das redes sociais, e também estão inseridas em redes sociais influenciadas por representações sociais deste espaço vivido [...]; para uma melhor compreensão do grau de organização em rede é fundamental conhecer a influência das representações sociais – relativas ao universo da proteção integral – produzidas pelos segmentos da população envolvidos (FURINI, 2008, p. 18).

As representações sociais são modalidades de pensamento prático orientados para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e de ideias. Elas se formam quando indivíduos reúnem-se para dialogar, debater ou argumentar seu cotidiano, ou expõem em instituições, mídias ou a história da sociedade (FRUTOS; VERCESI, 2008).

A teoria das representações sociais visa investigar a relação entre sujeito e objeto, sem separá-los. Ela valoriza a função ativa dos indivíduos no contexto social (CRUZ, 2008). Ao mesmo tempo, pertence a uma família de abordagens amplamente concebida para estudar as interdependências entre social e individual do conhecimento compartilhado, que se baseiam em epistemologia dialógica. Esta epistemologia, a fim de fazer perguntas sobre a estabilidade no conhecimento, pressupõe a sua mudança.

Os ciclos de desenvolvimento industrial têm privilegiado muitas vezes o aperfeiçoamento instrumental em detrimento da compreensão sobre os indivíduos e seus valores essenciais. Muito se investe em tecnologia e suas aplicações na vida cotidiana trouxeram maior produtividade e melhor qualidade de vida, fatos que são inquestionáveis. Porém, por detrás de toda tecnologia reside o componente humano que a criou e que é parte de uma sociedade em constante transformação (PIMENTEL, 2009, p. 5).

Enfim, a visão de mundo das lideranças da organização implica na investigação sobre a construção da realidade social e seus significados sobre a filosofia de vida prática, que no caso específico é o Yôga. A teoria das representações sociais parece adequada para a compreensão das interfaces culturais de pessoas que convivem com duas ou mais culturas, como a indiana e a brasileira, no caso da Uni-Yôga.

A representação é uma forma de elaboração de saber reconhecidamente importante, pois considera o repertório individual, a troca social e a subjetividade, na construção do conhecimento. A representação é um saber prático que reduz as aflições e medos do indivíduo em relação ao ambiente ao qual pertence e confere aos agentes um código de conduta que os reposiciona frente às emergências do cotidiano (FONSECA; MORAES; CHAMON, p. 43, 2009).

Em síntese, a teoria das representações sociais serviu como referencial teórico fundamental para a identificação, descrição e compreensão dos valores compartilhados pelas lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina, considerando-se o encontro (conflituoso, harmonioso, etc) entre as culturas ocidentais e orientais.

1.3 Estilo de Vida e Qualidade de Vida

A concepção de estilo de vida e qualidade de vida ⁷ serve como suporte teórico complementar no desenvolvimento da pesquisa. Esses temas estão relacionados às características da prática do Yôga e às representações sociais das lideranças da Uni-Yôga.

A caracterização de um estilo de vida pode advir de uma mudança social e de hábitos. Essa mudança social como objetivo de um movimento pode significar tanto meta positiva, como a introdução de algo não existente até então, bem como negativa, como obstáculo a mudança. Pode ser decorrente de processo não-relacionado a movimentos sociais ou de movimento concorrentes. Os movimentos sociais podem produzir mudanças advindas de mudanças nos próprios movimentos e na sociedade, bem como a influência nos indivíduos por meio da transformação de seu ambiente de atuação e suas características (SZTOMPKA, 1998).

A disponibilidade e acesso às informações não são suficientes para influenciar na adoção de hábitos de vida saudáveis. O valor social atribuído a determinados hábitos é de grande importância aos indivíduos, principalmente aos jovens. Porém, a luta constante contra estímulos emitidos por mensagens de

⁷ Neste trabalho não objetivamos realizar uma fundamentação teórica extensa e profunda sobre os temas estilo de vida e qualidade de vida. Primeiro, porque não faz parte do objetivo do trabalho. Segundo, porque existe uma vasta quantidade de obras disponível na academia, principalmente sobre qualidade de vida.

produtores de tabaco, álcool e comidas industrializadas, por exemplo, forma um ambiente com duplas versões (CHOR, 1998).

Chor (1998, p. 659) sustenta que “diversos estudos têm demonstrado que educação, informação e acesso a bens e serviços não são suficientes para causar e manter mudanças de hábitos e atitudes relacionadas à saúde”. Portanto, depende do indivíduo a ação de modificar seus hábitos, em prol da melhoria da qualidade de vida e mudança de seu comportamento.

É necessário compreender o aparecimento de redes e grupos específicos na sociedade de massa. E o individualismo é substituído pela necessidade de identificação com um grupo (MAFFESOLI, 1998). Chor (1999, p. 424) afirma que os “conceitos de normalidade e comportamentos socialmente desejáveis influenciam escolhas aparentemente individuais, fortemente relacionadas aos hábitos coletivos”. Se o indivíduo mantiver-se em um grupo social, no qual compartilha hábitos saudáveis, poderá ser influenciado a seguir os bons exemplos de modos de vida. Porém, o contrário também poderia ocorrer. Principalmente em casos de violência e crimes, por exemplo.

Entretanto, a ocorrência da maioria das doenças está relacionada com o que as pessoas comem ou bebem, com suas atividades diárias, e seu ambiente físico e social. A separação dos hábitos e valores da sociedade e de seus desviantes não será possível, goste a sociedade ou não (CHOR, 1999). O autor atribui a responsabilidade do desvio do indivíduo à sociedade, com uma parcela de responsabilidade compartilhada pelo grupo social, contrariando o senso comum. E diz que embora os hábitos sejam influenciados pelos valores e condições sociais, o comportamento individual é mediado por escolhas pessoais. É importante compreender as variáveis determinantes do comportamento humano em suas escolhas e prazeres, relacionadas aos hábitos relacionados a comer, beber, fumar e à vida sexual.

Chor (1999, p. 423) diz que “conceitos sociais de normalidade influenciam escolhas destes comportamentos, que são aparentemente individuais”. Porém, para um perfeito equilíbrio da qualidade de vida é necessária a busca de alternativas que interliguem o corpo e a mente. Por exemplo, por meio de atividades físicas, aprimoramentos em conhecimentos e *Yôga* (LIMA *et al*, 2001). A busca por formas alternativas de viver poderá conduzir o indivíduo a procurar opções fora de seu contexto. O homem civilizado sente-se pressionado a não manifestar seus

sentimentos contrários ao da sociedade em que está inserido. Esta retenção de sentimentos é promovida pela educação, por regras e valores transmitidos pela educação formal e informal, e pela socialização em geral (AMATO; AMATO, 2004). Portanto, ao mesmo tempo em que o indivíduo pode tentar buscar soluções fora de seu contexto, ele pode também ficar preso aos seus próprios valores e aos do seu grupo social.

Castro *et al* (2005, p. 189) argumenta que “a mudança de estilo de vida está relacionada a ações educativas e à necessidade imperiosa de cada indivíduo frente aos seus problemas de saúde”. Todavia, apontam que as práticas alimentares dos diferentes grupos sociais são determinadas por diversos fatores que vão desde o acesso aos alimentos até as escolhas baseadas em crenças religiosas e valores culturais. Então, as escolhas individuais podem ser afetadas pela prática existente no grupo social do qual o indivíduo faz parte.

De qualquer forma, o estilo de vida neste milênio caracteriza-se pela busca do conforto e bem-estar. Entretanto, frequentemente confundem-se isto com menor esforço físico e sedentarismo, inclusive com apoio de tecnologias. Alguns resultados indesejáveis são denominados “doenças da civilização” (AMATO; AMATO, 2004). São doenças contemporâneas provocadas pelas próprias condições de vida na civilização ocidental fortemente urbanizada e industrializada. Entretanto, também a busca de alternativas para equilibrar o corpo físico e a mente dos indivíduos são estimuladas na mesma civilização, como uma alternativa de mercado ou como uma alternativa de mudança civilizatória almejada por grupos e indivíduos. E uma dessas alternativas pode ser o Yôga. Trataremos desse assunto na seção seguinte.

O estresse manifesta-se e caracteriza-se como uma dessas doenças da civilização, com um conjunto de sintomas oriundos em grande medida das sociedades ocidentais urbanizadas e industrializadas. “São características da sociedade moderna e competitiva, na qual os indivíduos despendem muita energia na tentativa de se adaptarem às situações continuamente alteradas” (AMATO; AMATO, 2004, p. 41). Pois até mesmo por razões sociais ou de sobrevivência, o homem frequentemente precisa suprimir a resposta comportamental instintiva: a livre expressão do ressentimento não é normalmente aceita na convivência social.

Muito frequentemente os indivíduos pretendem resultados imediatos e passam a praticar esporte sem nenhum critério (AMATO; AMATO, 2004), por

exemplo. Por isso, é relevante a pessoa realizar exames médicos antes de iniciar uma prática física.

Amato e Amato (2004, p. 87) argumentam que “os benefícios do exercício físico vão muito além da recuperação orgânica, têm também um efeito psicológico e social altamente eficaz”. Na prática de atividades físicas o indivíduo consegue resultados como a redução da depressão e ansiedade, a manutenção do peso e pressão arterial, por exemplo. Castro *et al* (2005) afirmam que a mudança de estilo de vida traz melhores resultados quando o próprio indivíduo está se estimulando.

Existem poucos estudos no Brasil sobre estilos de vida de indivíduos que são vegetarianos. Mas apesar de ainda muito pouco estudadas, as razões para a adesão ao vegetarianismo estão longe de estar relacionadas à questão econômica (TEIXEIRA *et al*, 2006). Por exemplo, os estilos de vida dos vegetarianos, independente de sua posição socioeconômica, apresentam condições de vida mais favoráveis a um menor índice de estresse e a menos problemas cotidianos da vida.

Teixeira *et al* (2006, p. 142) conclui que a alimentação “ocidentalizada” oferece maior risco ao desenvolvimento de doenças do que aos indivíduos que têm uma alimentação vegetariana. Também consideraram o vegetarianismo como uma opção para prevenção e tratamento de doenças crônicas.

A qualidade de vida se relaciona com diversas áreas do conhecimento, com filosofias de vida alternativa, atividades físicas e exercícios mentais, sempre com o objetivo de melhorar a vida dos cidadãos. Qualidade de vida certamente não se limita a ausência de doenças, mas implica disposição para viver, evoluir, superar-se.

A crise do presente é para ser superada, daí a necessidade de associarmos as noções de crise, evolução, revolução, regressão, em vez de escolhermos uma, abandonando as outras. [...] Isso só é possível por meio do conhecimento complexo, pois este reconhece os limites do próprio ato de conhecer (MOREIRA, 2001, p. 16).

A superação desses desafios está atrelada à disposição de considerar uma “outra forma de entender o mundo e a própria vida. O desafio está em caminharmos na direção de mudar a nossa maneira de pensar, agir e sentir” (MOREIRA, 2001, p. 17). Essa alteração do modo de perceber o ambiente e a individualidade passa pelas representações sociais de indivíduos inseridos em grupos.

“Há soluções para os principais problemas do tempo presente, mas essas soluções vão requerer uma mudança radical em nossas percepções, em nosso

pensamento e em nossos valores” (MOREIRA, 2001, p. 17). O autor também aponta que os valores da sociedade industrial estão fundamentados no antropocentrismo, enquanto os novos valores deverão estar baseados em valores ecocêntricos, na Terra.

A qualidade de vida se expressa na cultura. E a civilização ocidental aparece como uma entre a imensidade de configurações culturais contemporâneas. “Na busca de um autoconhecimento o “Ocidente” olha-se nesse espelho” (DAWSEY, 2001, p. 29). Uma das opções atuais ao discurso apresentado na relação entre originalidade e tradição, por meio de práticas como as do ioga, na busca do “eu verdadeiro”, conduzem o indivíduo a experiências predefinidas e interpretá-las (KOLYANIAK FILHO, 2001).

Embora as transformações sejam constantes no mundo atual, percebe-se a ocorrência de processos ambivalentes. Como acontece com alguns movimentos sociais que se encontram às margens da sociedade, embora seus valores sirvam para revitalizar o todo. Afinal, “há um evidente e imenso descompasso entre o progresso tecnológico e o progresso social em termos de qualidade de vida” (MOSCOVICI, 2003, p. 2).

Fela Moscovici (2003) diz que a qualidade de vida num ambiente organizacional contemporâneo que adotou um modelo burocrático de gestão está em meio a uma contradição. De um lado, o papel controlador e deliberado e, de outro, a pressão pela criatividade, mudanças e soluções. Essa compreensão da complexidade conflituosa na vida organizacional causa dúvidas aos indivíduos quanto à sua trajetória profissional e pessoal.

“A qualidade de vida não acompanhou a velocidade do avanço tecnológico, definindo gradativamente” (MOSCOVICI, 2003, p. 9). A autora sustenta que há uma demanda reprimida entre os indivíduos, uma busca de algo mais, profissionalmente, para completar e dar sentido à vida. O algo mais está relacionado com o conhecimento do eu – pessoa, potencialidade e sua individualidade como ser.

“A qualidade de vida depende dos hábitos, das formas de dividir e utilizar o tempo diário, da orientação de cada um” (MOSCOVICI, 2003, p. 11). Esse equilíbrio é necessário para se conquistar um estilo de vida em que o indivíduo tenha condições de prosperar tanto em aspectos profissionais quanto pessoais.

O avanço da ciência aponta na direção de um horizonte luminoso que recupera e revitaliza a visão de filósofos orientais e de antigas culturas ocidentais, integrando experiências místicas, intuição, racionalidade, método científico, modernidade (MOSCOVICI, 2003, p. 106).

Talvez devido a essas dificuldades enfrentadas pelos indivíduos na atualidade, cada vez mais filosofias orientais estão inseridas no ocidente Tanto para correção em casos de doenças, como para a prevenção de problemas futuros.

Na seção a seguir, trataremos dos aspectos metodológicos da pesquisa, como contextos e sujeitos, as fontes documentais, as estratégias e instrumentos, técnicas de coleta e análise de dados.

2 Procedimentos Metodológicos

Este capítulo aborda os procedimentos metodológicos, por meio de uma pesquisa qualitativa e busca articular características da fenomenologia e do paradigma da complexidade (o que de certa forma já é feito na obra de Morin). A pesquisa pretendeu investigar as percepções dos indivíduos por meio das representações sociais em uma organização multicivilizacional.

A pesquisa qualitativa mostrou-se adequada neste trabalho em razão da complexidade e multiplicidade de valores, crenças, hábitos, percepções e principalmente em função das características peculiares do objeto de pesquisa. Este tipo de pesquisa tem sido desenvolvido por autores que trabalham com a teoria das representações sociais, embora esta teoria também seja utilizada com metodologia de pesquisa quantitativa (ABRIC, 2001; LANE, 2004; SPINK, 2004; SOUZA FILHO, 2004; DUVEEN, 2007; MOSCOVICI, 2007). As informações foram coletadas por meio de entrevistas em profundidade, observação direta e documentos. Portanto, utilizamos à estratégia do estudo de caso (MERRIAM, 1998; STAKE, 2000; ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000; ALVES-MAZZOTTI, 2006; GODOY, 2007).

Conforme dito na introdução, o objetivo geral do trabalho foi investigar as representações sociais de lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina sobre as dualidades valorativas e práticas (orientais-ocidentais) que perpassam a cultura da organização.

Neste trabalho, prevalece a busca de uma análise sob o ponto de vista do indivíduo por meio das representações sociais, sobre os diferentes níveis de análise organizacional. Foram valorizadas diversas temáticas como estilo de vida, qualidade de vida, visão de mundo, valores e crenças. Também pode ser percebida a interação entre indivíduo, organização e sociedade com a abordagem do nível civilizatório.

No quadro 7, percebe-se que o método qualitativo de pesquisa tem fundamentação na fenomenologia e na abordagem da complexidade. Nem todos os aspectos da epistemologia da complexidade foram utilizados no trabalho.

No quadro a seguir, com a intenção de agregar aspectos epistemológicos (capítulo anterior) aos metodológicos, apresentam-se os aspectos do positivismo, da fenomenologia e da complexidade, bem como suas características, os pressupostos, prioridades e métodos.

Aspectos	Positivismo	Fenomenologia	Complexidade
Pressupostos	<ul style="list-style-type: none"> - Mundo é eterno e objetivo - Observador é independente - Ciência é isenta de valores (neutralidade axiológica) 	<ul style="list-style-type: none"> - Mundo é construído socialmente e subjetivo - Observador é parte daquilo que é observado - Ciência é movida por interesses humanos 	<ul style="list-style-type: none"> - Mundo é simultaneamente objetivo e subjetivo; existe unidualidade, ou complexidade, entre realidade externa e interna - Observador é parte do que é observado; portanto, é responsável pelo que percebe e concebe; - Ciência é permeada por valores humanos, éticos, econômicos e políticos e tem gerado tanto o bem quanto o mal.
Prioridades	<ul style="list-style-type: none"> - Focalizar fatos - Buscar causalidade e leis fundamentais - Reduzir fenômenos aos seus elementos mais simples - Formular hipóteses e testá-las 	<ul style="list-style-type: none"> - Focalizar significados - Procurar entender o que está acontecendo - Olhar para a totalidade de cada situação - Desenvolver ideias a partir dos dados por meio de indução. 	<ul style="list-style-type: none"> - Focalizar fatos e significados, mostrar as ambiguidades e paradoxos; - Associar sem fundir, distinguir sem separar a parte e o seu contexto; - Observar as emergências da interação das partes num contexto e a repercussão das emergências sobre as partes no mesmo contexto; - Observar princípios sistêmicos ou organizacionais, dialógicos, recursivos, retroativos, auto-eco-organizacionais, hologramáticos e a relação entre observador-objeto como reconstrução/tradução por um espírito/cérebro numa certa cultura e num determinado tempo.
Métodos	<ul style="list-style-type: none"> - Operacionalização de conceitos para que eles possam ser medidos - Tomar grandes amostras 	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de métodos múltiplos para estabelecer visões diferentes dos fenômenos - Pequenas amostras investigadas em profundidade ou ao longo do tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de métodos múltiplos visando tanto compreender quanto explicar a realidade fenomênica; - Pequenas amostras investigadas em profundidade ou ao longo do tempo, podendo conter grandes amostras como dados secundários; - Método é tomado como caminho estratégico, que pensa a si mesmo, em constante incerteza e busca de superação de erros e racionalizações ou ideologias. - Método, paradigma e teoria estão em constante interação aberta e reflexiva.

Quadro 7: Aspectos do Positivismo, da Fenomenologia e da Complexidade

Fonte: Boeira (2007), com adaptação a partir de Easterby-Smith *et al* (1999) e de Morin (1998).

Nesta dissertação, perceberam-se complementaridades entre o paradigma da complexidade e a teoria das representações sociais em relação à pesquisa qualitativa. Principalmente, por se tratar de um objeto de estudos peculiar (oriente-

ocidente: valores, costumes, visão de mundo, etc.) e pouco estudado pela comunidade científica.

Em seguida, apresenta-se o quadro 8 que sintetiza as características de diversos níveis de análise organizacional, já que esta dissertação aborda alguns aspectos culturais que perspeçam os vários níveis.

Nível	Características
Indivíduo	É constituído pelo ser humano como ser biopsicossocial: podem ser realizadas análises enfatizando aspectos biológicos, psicológicos ou sociais, assim como as interfaces dos três tipos de aspectos, com peso maior para um ou outro.
Interação	Três tipos de relações: <i>self-outro</i> , <i>ego-massa</i> e <i>nós-nós</i> .
Organização	A ordem organizacional é produto da interação de dois subsistemas: a) estrutural-material; b) simbólico. O primeiro remete às condições ecogeográficas, aos meios materiais para assegurar a função de produção de bens ou de serviços. O segundo subsistema remete ao universo das representações individuais e coletivas que dão sentido às ações, interpretam, organizam e legitimam as atividades e as relações que homens e mulheres mantêm entre si.
Sociedade	É um conjunto econômico, político, social e cultural, situado num contexto espaço-temporal. Também possui um subsistema estrutural-material e um subsistema simbólico que articulam as relações sociais entre os diferentes indivíduos e grupos. O nível da sociedade engloba, penetra e irriga o universo dos indivíduos, das interações e da organização – a sociedade é o sentido, domínio e condição do sentido. O processo de socialização ou aculturação condiciona o indivíduo aos seus grupos, ensina-lhe um conjunto de gestos, de atitudes, de comportamentos que lhe permitirão atuar em conformidade com as normas (escritas ou não), ser reconhecido como um integrante de grupos e distinguir-se das pessoas pertencentes a outros grupos. Esse processo está na base da identidade e da alteridade.
Mundial ou Civilizatório	É, via de regra, constituído por uma rede de relações econômicas, sociais, políticas e culturais mais ampla que as sociedades nacionais. Huntington, por exemplo, considera a existência das civilizações ocidental, africana, islâmica, sínica, hindu, ortodoxa, latino-americana, budista e japonesa. No contexto atual, a globalização dos mercados é acompanhada por uma globalização dos contatos culturais, políticos, ecológicos, etc. A “Terra-pátria” vive uma “agonia planetária” (MORIN; KERN, 1995).
Complexidade e Interdependência	Esta interdependência precisa ser evidenciada na análise, ainda que seja destacado um ou outro nível de análise. O paradigma da complexidade (MORIN; KERN, 1995) facilita a percepção da interdependência enquanto alerta para a necessidade de evitar-se a unilateralidade ou disjunção entre os níveis.

Quadro 8: Níveis de Análise Organizacional

Fonte: Boeira (2009), adaptação de Chanlat (1996), Morin; Kern (1995) e Huntington (1997).

Ao considerarmos os níveis apresentados acima (indivíduo, organização, sociedade, civilização, com características de interação e complexidade), pode-se perceber o quanto o tema estudado e objeto pesquisado estão embasados em um ambiente complexo e peculiar. A teoria das representações sociais possibilita o conhecimento dos valores individuais e grupais compartilhados sobre os níveis apresentados acima e a rede organizacional pesquisada possui características que possibilitam a formação das visões de mundo também em diferentes níveis.

2.1 Contextos e Sujeitos da Pesquisa

As lideranças das seis unidades da rede Uni-Yôga situadas em Santa Catarina nos municípios de Florianópolis, São José e Joinville foram a população alvo deste estudo. Estas unidades são credenciadas pelo Método DeRose de ensino e prática do Swásthya Yôga, denominado Yôga Antigo (DeROSE, 1996).

No quadro a seguir resumimos a trajetória dos sujeitos entrevistados, com o objetivo de informar a experiência de cada indivíduo na liderança da organização.

Sujeitos	Trajectoria de Vida dos Pesquisados
Entrevistado 1 (E1)	Profissional com trinta anos no mercado de consultorias, treinamentos e palestras sobre qualidade de vida e motivação em empresas no Brasil e na Europa. É supervisionado direto pelo Mestre DeRose. Escritor, autor de vários livros sobre Swásthya Yôga. Professora e pratica o Swásthya desde 1976, dirige a Associação Profissional dos Instrutores de Yôga de Florianópolis e preside da Federação de Yôga de SC.
Entrevistado 2 (E2)	Supervisionado pelo Mestre DeRose, Diretor de Relações Públicas da Universidade de Yôga no Kobrasol, Instrutor de Swásthya Yôga formado pela União Internacional de Yôga, Federação de Yôga de SC, Universidade de Yôga. Iniciou suas práticas em 2005 e leciona desde 2007.
Entrevistado 3 (E3)	Supervisionada pelo Mestre DeRose, Diretor da Universidade de Yôga na Trindade, Instrutora de Swásthya Yôga formado pela União Internacional de Yôga, Federação de Yôga de SC, iniciou suas práticas em 2005 e leciona desde 2007.
Entrevistado 4 (E4)	Professor de Swásthya Yôga desde 1990. Presidente da Associação dos Profissionais de Yôga de Joinville. Diretor Geral da Uni-Yôga Joinville. Autor do livro Swásthya Yôga em Dupla. Integrante de bancas examinadoras desde 1993, nas provas de avaliação para instrutores de Yôga, em diversas Federações Estaduais como SP, SC, PR, RS e PA.
Entrevistado 5 (E5)	Diretor, além de exercer a diretoria geral da Uni-Yôga Beiramar, também exerce a presidência da Associação dos Profissionais de Yôga da Beiramar e diretoria de Marketing da escola. Diretor de Unidade Credenciada a mais de 6 anos, instrutor há 9 anos e praticante de Swásthya Yôga há 11 anos.
Entrevistado 6 (E6)	Supervisionado pelo Educador DeRose e diretamente pelo Mestre Carlos Cardoso; Diretor da Representação da Uni-Yôga Coqueiros; Presidente da Associação dos Profissionais de Yôga de Coqueiros; Formado pela Universidade de Yôga, com extensão pela Universidade Federal de Santa Catarina.
Entrevistado A (A)	Professora de Swásthya Yôga com 15 anos de prática e ensino é supervisionada pelo Mestre DeRose, ocupando atualmente os cargos de Presidente da Associação dos Profissionais de Yôga de Palhoça, Diretora da Federação de Yôga de Santa Catarina, fundadora da Associação dos Profissionais de Yôga de São José/SC e Diretora Pedagógica da Universidade de Yôga no Kobrasol. Autora do livro Léxico de Yôga Antigo. Coordenadora do Programa Swásthya Yôga nas Empresas e responsável pela implementação do Programa Swásthya Yôga na Escola em SC.
Entrevistado B (B)	Instrutor de Swásthya Yôga com 10 anos de prática e 8 anos de ensino, é supervisionado pelo Mestre DeRose, ocupando atualmente os cargos de Vice-Presidente da Federação de Yôga de SC, Presidente da Associação dos Profissionais de Yôga do Kobrasol e Diretor-Geral da Universidade de Yôga no Kobrasol. Formado pela União Internacional de Yôga, Federação de Yôga de SC, Universidade de Yôga. Autor dos livros A parábola do croissant e Quadros Sinóticos do Curso Básico.

Quadro 9: Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

Fonte: Entrevistas e apresentação dos pesquisados.

Essas organizações estão inseridas num dilema civilizacional, pois administram uma filosofia oriental e antiga num mundo ocidental e contemporâneo. As controvérsias e peculiaridades de estilos de vida podem contribuir para distorções sobre a atuação dessas unidades no Ocidente.

Portanto, a visão de mundo das lideranças contribui para a compreensão da transformação gerada pela adoção de um modo de viver diferente do convencional e ocidental, baseado em ensinamentos com aproximadamente cinco mil anos de existência.

Os líderes pesquisados foram receptivos e nos atenderam com satisfação, em clima agradável e afetuoso. Demonstraram uma valorização por trabalhos acadêmicos sobre sua organização e filosofia de vida. Responderam a todas as questões. Enfim, nos trataram com respeito, ética e profissionalismo.

2.2 Fontes Documentais

A pesquisa documental utilizou livros, artigos, revistas e *sites* como fontes de informações.

2.3 Estratégias e Instrumentos

A pesquisa foi direcionada pelo estudo de caso (MERRIAM, 1998; STAKE, 2000; ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000; ALVES-MAZZOTTI, 2006; GODOY, 2007), que trata de fenômenos socioculturais. Os estudos qualitativos “constituem instrumentos indispensáveis e frequentemente mais ricos em informações – inclusive teóricas – para o conhecimento e a análise das representações sociais” (ABRIC, 2001, p. 169).

As pesquisas sobre representações desenvolvidas na América Latina, principalmente no Brasil, em sua maioria, tratam de investigar grupos sociais relacionados a diversos aspectos, como saúde, moradia, cidade, etc. As estratégias metodológicas utilizadas para abordar a teoria das representações sociais variam consideravelmente, desde entrevistas abertas, com roteiro semi-estruturado,

questionários abertos e fechados, até escalas, desenhos e representações gráficas (LANE, 2004).

Spink (2004, p. 100) afirma que a fonte e coleta de dados para uma pesquisa sobre representações sociais poderão ser realizadas através de entrevistas, de livros, documentos, memórias, jornais ou revistas. Três técnicas são normalmente utilizadas: verbais, não-verbais e observação. Todavia, a forma verbal se caracteriza como a mais usada, por meio de entrevistas abertas, sendo consideradas como uma rica fonte de informações.

As pesquisas sobre representações sociais podem ser feitas por meio de pequenas amostras, que retratem a interação do objeto na realidade estudada e perceba as visões individuais sobre a sociedade de forma extensiva. O trabalho pode ser facilitado com o uso de questões abertas (SOUZA FILHO, 2004).

O estudo sobre as representações sociais compromete-se com situações sociais naturais e complexas, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa (SPINK, 2004). As representações sociais objetivam conhecer os significados produzidos e reproduzidos por uma determinada população sobre um objeto delimitado.

A tarefa básica de um estudo de representações sociais é explicitar elementos de sentido isolados ou combinados em construtos representacionais; produzidos, mantidos e extintos em função de condições sociais específicas vividas por indivíduos e grupos (SOUZA FILHO, 2004, p. 113).

Por meio das indicações acima sobre representações sociais, esta investigação se baseou no estudo de caso (MERRIAM, 1998). Tal tipo de estudo possui características de pesquisa semelhantes às identificadas por Abric (2001), Spink (2004), Lane (2004), Souza Filho (2004), Duveen (2007) e Moscovici (2007) dentro dos estudos sobre as representações sociais.

Merriam (1998) diz que este estudo qualitativo possibilita realizar investigações na forma mais comum de pesquisa qualitativa. Portanto, busca descobrir e compreender um fenômeno, um processo, ou as perspectivas e visões do mundo dos indivíduos envolvidos. Ela argumenta que os dados podem ser colhidos através de entrevistas, observações e análise documental. A análise geralmente resulta na identificação de padrões recorrentes (na forma de categorias, fatores, variáveis, temas) que atravessam os dados ou na delimitação de um

processo. Nesse sentido, esta estratégia é convergente com a teoria das representações sociais. Por isso foi utilizada nesta dissertação.

Merriam (1998) diz que o estudo de caso qualitativo pode ser uma descrição holística de um fenômeno e possibilita a compreensão dos processos sociais em profundidade. A compreensão de particularidade em sua complexidade do objeto a ser pesquisado, como indivíduo, organização ou grupo de pessoas que compartilham um mesmo ambiente e experiência (STAKE, 2000).

[...] o estudo de caso constitui uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto, selecionada segundo critérios predeterminados e utilizando múltiplas fontes de dados, que se propõe a oferecer uma visão holística do fenômeno estudado. Os critérios para identificação e seleção do caso, porém, bem como as formas de generalização propostas, variam segundo a vinculação paradigmática do pesquisador, a qual é de sua livre escolha e deve ser respeitada. O importante é que haja critérios explícitos para a seleção do caso e que este seja realmente um “caso”, isto é, uma situação complexa e/ou intrigante, cuja relevância justifique o esforço de compreensão (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

Um estudo de caso possibilita a “investigação dos fenômenos humanos e sociais, com destaque para o estudo de caso qualitativo e a sua utilização na área de organizações” (GODOY, 2007). A autora considera a versatilidade do estudo de caso tem contribuído para a sua disseminação em estudos organizacionais.

A seguir, o quadro com as características dos quatro princípios compartilhados nas pesquisas sobre representações sociais.

Item	Princípios metodológicos das pesquisas em representações sociais
a)	Obtêm materiais de amostra de conversações utilizadas na sociedade. Algumas partilham de assuntos importantes e outras de temas estranhos ao grupo; elas emergem de locais especialmente reservados; são determinadas pelas dimensões físicas e psicológicas das interações entre indivíduos; elas mudam com o passar do tempo; as interações acontecem naturalmente no decorrer das conversações e possibilitam aos indivíduos e grupos se familiarizarem com objetos e ideias incompatíveis, sabendo lidar com eles; a conversação configura e estimula as RS dando-lhe vida própria.
b)	Consideração das RS como meios de re-criar a realidade. Através da comunicação, os indivíduos e grupos concedem uma realidade física a ideias e imagens, a sistemas de classificação e fornecimento de nomes; se trata de algo re-feito, re-construído e não de algo recém-criado; a realidade disponível é a estruturada por gerações anteriores; elas se tornam independentes; algumas representações fazem referência a fatos e outras a ideias; ocorrem reconstruções sociais e influenciam a todos como integrantes do mundo natural.
c)	O caráter das RS revela-se especialmente em momento de crise, em que um grupo ou suas imagens passa por mudanças. Os indivíduos estão dispostos a dialogar, as imagens e expressões estão mais nítidas; as memórias coletivas estão estimuladas; o comportamento se torna mais espontâneo; há interesse em entender o mundo não-familiar; as RS se apresentam transparentes; novas descobertas e concepções causam tensões; das tensões surgem revoluções.
d)	Os elaboradores de representações são visualizados como professores amadores. E os grupos de pesquisas são vistos como modernos em relação à sociedade da época da formação dos professores.

Quadro 10: Princípios Metodológicos das Pesquisas em Representações Sociais
 Fonte: adaptação de Moscovici (2007, p. 89-93).

Os princípios metodológicos da teoria das representações sociais possibilitam conhecer as visões de mundo dos indivíduos, de seus grupos e da sociedade. As representações sociais ressaltam a importância de sua utilização para compreensão do ambiente complexo.

O estudo das representações sociais requer que nós retornemos aos métodos de observação. Não tenho a intenção de criticar os métodos experimentais, como tais. O seu valor é incontestável, para o estudo de fenômenos simples, que possam ser recortados de seu contexto. Mas não é este o caso das representações sociais que são armazenadas na nossa linguagem e que são criadas em um ambiente humano complexo (MOSCOVICI, 2007, p. 106).

Para alcançar o objetivo proposto neste estudo, realizamos uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e interpretativo. O procedimento fundamenta-se também na pesquisa bibliográfica para buscar informações relacionadas ao assunto que está sendo estudado.

2.4 Técnicas de Coleta e Análise de Dados

A coleta de dados ocorreu por meio de análise documental e entrevistas abertas com roteiro semi-estruturado. As entrevistas foram realizadas com as lideranças das seis unidades da rede Uni-Yôga sediadas em Santa Catarina. Foram gravadas, transcritas.

Na pesquisa bibliográfica foi realizada uma busca por obras utilizadas e produzidas pela própria Uni-Yôga, que servem como fonte de estudos para os integrantes da rede (DeRose, 1982, 1986, 1996, 2005), Santos (2001). Porém, como pode ser percebido no capítulo 3, buscamos também obras de autores participantes de outras correntes de Yôga, como Hermógenes (2007) e Borella *et al* (2007), além de estudiosos acadêmicos que não defendem especificamente nenhum tipo ou ramo do Yôga (Cooper, 2002; Eliade, 2004; Zimmer, 2008).

Pode-se destacar que a entrevista se caracteriza como uma prática de pesquisa que “mostra claramente a crise metodológica desenvolvida nas ciências humanas e sociais a partir de seu afastamento do paradigma moderno do empirismo e do subjetivismo moderno” (GODOI; MATTOS, 2007, p. 301). Na entrevista, o entrevistado e o entrevistador ocupam papéis diferentes, um de expor suas experiências e o outro apenas de escutar para posteriormente analisar. Eles argumentam que o direcionamento do entrevistado para alguns caminhos previamente planejados não garantirá uma previsibilidade da conversação. Entretanto, o embasamento da entrevista em um tema específico poderá não ser incompatível com a profundidade das experiências de vida, atitudes e valores dos pesquisados. Pois nos estudos organizacionais a tematização e profundidade precisam caminhar juntas. A utilização dessa prática permite obter uma grande quantidade de informações, oferecendo ao investigador a oportunidade do aprofundamento de pontos relevantes e inserir-se num processo de perguntas e respostas que proporcionam uma conversação franca, aberta, direta e flexível.

Em uma situação social em que o conhecimento é construído, em que o imprevisto e o insuspeito fazem parte do método, a dimensão central da validade envolve não o ocasional, mas a correspondência entre as produções geradas pela entrevista e o modelo teórico da pesquisa (GODOI; MATTOS, 2007, p. 307).

Entretanto, apesar da pesquisa ser embasada em um modelo teórico, que poderá delinear a forma como o trabalho empírico será realizado, imprevistos podem ocorrer durante o processo da construção do conhecimento, influenciando o desenvolvimento do trabalho, inclusive com possíveis ajustes.

Como pode ser visto no quadro 9, os entrevistados têm diferentes experiências profissionais, tempo de prática de Yôga e presença na rede organizacional. Portanto, a capacidade de responder e o tipo de respostas de respostas é variável durante as entrevistas.

As respostas dos entrevistados fluíam com naturalidade, clareza e agilidade. Tais características podem ter sido geradas pelo baixo nível de incertezas sobre os assuntos tratados na pesquisa e pelo conhecimento sobre o respectivo tema.

As perguntas realizadas nas entrevistas foram feitas separadamente e não em bloco. Portanto, foi respeitado um tempo de resposta para cada questão.

As representações sociais dos principais líderes da Uni-Yôga em Santa Catarina estão apresentadas e analisadas no capítulo 4. De forma que consideramos as perguntas confeccionadas para a entrevista como ponto de partida para o diálogo e não ficamos aprisionados somente às questões previamente elaboradas. Como se pode notar nos quadros do capítulo 4, alguns possuem respostas das questões do roteiro semi-estruturado, mas também contêm falas sobre outros assuntos comentados pelos entrevistados.

As temáticas tratadas no capítulo 4 foram originadas a partir do referencial teórico-paradigmático e na pesquisa da bibliografia.

As informações colhidas nas entrevistas estão apresentadas no capítulo 4, da seguinte forma: a) entrevistas com oito líderes no geral, sendo seis por meio de entrevistas individuais (E1, E2, E3, E4, E5 e E6) e dois entrevistados simultaneamente (A e B) ⁵; b) introdução do tema com a questão inicial e original feita na entrevista, depois as falas dos cinco entrevistados individualmente, em

⁵ Os entrevistados A e B foram os dois primeiros pesquisados neste trabalho. Havíamos agendado a entrevista com o entrevistado A, porém quando chegamos ao local para realizar a entrevista, tivemos uma situação imprevista. Pois além do entrevistado A, o entrevistado B também estava presente. E devido ao fato de o entrevistado B ser cônjuge do A e ocupar um cargo de liderança estadual, achamos conveniente no momento aproveitar a oportunidade e entrevistá-lo também. Entendemos que seria desagradável solicitar que conversássemos individualmente. Portanto, realizamos a entrevista simultânea com os entrevistados A e B. Todavia, na apresentação das informações captadas nas entrevistas no capítulo 4, possuem para cada temática um quadro com as entrevistas dos seis líderes entrevistados individualmente (E1, E2, E3, E4, E5 e E6) e em seguida as falas dos entrevistados A e B.

seguida as respostas dos dois entrevistados conjuntamente e finalmente as análises associadas a alguns conceitos teóricos tratados no capítulo 1 e 3.

Os quadros do capítulo 4 apresentam as representações sociais pesquisadas junto aos oito líderes anteriormente citados. Essa apresentação ocorre de forma literal, ou seja, fiel ao que cada entrevistado falou. Apenas fizemos alguns ajustes na transcrição, de modo que excluíssemos partes sem importância e buscássemos uma maior clareza e economia de espaço no trabalho. De qualquer modo, consideramos que algumas expressões citadas pelos entrevistados seriam importantes mantermos inalteradas, mesmo que expressas em um linguajar coloquial.

Entretanto, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, pode ter havido influência do entrevistador nas entrevistas.

Além da realização da pesquisa documental e a realização das entrevistas, participamos durante um mês de aulas práticas de Yôga, em julho de 2009 na Unidade Kobrasol em São José/SC, a convite da diretoria da unidade. Portanto, esse processo com dois encontros semanais com duração de uma hora cada, serviu como uma pequena experiência prática dessa filosofia de vida, o Yôga. Também serviu como observação direta do ambiente organizacional e principalmente como apoio na compreensão e análise das representações sociais, tanto relacionadas às que emergiram na pesquisa documental como as originadas na pesquisa de campo.

As temáticas emergiram do referencial teórico utilizado nesta pesquisa e das questões elaboradas durante as entrevistas. Tais temáticas referem-se a representações sociais sobre estilo de vida, qualidade de vida, Yôga, valores, visão de mundo, crenças, por exemplo.

A análise das representações sociais das lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina será realizada a partir da perspectiva segundo a qual o discurso das lideranças pesquisadas é influenciado diretamente pela produção de livros que tratam de Yôga, especialmente pelos que são da Uni-Yôga. É evidente que a obra de DeRose tem um papel fundamental na formação das representações sociais de todos os que foram entrevistados. Mas cabe observar que sua obra também tem um valor informativo e teórico-normativo sobre a tradição do Yôga de modo geral, além de constituir um tipo específico de Yôga.⁸

⁸ DeRose (2005) afirma que quem introduziu oficialmente o yôga no Brasil foi Sêvânanda Swámi, francês cujo nome original era Léo Costet de Mascheville. Afirma também que a profissionalização do

A seguir, a figura 2 apresenta a forma como foi realizada a análise das representações sociais das lideranças da Uni-Yôga em SC.

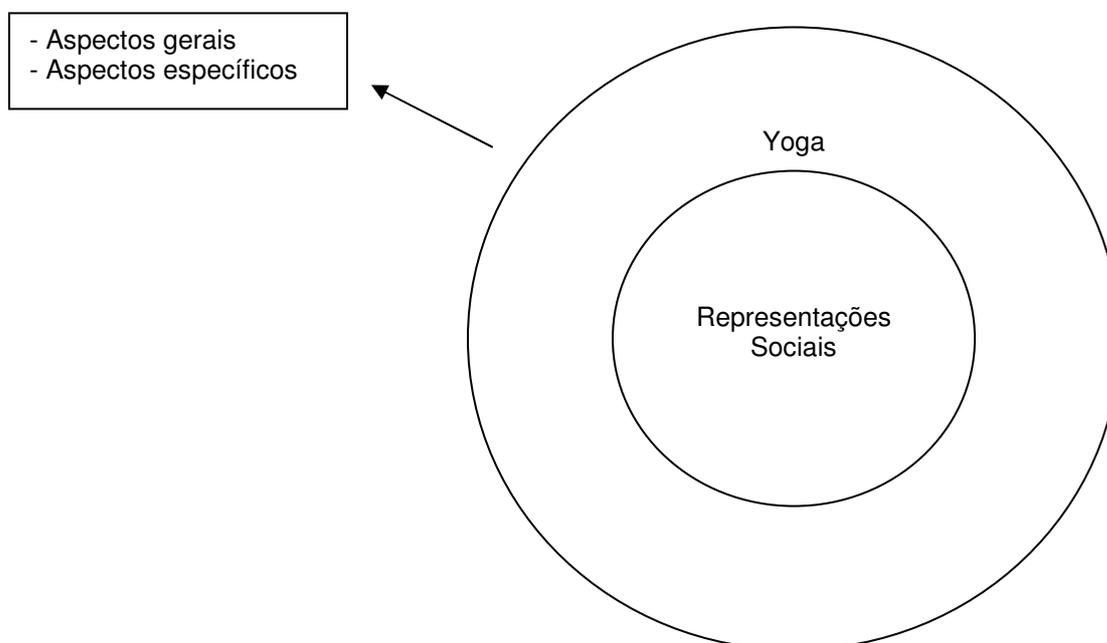


Figura 2: Análise das Representações Sociais das Lideranças da Uni-Yôga em SC

Portanto, a compreensão das representações das lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina deve ser considerada como o compartilhamento de valores na cultura organizacional, liderada por DeRose e cultivada pela produção de obras dos

yôga no Brasil foi iniciada por Caio Miranda. Deste foi o primeiro livro de yôga de autor brasileiro. Em 1960 DeRose, por certo acaso, teve sua carreira iniciada precocemente aos 16 anos de idade, numa sociedade filosófica (DeRose, 2007). Ele fundou o Instituto Brasileiro de Yôga em 1964. Em 1969 publicou seu primeiro livro (Prontuário de Yôga Antigo). Em 1975, já como Mestre, participou da fundação da União Nacional de Yôga. Em 1978, DeRose liderou a campanha pela criação e divulgação do Primeiro Projeto de Lei visando a regulamentação da profissão de professor de yôga. A partir da década de 1970 introduziu cursos de extensão universitária para a formação de instrutores de yôga em praticamente todas as Universidades Federais, Estaduais e Católicas. Em 1982 organizou o Primeiro Congresso Brasileiro de Yôga. Também em 1982, lançou o primeiro livro direcionado à orientação de instrutores (Guia do Instrutor de Yôga). Em 1994, ele fundou a primeira Universidade de Yôga no Brasil e a Universidade Internacional de Yôga em Portugal e na Argentina. Em 1997, o Mestre DeRose lançou bases para o Conselho Federal de Yôga e do Sindicato Nacional de Yôga (DeROSE, 2005). Ele defende categoricamente o Yôga Antigo, pré-clássico, pré-védico, denominado Dakshinacharatántrika-Niríshwarasámkhyá Yôga, o qual sistematizou e denominou Swásthya Yôga.

líderes-instrutores das unidades da rede, como pode ser percebido nos capítulos 3 e 4.

Neste capítulo apresentamos as características da pesquisa: tipo, estratégia e instrumentos, fontes, sujeitos e contexto, técnica de coleta e análise de dados. No capítulo a seguir, são abordados a filosofia indiana e o Yôga. São utilizadas referências acadêmicas e científicas, além de referências coletadas a partir da pesquisa sobre obras da própria Uni-Yôga, bem como algumas obras de outros autores provenientes de outras linhas de Yôga.

3. Filosofia Indiana e o Yôga: a Perspectiva da Uni-Yôga

Este capítulo visa apresentar os conceitos de Yôga e filosofia indiana na perspectiva de autores acadêmicos sobre o tema. E também na perspectiva da Uni-Yôga, por meio de uma pesquisa documental e bibliográfica.

As representações sociais, conforme a figura 1 e o quadro 6 antecedem a relação triangular entre objeto, sujeito e outro, havendo comunicação e ação dentro de um tempo e contexto específico. As representações sociais podem se constituir a partir de diferentes formas, como funções, identidade, comunidade e ideologia.

Neste caso, o capítulo 3, especialmente o tópico 3.1, expressa as visões de mundo dos autores, as quais são compartilhadas pelos integrantes da rede Uni-Yôga. Portanto, são valores compartilhados entre os membros do grupo social, consequentemente se caracterizam como representações sociais.

3.1 Yôga e a Filosofia Indiana

Nesta parte do trabalho, nos dedicaremos a apontar alguns conceitos a partir de alguns reconhecidos autores de obras sobre Yôga. Sobretudo aqueles que realizaram pesquisas científicas, como Cooper (2002), Eliade (2004) e Zimmer (2008). Trata-se de questões específicas sobre o Yôga e de questões amplas sobre as ações do homem no mundo segundo uma perspectiva oriental.

O surgimento da filosofia de vida estudada por este trabalho, o Yôga, ocorreu na Ásia, na região onde hoje é a Índia. Essa região se caracteriza pela ausência (significativa) do cristianismo, pois na Índia, na China e no Japão não há mais que 1% de cristãos (ROHDEN, 1995). Ao mesmo tempo, o autor argumenta que a filosofia oriental, sobretudo da Índia, caracteriza-se por ser intuitiva, em oposição à filosofia ocidental, predominantemente intelectual ou racionalista. Por este motivo, a filosofia oriental é caracterizada pela meditação.

O homem ocidental está acostumado a identificar a realidade com os fatos (positivismo, empirismo) e para o oriental os fatos são reflexos da realidade. O ocidental valoriza o universo por suas manifestações externas, concretas, palpáveis, visíveis – já o oriental possui uma visão na qual é valorizada a intuição. Os orientais,

de um modo geral, consideram que os aspectos externos não são a realidade, mas efeitos visíveis de causas invisíveis (ROHDEN, 1995).

Deveremos considerar o fato de que a concepção sobre o verdadeiro oriente “não é geográfico, mas sim humano, é a origem da luz, a alvorada da verdade, o nascimento da consciência da realidade que, em última análise, é o Eu divino no homem, o seu verdadeiro centro indimensional” (ROHDEN, 1995, p. 19). A completa auto-realização do homem consiste, pois, segundo Rohden, na integração total do ego físico-mental no Eu racional. Essa visão possibilita a investigação neste trabalho de uma organização existente no Ocidente, mas culturalmente marcada por uma vertente filosófica oriental.

As filosofias oriental e ocidental não necessariamente contrárias uma a outra. Podem ser também complementares, pelo menos sob certos aspectos. Para uma aproximação entre elas, segundo Rohden, o oriental teria que horizontalizar sua vida sem perder a verticalidade – e o ocidental deveria verticalizar suas ações horizontais (ROHDEN, 1995). Esta base fornece subsídios ao desenvolvimento teórico sobre o Yôga, uma filosofia de vida prática e oriental, colocada em prática em um ambiente ocidental e por indivíduos de origens ocidentais.

O Yôga, para diversos autores, caracteriza-se como um sistema ancestral de desenvolvimento físico, mental e espiritual, de refinamento integral individual e de autoconhecimento. Entretanto, mais especificamente, constitui-se como um sistema tradicional de origem indiano. Por meio de suas técnicas milenares, o Yôga pode prevenir os indivíduos contra enfermidades, o que já tem sido objeto de comprovações científicas. Entretanto, o Yôga também provoca uma tendência de alteração dos hábitos, princípios de atuação e educação para a saúde em geral (SARIOL; LUCAS, 1996).

A prática do Yôga ganhou maior popularidade, no ocidente, nos últimos anos. O Yôga disseminou-se em intervenções comunitárias, na busca de prevenção e cura de doenças, como promoção da saúde. Os resultados são modificações produzidas nos organismos, como a capacidade de respiração, circulação do sangue, equilíbrio e postura, aumento da temperatura corporal, habilidades musculares, enfim, o Yôga proporciona uma série de transformações e benefícios para o funcionamento de todo o corpo físico. No que se refere à mente, observa-se a melhoria das funções psíquicas, cognitivas e afetivas, melhoria da memória, diminuição da fadiga mental,

redução do tempo de reação visual e auditiva, diminuição da tensão emocional, depressão, ansiedade e irritabilidade (GONZÁLES; WATERLAND, 1998).

O interesse crescente por saúde no ocidente tem multiplicado os espaços e ampliado o mercado da prática de exercícios provenientes da medicina tradicional indiana (assim como da medicina chinesa e japonesa). Os benefícios dessas práticas no organismo humano e no tratamento de diversos procedimentos são popularmente constatados e se constituem em formas de compensação diante de doenças que se multiplicam no ocidente (conforme já foi visto na introdução). O controle da pressão arterial, o tratamento de diabetes, o reforço de articulações, a correção da postura e os problemas relacionados à asma são com frequência associados a benefícios quando a medicina oriental é observada como parte do tratamento, ainda que não seja de forma exclusiva (GONZÁLES; WATERLAND, 1998; BARQUERO, 2005).⁹

O mais elevado objetivo do Yôga, entretanto, é evolutivo, e não terapêutico. Para isso, a prática do Yôga requer um alto nível de desenvolvimento do praticante. Os resultados do Yôga requerem uma expressão equilibrada nos níveis físico, mental e social (GONZÁLES; WATERLAND, 1998).

A discussão sobre Yôga “envolve uma especulação sobre o lugar dos seres humanos no mundo e sobre as implicações que isso tem na maneira como devem se comportar” (COOPER, 2002, p. 13). Portanto, tal filosofia é prática, no sentido de solucionar problemas pontuais contemporâneos da civilização.

Cooper (2002, p. 14) expõe “o que nenhum filósofo de primeira grandeza jamais fez foi ignorar a tensão ou voltar-se contra ela. [...] a incapacidade de resolver a tensão não é apenas um desastre intelectual, mas uma tragédia humana”. Ora, os desafios contemporâneos são impostos às civilizações, tanto na resolução de questões ambientais, como sociais, políticas e econômicas.

Cooper (2002) argumenta que a Índia não deve e não pode ser excluída de estudos filosóficos, já que na tradição indiana

⁹ Um estudo realizado com estudantes de medicina sobre práticas não-convencionais em saúde indicou o seguinte: 96,6% dos indivíduos afirmaram conhecer o yoga e o indicariam para tratamentos aos seus respectivos pacientes. Esse mesmo estudo concluiu que há interesse acadêmico por práticas não-convencionais de saúde como yoga, acupuntura, fitoterapia e homeopatia (KÜLKAMP *et al*, 2007).

[...] a compreensão adequada do cosmo e de nós mesmos não é motivada pela simples curiosidade, ou pela busca do conhecimento pelo conhecimento. Seria mais correto dizer que é dessa compreensão que quase depende nossa salvação – a emancipação das dificuldades inerentes à vida cotidiana (COOPER, 2002, p. 25).

Especificamente sobre os estudos de Yôga, podemos assinalar com bases sólidas que a “prática da yoga, uma disciplina física e de meditação, é bastante antiga, tendo sido herdada pelos invasores arianos dos indianos mais antigos da civilização do Vale do Indo” (COOPER, 2002, p. 32).

O Samkhya pode ser considerado como um conjunto de respostas primordiais à reflexão nascente dos seres humanos a respeito de si próprios, do mundo a sua volta e da relação entre os dois. E a condução do praticante de Yôga num estado avançado de meditação poderá alcançar o último passo – *samádhi*. Este seria, segundo a tradição do Yôga, um estado mental de suspensão completa das operações mentais (a partir do qual haveria uma harmonia entre o micro e o macrocosmo).

A influência da tradição oriental pode ser percebida nos hábitos dos praticantes de Yôga. É importante dizer que há mais de cinco mil anos na Índia se consolidou um grupo de práticas, com nome de Yôga (ou outro semelhante), que tem como filosofia uma forma de vida peculiar. A vertente comercial alia o Yôga a ideias de religião, sedentarismo, vegetarianismo, repressão dos sentidos, etc. Há uma grande diversidade de estilos nessa tradição.

A compreensão do Yôga clássico tem sido profundamente reconstituída nas sociedades ocidentais (SAIZAR, 2003). Porém, “o que caracteriza o Yoga não é o seu lado prático, mas também sua estrutura iniciática. Não se aprende Yoga sozinho; é necessária a orientação de um mestre” (ELIADE, 2004, p. 20-21).

A finalidade do Yoga é suprimir a consciência normal para dar lugar a uma consciência qualitativamente diversa, que possa compreender de forma completa a verdade metafísica. Ora, para o Yoga, a supressão da consciência normal não é tão fácil de obter (ELIADE, 2004, p. 44).

As técnicas de Yôga tendem para a unificação corpo-mente por meio da disciplina da respiração em diferentes estados mentais e de consciência. A busca da eliminação das oscilações dos pensamentos e das emoções está relacionada a

diferentes ritmos de respiração, de compreensão, ativação e harmonização da energia corporal (ELIADE, 2004).

A respiração do homem comum é geralmente arritmica; varia conforme as circunstâncias exteriores ou a tensão mental. Essa irregularidade produz uma perigosa fluidez psíquica e, em consequência, instabilidade e dispersão da atenção. É possível tornar-se atento esforçando-se para isso. Mas o esforço, para o Yoga, é uma “exteriorização”. A respiração deve ser ritmada, se não de forma a ser “esquecida” completamente, pelo menos de maneira a não incomodar pela descontinuidade. [...] ritmar a respiração deve se tornar uma coisa automática, a fim de que o praticante possa esquecê-la (ELIADE, 2004, p. 61).

O ritmo da respiração é obtido pela harmonização dos três momentos: a inspiração, a expiração e a retenção do ar. A prática respiratória caracteriza-se como uma das bases do Yôga. Por isso, ele é considerado uma filosofia de vida prática.

As atividades sensoriais possuem o homem, alteram-no, desagregam-no. A concentração nessa função vital que é a respiração tem como efeito, nos primeiros dias de prática, uma inexprimível sensação de harmonia, uma plenitude rítmica, melódica, um aplinar de todas as asperezas fisiológicas. Em seguida, traz um sentimento vago de presença no corpo, uma consciência de sua própria grandeza (ELIADE, 2004, p. 61).

O alcance das proposições do Yôga depende da prática de seus pilares, a meditação, a respiração e os exercícios físicos. Pois, “se não se ouve nem se percebe nada, se já não há reflexão alguma sobre o tema Yoga, então se atingiu o objetivo” (ELIADE, 2004, p. 122). Este estado pode ser conhecido também como estado de hiperconsciência (DeROSE, 1996).

Eliade (2004) baseia seu estudo em grande parte nos aspectos místicos e espirituais da tradição do Yôga. Já a Uni-Yôga cultiva as características naturalistas e não místicas (DeROSE, 1996). Eliade aponta as disciplinas específicas do praticante de Yôga, no domínio da respiração, nos métodos de meditação. Ele descreve e analisa as diferentes formas do Yôga: devocional, mística, erótica ou mágica, alertando para as múltiplas e contraditórias valorizações do Yôga em todos os níveis culturais.

Se os *yogis* foram confundidos com todos esses tipos de comportamento mágico-religioso é porque todas as técnicas espirituais indianas participam de alguma forma do Yoga. [...] O fenômeno é compreensível se pensarmos que a liberdade se manifesta de inúmeras formas, frequentemente anti-sociais, um homem livre já não se sente preso a leis e preconceitos – situa-se fora de toda ética e de toda forma social. Os excessos e aberrações [...], as crueldades e os crimes [...], a sensibilidade indiana são tantas outras provas de uma liberdade total, conquistada sobre a condição humana e à margem da sociedade (ELIADE, 2004, p. 245).

A ciência indiana valoriza o Yôga por ser o objetivo supremo de todas as escolas conseguirem proporcionar aos indivíduos uma liberdade incomum, invulgar, uma espécie de imortalidade.

Eliade (2004) diz que a difusão das técnicas *yóguicas* e contatos culturais entre a Índia e o mundo atingiram diversas dimensões e regiões. Ele destaca os seguintes aspectos: o Yôga Tibetano, a difusão das técnicas espirituais indianas na Indonésia, os contatos culturais entre Índia e China, os contatos culturais entre Índia e a Europa, o problema das influências indianas sobre a teologia e a mística cristãs, a difusão da filosofia indiana nos meios neoplatônicos e cristãos de Alexandria, onde o Yôga sofreu uma influência no sentido inverso (foi interpretado como uma união da alma humana com Deus e também no sentido de uma união mística entre a alma e o espírito).

“O Yoga constitui uma dimensão específica do espírito humano [...]. Na Índia, o Yoga foi integrado e valorizado por todos os movimentos [...]” (ELIADE, 2004, p. 295). Os indianos necessitam dos métodos *ióguicos* de meditação e concentração em suas experiências cotidianas.

O Yoga não é uma técnica de êxtase; ao contrário, esforça-se por realizar a concentração absoluta para chegar ao êxtase. Na história universal da mística, o Yoga clássico ocupa um lugar próprio, difícil de situar. Representa um “fóssil vivo” [...] (ELIADE, 2004, p. 296).¹⁰

¹⁰ Embora não seja objetivo desta dissertação uma análise aprofundada da tradição do yoga, como a que é feita por Eliade, cabe observar o que este autor afirma: “Chamamos a atenção sobre o simbolismo *yóguico* da morte e do renascimento: morte para a condição humana profana, renascimento para uma modalidade transcendente. O *yoguin* esforça-se por reverter totalmente o comportamento normal; ele se auto-impõe uma imobilidade pétreia do corpo (*asana*), o ritmar e a retenção da respiração (*pranayama*), a fixação do fluxo psicamental (*ekagrata*), a imobilidade do pensamento, a parada e mesmo a reversão do sêmen (ELIADE, 2004, p. 297).

A consideração de Eliade (2004) de que o Yôga clássico possui características peculiares e representam algo único assemelha-se com a posição defendida de DeRose (1996), que considera o yôga proveniente da ramificação tanto clássica quanto pré-clássica.

As reflexões em torno do Yôga servem para algo mais do que uma simples evasão do mundo. Arieira (2005) diz há um vazio na literatura que trata de textos sobre Yôga em língua portuguesa, de forma acadêmica e investigativa, embora haja um razoável número de obras didáticas.

O Yoga é praticado nas suas formas de asanas, posturas, pranayamas, exercícios respiratórios, incluindo técnicas de meditação. Recebem diferentes nomes, como hatha-yoga, tantra-yoga, asthanga-yoga, entre outros. Porém a prática consiste, fundamentalmente, com pequenas diferenças, nas mesmas citadas anteriormente. Para o estudo teórico do Yoga são utilizados livros atuais de mestres de Yoga, alguns são excelentes; contudo, os textos originais, que juntamente com a tradição oral constituem a base para o que se sabe hoje, não são conhecidos ou, se são conhecidos, não são divulgados (ARIEIRA, 2005, p. 15).

A Índia tem sido considerada pelo Ocidente como um país exótico, em que existem desigualdades sociais, culto a animais como a vaca e o elefante, falta de higiene, divisão de castas, como exemplos. Mas há outras características importantes, as quais são aparentemente desconsideradas ou apenas recentemente passaram a ser valorizadas: trata-se de um país com regime político democrático, ainda que muito desigual, sob o condicionamento do regime de castas, com mais de seiscentos milhões de eleitores, templos sagrados de uma cultura milenar, economia em rápido crescimento e a tradição do Yôga, com toda a sua extraordinária riqueza e diversidade (SOFÍA, 2006).

A introdução do Yôga no Ocidente ocorreu em 1893, com Swami Vivekananda nos Estados Unidos. Em 1933, Mircea Eliade apresentou a primeira tese acadêmica no Ocidente, na Universidade de Bucareste; em 1943 Theos Bernard também defendeu tese sobre Yôga na Universidade de Columbia. Zimmer (2008) pesquisou as filosofias a Índia durante sua vida, período compreendido entre 1890 e 1943. No Brasil, Caio Miranda foi o pioneiro, em 1960, com sua obra intitulada *Libertação pelo Yoga*. Em 2003 foi considerada uma prática complementar pelo Ministério da Saúde no Brasil (SIEGEL; BARROS, 2007).

Nos últimos anos houve mudanças de atitudes em relação às filosofias não ocidentais. Tanto na comunidade científica como no público em geral.

O desenvolvimento da antropologia, da sociologia do conhecimento e dos meios de comunicação permitiu o contanto com outras culturas e modalidades de viver e estar no mundo. A abertura deste novo cenário de diversidade de saberes levantou dúvidas sobre aquelas “certezas”, e revelou que todo conhecimento sobre a realidade é fruto de uma percepção, e esta não pode acontecer fora de uma perspectiva histórico-cultural, social, sexual e existencial do próprio sujeito que a percebe (ZIMMER, 2008, p. 9).

Os ocidentais estão numa encruzilhada da sabedoria oriental dos pensadores indianos desde sete séculos antes de Cristo. Todas as civilizações no decorrer de seu desenvolvimento histórico se deparam com conceitos, palavras, símbolos, visões, imagens e costumes indianos (ZIMMER, 2008).

Zimmer (2008) ironiza ao dizer que a filosofia ocidental tornou-se responsável pelo pensamento correto, crítico e sem preconceitos, mas tem em grande parte de sua história ignorado valores tradicionais e filosofias não-ocidentais. Sua argumentação assemelha-se nesse sentido à de Cooper (2002).

Nas últimas décadas, com a popularização do Yôga entre setores de classe média urbana, especialmente nas cidades médias e grandes, o que se observa é uma preocupação de estudiosos com o processo de mercantilização e possível degradação desta cultura milenar (NUNES, 2008). Isto de certa forma renova o interesse por estudos mais detalhados, pela investigação de aspectos filosóficos, históricos, religiosos, psicológicos, biológicos, psicofísicos e antropológicos da tradição do Yôga. Zimmer faz uma síntese de definição que remete a diversos aspectos:

O Yoga pode ser definido como uma disciplina destinada a proporcionar uma experiência do distanciamento e isolamento soberanos do núcleo suprapessoal de nosso ser, aquietando as atividades espontâneas da matéria que, na forma de uma casca corpórea e psíquica, normalmente envolve a mônada vital. O Yoga baseia-se numa doutrina de funcionalidade psicológica, e o demonstra. Cria e a seguir transcende e dissolve os vários planos ou mundos de experiência, e assim torna conhecida a relatividade de todos os estados da realidade; pois quando se vê que o mundo íntimo é somente uma função dos órgãos psíquicos internos, então o universo externo, visível e tangível, pode ser entendido, por analogia, como apenas uma consequência de uma operação exterior das energias dos órgãos externos. Permitindo que as energias fluam por tais órgãos, e logo recolhendo essas mesmas energias em esferas interiores não menos imediatas e “reais”, o mundo externo é experimentado como algo que pode ser contactado à vontade e, portanto, reconstruído ou derrubado pelo esforço iogue, capaz até mesmo de dissovê-lo (ZIMMER, 2008, p. 229-230).

Por exemplo, no estudo do imaginário coletivo dos professores de “ioga” (Hathaioga), por meio de concepções imaginativas sobre o equilíbrio psicológico, conclui-se que “a prática da ioga propicia mudanças qualitativas no processo contínuo e relação com o outro” (GONÇALVES, 2008, p. 97). O autor também praticou “ioga” e estudou a filosofia indiana, na realização de sua pesquisa.

Para Zimmer (2008), o Yôga significa a união da consciência empírica com a consciência transcendental. De certa forma, a prática do Yôga reforça valores pós-materialistas, como a busca de autonomia e de auto-realização pessoa, que estão emergindo no Ocidente, segundo a extensa pesquisa de Ronald Inglehart (RIBEIRO, 2007). Nunes reforça essa ideia ao afirmar que a prática do Yôga está inserida “no ocidente dentro do que chamamos de campo alternativo. Esse campo teve sua origem e esteve associado às ideias de contestação dos valores da modernidade” (NUNES, 2008, p. 6). Mas deve-se considerar que o mundo do Yôga é muito diversificado e que várias formas de Yôga disputam a hegemonia da tradição (ou do que Bourdieu chamaria de campo). Essa disputa dificulta a disseminação mais consistente e o compartilhamento do conhecimento entre os diversos “especialistas”, instrutores, gurus ou mestres (SIEGEL; BARROS, 2009).

3.2 Perspectiva da Uni-Yôga e Outras Perspectivas

Nesta seção do trabalho, enfatiza-se a perspectiva da Uni-Yôga com base, principalmente, em obras de DeRose (1982, 1986, 1996, 2005), de Santos (2001) e Silva (2007), mas também apresentam-se alguns questionamentos de autores parcialmente contrários a determinadas posições da Uni-Yôga, conforme se vê em Hermógenes (2007) e Borella *et al* (2007). O objetivo aqui é de abrir horizontes, sem a pretensão de fazer uma investigação exaustiva sobre os aspectos controvertidos.

3.2.1 Yôga

Esta seção objetiva expor o conceito, a origem, a evolução, as ramificações, os tipos, as características e o público alvo do Yôga, considerados pela Uni-Yôga e suas respectivas lideranças.

3.2.1.1 Definições do Conceito de Yôga

DeRose (1982), ao abordar a clássica obra de Pátañjali, diz que o Yôga Clássico se caracteriza por uma profundidade e complexidade que se torna impraticável sua utilização em “academias de yôga” ocidentais. Para DeRose, a obra de Pátañjali não apela para a terapia nem para o misticismo e somente pode ser entendida por estudiosos de alto padrão. “O Yôga da antiguidade clássica e pré-clássica situa-se como filosofia técnica de bases naturalistas (Sámkhya), portanto sem o espiritualismo que lhe foi atribuído a posteriori” (DeROSE, 1982, p. 28).

O criador da Uni-Yôga defende, portanto, aspectos das perspectivas pré-clássica e clássica do yôga e é crítico das perspectivas modernas, que são mais conhecidas do grande público, inclusive porque são mais difundidas e têm aspectos mais comerciais. DeRose entende que grande parte das divergências e controvérsias existentes no campo social do yôga é decorrente tanto do confronto entre diferentes pontos de vista legitimados pela tradição quanto por falta de conhecimento de aspectos culturais mais antigos.

A definição técnica de yôga apresentada por DeRose é a seguinte:

Qualquer metodologia estritamente prática que conduza ao samádhi. *Samádhi* é o estado de hiperconsciência e autoconhecimento que só o yôga proporciona. Swásthya Yôga é o nome da sistematização do Yôga Antigo, Pré-Clássico, o Yôga mais completo do mundo (DeROSE, 2005, p. 13).

O “yôga é uma prece feita com o corpo” (DeROSE, 1996, p. 93). No entanto não como forma de religião, mas como uma valorização do corpo humano. O autor considera que o yôga não tem dogma, logo não é religião. Argumenta também que muitos praticantes de yôga fazem parte de religiões diferentes na Índia e que em todo o mundo, não só no Brasil, vários padres, pastores e freiras são praticantes de yôga. Na sua definição, yôga é uma “filosofia e faz parte do Hinduísmo, que não é uma religião, mas uma cultura” (DeROSE, 2005, p. 31-32).

Ainda segundo este autor,

No que diz respeito à classificação do Yôga, o conceito de filosofia prática é desconhecido no Ocidente. Academicamente, só se reconhece como filosofia aquela tradição grega, que nasceu do Sámkhya, portanto é teórica. Consta que no início da Grécia Clássica alguns filósofos indianos foram importados por Atenas. Como nesse período a Índia também estava passando por seu período clássico, a filosofia vigente era o Sámkhya. Daí as semelhanças entre o Sámkhya e muitos dos princípios da filosofia helênica (DeROSE, 2005, p. 61, 62).

Para DeRose, se Yôga é uma filosofia prática, que pode ser praticada por qualquer pessoa, de qualquer cultura ou religião, então não pode fazer catequese e não interfere nas crenças nem nas questões de foro íntimo. DeRose considera que o yôga é estritamente prático e independente da filosofia Sámkhya, mas tem afinidade com esta.

Sérgio Santos (2001, p. 109), presidente da Federação de Yôga de Minas Gerais e um dos líderes da Uni-Yôga, considera que “o yôga visa à integração do ser humano consigo mesmo, com os outros seres e com a natureza”. Santos escreveu, sob a orientação de DeRose, o livro *Yôga, Sámkhya e Tantra*. O capítulo III do livro é intitulado *Sámkhya: O Fundamento Teórico do Yôga Antigo*. Literalmente, diz ele, Sámkhya quer dizer número, mas também pode significar enumeração, busca, análise, cálculo, ato de examinar, discriminação e investigação das categorias da existência. “Em síntese, o Sámkhya é classificado como uma filosofia naturalista, já que toda a sua estrutura se fundamenta nas leis da natureza”

(SANTOS, 2001, p. 54). É uma filosofia que visa compreender a existência humana, “explicando-a segundo leis naturais; e na dissociação entre algo que é mutável e aquilo que permanece imutável em todos os seres e por trás de todos os processos da Natureza” (SANTOS, 2001, p. 54).

Lucila Silva (2007, p.23), uma das líderes da Uni-Yôga em Santa Catarina e autora do livro *Léxico de Yôga Antigo (SwáSthya Yôga Kosha)*, afirma que o significado de Yôga é “união, no sentido de integração” e que o termo também pode significar “equipe, veículo, transmissão, equipamento de um soldado, uso, aplicação, remédio, meio, expediente, maneira, método, meios paranormais, empreendimento, aquisição, ganho, proveito, riqueza, propriedade, ocasião, oportunidade, etc”. Ela acrescenta que o termo significa

filosofia prática criada há 5.000 anos na Índia aborígene por um indivíduo que a mitologia chama de Shiva. Em síntese, podemos definir a filosofia do Yôga sob três diferentes óticas: (1) definição popular: Yôga é uma filosofia de vida, filosofia prática, que visa ao autoconhecimento e à qualidade de vida; (2) definição erudita: Yôga é a supressão da instabilidade da consciência. Pátañjali, Yôga Sútra, I, 2 (yôgash chitta vrtti nirôdhah); (3) definição técnica: Yôga é qualquer metodologia estritamente prática que conduza ao *samádhi* [...] (SILVA, 2007, p. 234).

Santos (2001, p. 125) diz que “sendo o yôga uma filosofia prática, a interpretação e a conduta do praticante em relação à técnica terão nele uma influência vital”. Mas, voltando a DeRose, é relevante observar que em seus livros há simultaneamente uma forte abertura a opiniões divergentes, uma crítica ao dogmatismo e uma série de recomendações morais e posicionamentos éticos, que marcam a cultura da Uni-Yôga, conforme se percebe no trecho abaixo:

Devemos mostrar-nos profundamente responsáveis, maduros e honestos ao realizar negócios, ao fazer declarações, ao evitar conflitos, ao buscar aprimoramento em boas maneiras, ao cultivar a elegância e a fidalguia (DeROSE, 2005, p. 95-96).

Nessa cultura difundida por DeRose (2005), a seriedade, a alegria, a lealdade, a dignidade, a sinceridade, a descontração e a amizade são alguns atributos valorizados na Uni-Yôga.

O SwáSthya Yôga,¹¹ método codificado e sistematizado por DeRose, a partir de suas pesquisas sobre o Yôga Antigo, é considerado e seguido na Uni-Yôga como o mais autêntico, ortodoxo, no qual cada prática é constituída por oito partes, apresentadas no quadro a seguir.

1 – mudrá	gesto reflexológico feito com as mãos;
2 – púja	retribuição de energia;
3 – mantra	vocalização de sons e ultra-sons; ¹²
4 – pránáyáma	expansão da bioenergia através de respiratórios;
5 – kriyá	atividade de purificação das mucosas;
6 – ásana	posições físicas ou psicofísicas;
7 – yôganidrá	técnica de descontração;
8 – samyama	concentração, meditação e samádhi.

Quadro 11: Partes do SwáSthya Yôga

Fonte: DeRose (1996, p. 63).

O trabalho de pesquisa e codificação do SwáSthya Yôga desenvolvido por DeRose caracteriza-se pela complexidade, já que, por um lado, trata-se de uma recuperação do que já existia e, por outro lado, trata-se de inovação, de uma sistematização que visa revigorar o que já existia e estava disperso ou esquecido. Além de ser utilizado pelas unidades da rede Uni-Yôga, serve de base para indivíduos de outras correntes.

É fácil constatar que as regras e demais características do nosso método não eram conhecidas nem utilizadas anteriormente: basta consultar os livros das várias modalidades de Yôga publicados antes da codificação do Swásthya. Em nenhum deles vai ser encontrada referência alguma às regras gerais de execução (DeROSE, 1996, p. 62).

O argumento de que não se fez uma adaptação, mas uma descoberta das regras prevalece, “pois sempre estiveram presentes subjacentemente” (DeROSE, 1996, p. 62). O autor diz que o SwáSthya Yôga resgata o conceito primitivo de treinamento, por meio de execuções mais naturais.

DeRose (1996, p. 102) critica misturas de tipos de yôga e de egrégoras. Este último termo, derivado do grego *egrégoroi*, “designa a força gerada pelo somatório

¹¹ Nem sempre a segunda letra “s” aparece em forma maiúscula nas obras de DeRose.

¹² Sobre mantra, recomenda-se ver a obra de Ricardo Melo e Caio Melo (2009).

de energias físicas, emocionais e mentais de duas ou mais pessoas, quando se reúnem com qualquer finalidade”.

A preocupação com a formação dos indivíduos e o enfrentamento dos desafios contemporâneos da humanidade, por meio de uma filosofia de vida prática, também consta em obras que se caracterizam pela perspectiva espiritualista, conforme se vê no trecho abaixo:

Mais do que técnicas respiratórias, posturas e meditação, o Yoga ensina como se comportar diante do mundo, das adversidades e dos desafios. Fornece ferramentas para utilizarmos o enorme potencial de nossa mente e, ainda, apresenta caminhos para entendermos nosso papel no universo. Uma espécie de aliança entre o físico e o espiritual, essa filosofia ganha adeptos a cada dia (BORELLA *et al*, 2007, p. 34).

Para Hermógenes (2007, p. 9), o “Yoga é liberdade e auto-superação, não deve ser limitado a uma única forma ou linguagem na apresentação dos temas”. Ao prefaciar *O Livro de Ouro do Yoga*,¹³ ele escreve que a obra despertou nele

[...] a esperança de ver o Yoga reassumir seu esplendor divino, bem acima da criatividade fantástica de pessoas que sabem quase nada sobre o assunto e, mesmo assim, são reverenciadas por muitos que sabem ainda menos, mas sonham em alcançar metas supremas. [...] sem, no entanto, corrigir com aspereza os que desfiguram a verdadeira noção de yoga (HERMÓGENES, 2007, p. 9).

A obra de José Hermógenes é ampla e de certa forma contrapõe-se à visão de DeRose e dos seguidores da Uni-Yôga, defendendo uma perspectiva não-naturalista, mas espiritualista. As divergências começam pela forma de escrever a palavra Yoga ou Yôga. Enquanto DeRose e outros autores afirmam que o termo deve ser grafado com acento circunflexo, Hermógenes e outros autores afirmam o contrário. As explicações de cada uma das perspectivas, entretanto, estão fora dos objetivos desta dissertação.

Segundo a abordagem de Hermógenes,

¹³ Este livro teve como autores quatro professores do Núcleo de Estudos Yoga Natarája: André de Rose (que é um dos filhos do Mestre DeRose), Carlos Eduardo Barbosa, Ana Borella e Marcos Taccolini. Como particularidades da obra, além da participação de um dos filhos de DeRose que não pertence à Uni-Yôga nem defende o SwáSthya Yôga, há o fato de que nenhuma obra vinculada à Uni-Yôga é mencionada, ainda que várias posições desta sejam criticadas.

Ao aprofundar-se na filosofia, você não pratica Yoga, vive Yoga. Sua vida, sua relação com as demais pessoas e consigo próprio; sua profissão, independentemente de qual seja, em todas as suas atividades você aplica e desenvolve conceitos do yoga (HERMÓGENES, 2007, p. 16).

Borella *et al* apresentam a seguinte definição do termo:

Yoga é uma filosofia de autoconhecimento na qual, por meio da prática de técnicas e procedimentos milenares, a pessoa alcança sua consciência mais íntima, sua essência, seu *self*. No processo encontra um profundo equilíbrio interno, balanceando os aspectos físicos, emocionais, energéticos, densos e sutis de sua completa natureza (BORELLA *et al*, 2007, p. 31).

A prática do Yôga está conectada com a autodescoberta e com o autoconhecimento, integrando os indivíduos ao universo. Visa-se, segundo estes últimos autores, uma série de estados meditativos e recolhimento mental em crescente profundidade, até a prática do estado de *samádhi*. O termo *samádhi* pode aparecer traduzido como autoconhecimento, iluminação, estado de profunda meditação. Eles sustentam que o Yoga vai além de uma metodologia prática, constituindo uma especialidade filosófica e ética completa. Os componentes éticos, humanitários, culturais, filosóficos, disciplinares, representam sua essência e representam sua trajetória de definição, compreensão e aplicação (BORELLA *et al*, 2007).

Pode-se notar que há uma divergência aqui. De um lado, Borella *et al* defendem a existência de apenas um tipo de Yôga, ainda que haja diversidade de métodos. De outro lado, Santos e DeRose fazem uma distinção entre o que é antigo (clássico e pré-clássico) e o que é moderno.¹⁴

Há uma grande diversidade de métodos e escolas de Yoga que exploram toda a riqueza e complexidade do ser humano. Dessa forma, o yoga adquire diversas interpretações distintas, mas seus princípios essenciais são os mesmos, o Yoga é apenas um (BORELLA *et al*, 2007, p. 34).

Assim como Hermógenes, Borella *et al*, na defesa de uma perspectiva espiritualista do Yoga, ressaltam os benefícios da prática.

¹⁴ Mais adiante será apresentado com a cronologia do yôga.

Ainda que as técnicas mais características do Yoga sejam as mais sutis, como concentração e meditação – na realidade cotidiana da maior parte dos praticantes, especialmente no Oriente –, são os exercícios, os *ásanas* (as posturas), as técnicas respiratórias e seu impacto positivo na saúde, a vitalidade e a estabilidade emocional que atraem a atenção e são utilizados como sinônimos de Yoga (BORELLA *et al*, 2007, 34).

Borella *et al* estranham o fato de se falar da evolução do Yoga, disciplina tratada como tradicional. Dizem que

é bastante questionável a afirmação de que existiu um Yoga muito “antigo”. O que de fato existiu foi um conjunto de ideias e práticas isoladas que se amalgamou em solo indiano para compor, em conjunto, o corpo de doutrina e técnicas que é hoje conhecido como Yoga (BORELLA *et al*, 2007, p. 49).

Além disso, destacam que a filosofia de Yôga não pode se confundir com os métodos e as técnicas desenvolvidos para lhe dar suporte. Os autores consideram que o Yôga é maior do que procedimentos criados para viabilizá-lo. Nesse sentido, nota-se uma divergência em relação à perspectiva da Uni-Yôga, já que esta tem por meta a formação de instrutores e mestres, para isso focalizando a atenção sobre os jovens e saudáveis (até cerca de 50 anos). Na Uni-Yôga, a única restrição para a prática é a recomendação médica, ou seja, todos devem apresentar atestado médico atualizado que confirme a aptidão para a prática de *asanas*, de acordo com suas limitações físicas naturais.

Ainda na linha de uma argumentação que parece dirigir-se contrariamente à perspectiva da Uni-Yôga, embora sem qualquer citação explícita, dizem os autores que

O Yoga não estabelece valores sociais, pois é um conjunto de orientações voltadas para o indivíduo em busca de si mesmo. O Yoga fortalece o indivíduo independentemente de sua posição dentro da sociedade. Diferentemente do hinduísmo, o Yoga não estabelece distinções entre as pessoas, mas determina procedimentos que se aplicam a qualquer pessoa, seja qual for sua origem. A grande tarefa do Yoga é tornar a pessoa que o pratica um ser humano completo ou perfeito – um *siddha* (BORELLA *et al*, 2007, p. 264).

Uma preocupação que parece frequente na perspectiva de Borella *et al* é a de evitar dissidências na tradição do Yôga, reconhecendo-a como uma síntese da

cultura hindu. Para eles, estão equivocados os que fazem “distinções entre um Yoga de vocação tântrica, vedantina, *bhakta* ou qualquer outra que seja” (BORELLA et al, 2007, p. 277). “Na realidade, com exceção feita aos textos tântricos, o Yoga sempre foi apresentado como um caminho independente da opção religiosa” (BORELLA, 2007, p. 277).

Na perspectiva da Uni-Yôga, não há qualquer restrição a opções religiosas, ainda que seja defendida uma abordagem tântrica (conforme será visto mais adiante). A diferença fundamental entre a perspectiva de Borella *et al* e a perspectiva da Uni-Yôga é de que a tradição, para aqueles, evoluiu e integrou sua diversidade, enquanto que, para a Uni-Yôga, houve uma certa degradação da qualidade ao longo da história, conforme se vê no texto a seguir:

No decurso dos milênios o Yôga foi diluindo-se dentro das mais diferentes sociedades que o praticaram, tanto na Índia quanto no resto do mundo. Algumas técnicas foram sendo suprimidas, simplificando e colocando em risco a sistemática do Yôga como um todo; ainda outras foram sendo acrescentadas de uma maneira tão desmedida que se distanciaram completamente das propostas originais (SANTOS, 2001, p. 124).

3.2.1.2 Aspectos Históricos do Yôga

O Yôga originou-se na Índia, ou seja, no território onde, culturalmente, localizava-se há mais de 5.000 anos a civilização harappiana ou dravídica (DeROSE, 2005; LYSEBETH, 1994). Santos (2001) também concorda que o Yôga tenha nascido na Índia há mais de 5.000 anos. Durante esse período, ele foi praticado e interpretado por diferentes culturas que o moldaram segundo seus valores e conveniências. Portanto, no princípio, era um só conjunto de técnicas, com o passar do tempo, foi se dispersando até a desintegração, fragmentando-se nas centenas de tipos de Yôga que existem atualmente. Santos argumenta que na origem, na era pré-clássica do Yôga ou na proto-história, o Yôga tinha como base Tantra e Sámkhya e não Vêdânta, nem Brahmácharya. E Drávida é o nome de uma etnia que vive hoje, principalmente, no sul da Índia e no Sri Lanka. Desde esta época, houve uma descaracterização do Yôga, provocada pela transição temporal e também pelas ramificações originadas no decorrer das eras.

No transcorrer de sua história, o Yôga foi influenciado por um sistema comportamental de características patriarcais, anti-sensoriais e restritivas; e, mais tarde, por uma filosofia especulativa de características espiritualistas. Esses dois fatores foram, certamente, os maiores responsáveis pela descaracterização que ocorreu no Yôga Moderno (SANTOS, 2001, p. 20).

Na comparação entre a filosofia Vêdânta e a filosofia Sámkhya, pode-se considerar que o Sámkhya se baseia no raciocínio e nas leis naturais e o Vêdânta apóia-se na fé e no sobrenatural. Portanto, o Vêdânta se posiciona como oposto filosófico do Sámkhya. Santos sintetiza as definições:

[...] existem duas tradições que, juntas com o Yôga, são as mais antigas da Índia: o Sámkhya e o Tantra. O Sámkhya é uma filosofia teórica; o Tantra, uma filosofia comportamental; e o Yôga, uma filosofia prática. Na antiguidade as três estiveram unidas, intrinsecamente, por centenas de anos, dentro de uma mesma civilização, denominada harappiana (SANTOS, 2001, p. 20).

De acordo com DeRose, o Yôga original não era místico e nem mesmo espiritualista. Ele entende que essa noção é derivada da comparação que se faz entre a modernidade e algumas centenas de anos anteriores à modernidade, mas no caso do Yôga antigo tal comparação não é adequada. O Yôga antigo, diz ele, vem de um período de mais de cinco mil anos, denominado proto-histórico, já que nele “não foram encontrados textos que registrassem a história. A questão é que não conseguimos sequer imaginar como era aquela civilização. Uma coisa parece certa: não eram religiosos” (DeROSE, 2005, p. 48, 49). Nas escavações arqueológicas, não têm sido encontrados tempos nem esculturas de divindades. O “espiritualismo e o misticismo foram se instalando na Índia em tempos posteriores e tiveram o seu apogeu na Idade Média” (DeROSE, 2005, p. 49).

O quadro 12, apresentado a seguir, informa a cronologia do Yôga na percepção de DeRose e da Uni-Yôga.

Cronologia Histórica do Yôga					
Divisão	Yôga Antigo		Yôga Moderno		
Tendência	Sâmkhya		Vêdânta		
Período	Yôga Pré-Clássico	Yôga Clássico	Yôga Medieval		Yôga Contemporâneo
Época	Mais de 5.000 anos	± séc. III a.C.	Séc. VIII d.C.	Séc. XI d.C.	Séc. XIX e XX
Mestre	Shiva	Pátañjali	Shankara	Gôrakshanatha	Aurobindo Rámakrishna Vivêkánanda Shivánanda Chidánanda Krishnánanda Yôgêndra
Literatura	Upanihad	Yôga Sûtra	Vivêka	Hatha Yôga	
			Chudamani		
Fase	Proto-Histórica		Histórica		
Fonte	Shruti		Smriti		
Povo	Drávida		Árya		
Linha	Tantra		Brahmachárya		

Quadro 12: Cronologia Histórica do Yôga
Fonte: DeRose (2005, p. 58).

No quadro a seguir, apresentaremos o resumo dos eventos que influenciaram o Yôga no decorrer da história, a partir de uma adaptação das palavras de DeRose.

Influências Étnicas e Políticas	Datas	Eventos que influenciaram o Yôga
Civilização do Vale Indo, também denominada dravídica ou harappiana.	+ de 3.000 a.C.	Shiva cria o Yôga. Na mesma época surgem o Tantra e o Sámkhya.
Começo da invasão ariana. No mesmo período tem início a decadência da Civilização dravídica do Vale do Indo, mas alguns historiadores declaram que não teve nada a ver com a ocupação ariana. Foi coincidência.	± 2.500 a.C.	Os guerreiros nômades arianos destroem as edificações da Civilização do Vale do Indo, mas, como viviam em tendas, não sabiam construir cidades. Isso fez da Índia o único país que, depois de ter tido a arquitetura, ficou sem ela por vários séculos.
Vaga final da ocupação ariana, após mil anos de expedições militares e de colonização.	± 1.500 a.C.	O Yôga, o Tantra e o Sámkhya sofrem discriminação, pois são considerados patrimônio cultural do povo que perdeu a guerra.
Recrudescem as medidas arianas para evitar a miscigenação racial com os drávidas.	± Séc. X a.C.	Surgem as castas (varnas).
	± Séc. VIII ao séc. III a.C.	São escritas as Upanishads. Várias delas mencionam o Yôga, o que prova que o Yôga já existia antes de Pátañjali.
Invasão persa.	± Séc. VI a.C.	Nascimento de Buddha.
Invasão grega (Alexandre Magno)	326 a.C.	
Depois da invasão persa e grega, os arianos atenuam suas restrições quanto ao Yôga.	± Séc. III a.C.	Pátañjali escreve o Yôga Sûtra, formalizando a arianização do Yôga.
Invasão dos Hunos.	± Séc. V d.C.	
Invasão árabe.	Séc. VIII	Shankarácharya difunde o Vêdânta. Começa a vedantização maciça do Yôga.
A islamização, discretamente iniciada com a invasão árabe, vai instalar-se efetivamente com a próxima invasão.	Séc. XI	Gôrakshanatha cria o Hatha Yôga. Tem início o costume de oferecer benefícios terapêuticos em troca da dedicação ao Yôga.
Invasão turco-afegã.	Séc. XII	
Invasão mongol (Gengis Khan)	Séc. XIII	
Invasão portuguesa.	Séc. XVI	
Invasão inglesa.	Séc. XVII	Começa a cristianização do Yôga.
	Séc. XVIII	Começa a influência da ginástica britânica sobre o Yôga.
Charles Masson (codinome de James Lewis) descobre as ruínas de Harappa.	1826	
O arqueólogo Alexander Cunningham encontra as ruínas mencionadas no diário de Masson.	1853	
Cunningham consegue fundos para as escavações, mas quando chega ao local ele já havia sido vandalizado.	1873	
A Índia passa a receber hordas de ocidentais interessados no Yôga, mas que interpretam tudo errado, de acordo com os seus paradigmas.	1970	Intensifica-se a deturpação do Yôga no Ocidente, sob o comando da Califórnia. As demais culturas acatam sua atitude utilitarista, mesclante e mercantilista.
Apesar das descobertas históricas e arqueológicas, os professores de Yôga insistem em ignorar que existiu um Yôga Pré-Clássico e persistem em afirmar que o Yôga ariano Pátañjali é o "pai do Yôga".	2000	Como reação contra a deturpação do Yôga, DeRose lança uma ofensiva internacional de resgate do Yôga Antigo, que estava em extinção.

Quadro 13: Resumo Histórico dos Eventos que Influenciaram o Yôga

Fonte: DeRose (2005, p. 59-60).

DeRose (1996) diz que em sociedades primitivas que não cultivavam a guerra valorizavam a mulher pela sua capacidade de gerar vida humana. Por conseguinte, a cultura dessa época cultivava qualidades matriarcais e sensoriais, o que permite compreender as bases do Tantra ¹⁵.

De Rose aponta que após a invasão dos guerreiros arianos toda a cultura de envolvimento afetivo com a mulher e com a família foi destruída, inclusive com tortura, e essa destruição foi fundamental na transformação do Tantra em tradição considerada secreta.

Quando os arianos invadiram a Índia há 3.500 anos, escravizaram os drávidas e impuseram-lhes a cultura brahmácharya (patriarcal, anti-sensorial e repressora), proibindo-lhes, portanto, exercer a cultura tântrica (matriarcal, sensorial e desrepressora) por ser oposta ao regime vigente. Dessa forma, com a sua proibição por razões culturais, raciais e políticas, o Tantra se tornou uma tradição secreta. Continua assim até hoje, pois continuamos vivendo num mundo marcadamente brahmácharya, não apenas na Índia, mas na maior parte das nações. Mencionamos razões raciais, pois, ao invadir a Índia, os arianos eram louros (como ainda o eram os arianos que Hitler liderou em sua campanha de conquistas militares, em pleno século XX – por isso seu símbolo era a cruz swástika, antigo símbolo hindu), enquanto que os drávidas tinham pele escura e cabelos pretos (DeROSE, 1996, p. 120).

Segundo Hermógenes, “a história e o desenvolvimento do Yoga são alimentados por uma das mais ricas e maiores tradições literárias e filosóficas do mundo, que é a tradição indiana, especialmente a hindu” (2007, p. 14-15). Entretanto, Borella *et al* (2007) descrevem que não há literatura que relate a história do Yoga completamente, mas estimam que tenha sido desenvolvida nos últimos seis mil anos e sua origem ainda está marcada por especulações. Estes autores não aceitam a hipótese do Yôga ter surgido entre povos drávidas, sustentando que tais povos eram parte de uma casta guerreira, o que contradiz obras como a de Lysebeth (1994) ¹⁶ e de Eliade (1996). Sustentam que o Norte da Índia já estava

¹⁵ Uma das obras mais densas sobre a tradição tântrica, com 865 páginas, que desmistifica e corrige diversos erros de interpretação de outras obras populares sobre o tema, é *Principios del Tantra*, de Sir John Woodroffe (1981). Outra obra de grande erudição sobre este tema é *Tantra, o culto da feminilidade*, de André Van Lysebeth (1994). Estas obras são recomendadas por DeRose.

¹⁶ Lysebeth (1994, p. 24, 27) analisa o que chama de “a fábula do bom ariano”. Ele sustenta que os arianos se comportaram como guerreiros e que em grande medida foram os responsáveis pela destruição da cultura drávida. Esta última, por intermédio da tradição tântrica, deu origem ao Yôga. A

desenvolvido culturalmente na época da suposta invasão ariana, em 1500 a.C. Estes autores interpretam o Yôga como uma cultura dos povos védicos, que utilizaram a língua sânscrita desde suas origens. Estas visões discordantes mostram a complexidade da tradição do Yôga e reforçam a necessidade de novas pesquisas, considerando-se diversos aspectos interligados na história: ideológicos, econômicos, políticos, lingüísticos, etc.

No quadro 14, a seguir, apresenta-se o desenvolvimento histórico do Yôga na perspectiva de Borella *et al* (2007).

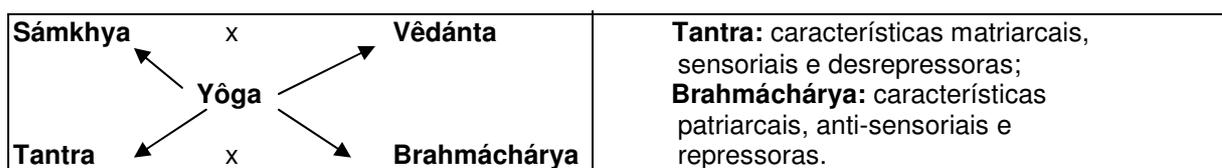
obra deste autor ainda é a que mais detalhadamente descreve as descobertas arqueológicas dos drávidas e o choque proporcionado pela “impostura ariana”. Eliade (1996, p. 293), por sua vez, afirma que, “em sua descida para a Índia central, os indo-árias não encontraram só tribos aborígenes, mas também os últimos sobreviventes da civilização do Indo, aos quais aplicaram o golpe de misericórdia. No plano cultural, os harapianos eram nitidamente superiores aos indo-europeus; sua civilização urbana e industrial não se comparava com a barbárie dos indo-europeus. Os harapianos não tinham, entretanto, vocação guerreira [...]”. Contrariando estas duas obras, Feuerstein (2005, p. 111) diz que “pesquisas recentes revelaram que a teoria da invasão ariana pode ser uma séria distorção da realidade histórica”. Autores contrários à idéia de uma invasão ariana, com base na obra de Feuerstein, Kak e Frawley (1995), sustentam que “a cidade de Harapa não foi destruída por invasão, mas abandonada pelos seus habitantes, em virtude de mudanças arqueológicas e climáticas” (KALYAMA, 2003, p. 45). Fatores climáticos, aliás, são observados também por autores que defendem a ocorrência da invasão ariana. A questão é complexa e envolve aspectos ideológicos e religiosos na interpretação de objetos arqueológicos, textos, línguas antigas, etc. Pelo fato histórico de terem os arianos sido defendidos por Hitler como raça pura, superior e exemplar para a Alemanha do século XX, a questão envolve também interesses políticos. Cabe também destacar que o estudo do sistema de castas na Índia está complexamente vinculado estas questões. Conforme diz Lysebeth (1994, p. 41), “em 1954, o novo Código Civil da Índia suprimiu as castas. É verdade, mas na prática muito pouca coisa mudou”. Este é um tema para novas pesquisas.

Épocas	Desenvolvimento Histórico		
Era pré-védica (6500 – 4500 a.C.)	Civilização do vale do Indo ou civilização Saraswati, que coabitava ou já era a própria origem da civilização védica.	Descobertas do sítio arqueológico de Mehgarth, século VII a.C.	
Era védica (4500 – 2500 a.C.)	Início da composição de hinos do <i>Rig Veda</i> , conceitos filosóficos do absoluto e transcendência já presentes. Não ocorria a palavra Yoga, mas havia o conceito de introspecção disciplinada e as bases da filosofia.	Estima-se que em 3500 a.C. o rio Yamuna virou afluente do Ganges, em vez do Saraswatí. Em 1900 a.C., o rio Saraswatí secou.	18-fev-3102 a.C. Início Kalí Yuga, era das trevas.
Era bramânica (2500 – 1500 a.C.)	Desenvolvimento dos textos clássicos, as brahmanes (explicam os rituais e cultos) e composição dos demais Vedas.	Deslocamento da região do Saraswatí para a região do Ganges.	Conceito de tapas e ascese que passaria a ser chamado de Yoga.
Era pós-védica (1500-1000 a.C.)	Aparecem as <i>upanishads</i> . São as explicações dos Vedas que aparecem para explicar, afirmar e manifestar o que estava contido nesse período.	Surgimento do conceito de ritual interno (<i>antar-yajna</i>).	Surgimento dos primórdios do budismo e do jainismo.
Era épica ou pré-clássica (1000-100 a.C.)	<i>Katha Upanishads</i> (primeira vez que aparece o termo Yoga como disciplina).	Criação do épico Mahabarata (<i>Bhavad Gítá</i>) de 500 a.C., que tem várias referências ao Yoga.	
Período Clássico (100-500 d.C.)	<i>Yoga Sútra</i> , de Patañjali, influencia todas as escolas a seguir e torna-se a principal síntese da filosofia do Yoga.	Cristalização do budismo.	
Período pós-clássico (500-1300 d.C.)	Desenvolvimento do tantrismo.	Fortalecimento do <i>Hatha Yoga</i> , como um resgate do <i>Rája Yoga</i> .	
Período de cisão (1300-1700 d.C.)	Grande desenvolvimento da linha <i>Bhakti</i> .	Cristalização dos vários pontos de vista da tradição hindu (os <i>dárshanas</i>).	

Quadro 14: Desenvolvimento Histórico do Yoga
 Fonte: Borella *et al* (2007, p. 251).

3.2.1.3 Contemporaneidade, Ramificações, Tipos e Características

As cinco filosofias, Sámkhya, Vêdânta, Tantra, Brahmáchárya e o Yôga são independentes umas das outras, mas influenciam-se reciprocamente devido à proximidade territorial e ao longo tempo de convivência. O Sámkhya e o Vêdânta são filosofias teóricas. O Yôga é uma filosofia prática. E Tantra e Brahmáchárya são comportamentais (DeROSE, 2005). O quadro a seguir contém os quatro troncos do Yôga segundo DeRose.



Quadro 15: Quatro Troncos do Yôga
 Fonte: Adaptado de DeRose (2005, p. 61).

Esses quatro troncos do Yôga e suas respectivas características possibilitam entender as suas ramificações no decorrer da história, bem como deduzir que as divergências e contradições existentes na contemporaneidade podem ter origens nestas raízes antigas.

Para DeRose,

[...] O Yôga mais antigo é o melhor, o mais autêntico, o mais completo, o mais forte e o mais lindo. Ainda que ele não o fosse, constituiria uma experiência fascinante pesquisar o Yôga Primitivo por tratar-se de um dos mais arcaicos patrimônios culturais da humanidade, uma verdadeira escavação de arqueologia filosófica. É deslumbrante resgatar esse tesouro quase perdido (DeROSE, 2005, p. 44-45).

No quadro 16 a seguir, apresenta-se a associação de troncos do Yôga aos períodos históricos.

Yôga Antigo	TS (Tantra-Sámkhya)	Pré-Clássico
	BS (Brahmáchárya-Sámkhya)	Clássico
Yôga Moderno	BV (Brahmáchárya-Vêdânta)	Medieval
	TV (Tantra-Vêdânta)	Contemporâneo

Quadro 16: Associação de Troncos aos Períodos Históricos
 Fonte: DeRose (2005, p. 65).

A associação de troncos aos períodos históricos influenciou na criação de dois tipos essenciais de Yôga – antigo e moderno. E em conjunto com as interpretações advindas dessas combinações (4 troncos, 108 ramos) geraram aproximadamente 400 características diferentes. Talvez seja esse o motivo de algumas contradições existentes entre as correntes.

Os verbos que melhor explicam as cinco filosofias do Yôga, conforme DeRose (2005), são os seguintes: Yôga – poder; Sámkhya – saber; Vêdânta – crer; Tantra – sentir; Brahmáchárya – dominar.

Em seguida, no quadro 17, apresentam-se as características das práticas ortodoxa e heterodoxa do yoga.

Swásthya Yôga	
Ortodoxo	Heterodoxo
1ª característica – sua prática extremamente completa, integrada por oito modalidades de técnicas; 2ª característica – a codificação das regras gerais; 3ª característica – resgate do conceito arcaico de sequências encadeadas sem repetição; 4ª característica – direcionamento a pessoas especiais, que nasceram para o Swásthya Yôga; 5ª característica – valorização do sentimento gregário; 6ª característica – seriedade superlativa; 7ª característica – alegria sincera; 8ª característica – lealdade inquebrantável.	Todas as características são observadas, menos a primeira. Assim, podemos executar uma prática composta de um único anga, ou dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, etc.

Quadro 17: Definição de Prática Ortodoxa ou Heterodoxa
 Fonte: DeRose (2005, p. 99).

A Uni-Yôga segue a linha naturalista, técnica, sensorial e desrepressora, características que implicam no cuidado do corpo, no prazer, no conforto, no bem estar e na liberdade. A Uni-Yôga celebra a descontração, a alegria, a sexualidade sadia, a prosperidade, o sucesso socioeconômico.

No quadro a seguir, serão apresentadas as diferenças entre Swásthya Yôga e Hatha Yôga, na percepção de DeRose.¹⁷

¹⁷ Para uma abordagem mais analítica, recomenda-se ver o quadro “Diferenças entre o Swásthya e o Hata Yôga” que consta em obra mais recente (DeRose, 2005, p. 101, 102 e 103), e que é bem mais extenso.

Diferenças	Swásthya Yôga	Hatha Yôga
Geral	Imagem mais ancestral	Mais comum e imagem popular
Fundamentação	Tantra-Sámkhya	Tantra-Vêdânta
Raízes	Pré-Clássica (+ de 5.000 anos)	Medieval (± século XI)
Cultura de referência	Dravídica (pré-ariana)	Ariana
Constituição	Oito partes	Duas partes
Regras de execução	Possui regras explícitas	Não usa regras
Passagens coordenadas	Possui	Não possui
Coreografias	Cultiva	Não cultiva
Repetição	Não se repete	Repete até 25 vezes
Critério para habilitação dos instrutores	Formado e qualificado por cursos, exames, revalidações anuais e supervisão permanente.	Não possui
Público ocidental	Pessoas dinâmicas, intelectuais, artistas, escritores, cientistas, jornalistas, empresários, executivos, profissionais liberais, universitários, desportistas, etc.	Alternativos, espiritualistas, idosos, enfermos, nervosos, gestantes, senhora donas de casa, etc.
Faixa etária	Adultos jovens dos 16 aos 50 anos.	A maioria dos 50 em diante.
Nível cultural	Superior e médio	Médio e básico
Classe socioeconômica	Todas, mas especialmente A e B	Todas, mas especialmente B e C.
Sexo dos ocidentais	Maior parte homens	Maior parte mulheres
Motivo da prática	Prazer, satisfação, boa forma, qualidade de vida, definição muscular, administração do stress, autoconhecimento.	Problemas psicológicos, doenças, expectativa de vantagens espirituais.
Proposta do método	Atingir o samádhi	Não tem

Quadro 18: Diferenças entre Swásthya Yôga e Hatha Yôga

Fonte: DeRose (1996, p. 64-66).

A sublimação caracteriza-se como o “fenômeno que nos permite passar de um estado mais denso para outro mais sutil, sem passar pelo intermediário” (DeROSE, 1996, p. 104). A conclusão do autor indica que o homem comum precisa passar pelos três estágios: o do quadrado (o homem bruto), o do triângulo (o espiritualista) e o do círculo (indivíduo lúcido e evoluído, portanto descondicionado de crenças e ideologias). Porém, as pessoas que tiverem a possibilidade de iniciarem pela Swásthya Yôga poderão passar do estado bruto ao de Ser Consciente, sem ter a necessidade de ocupar o tempo com o misticismo.

Para DeRose (1996), a tradição tântrica é representada pelos textos de transmissão oral, referentes ao período pré-clássico da Índia, ou seja, com mais de cinco mil anos. Na época, a Índia era habitada, entre outros, pelos drávidas, que se caracterizavam por constituir uma sociedade que cultivava a cultura matriarcal, sensorial e desrepressora. O Tantra, o Sámkhya e o Yôga são as três filosofias mais antigas da Índia, com origens na fase proto-histórica da Índia, ou seja, no período

dravídico. Talvez por este motivo sejam as três que tenham mais afinidade entre si do que com outras surgidas mais tarde.¹⁸

A disseminação contemporânea do Yôga, principalmente no Ocidente, decorrente do ensino profissionalizado e de estabelecimentos surgidos para este fim, proporcionou uma concorrência comercial e ideológica, e é nesse contexto que a proposta da Uni-Yôga se mostra relevante como um objeto de estudo acadêmico.

3.2.1.4 Público Alvo e Destinação

“O Yôga sempre foi uma disciplina restrita a um seletivo grupo de iniciados e isso manteve sua qualidade através dos séculos” (DeROSE, 1996 p. 25). O autor argumenta que é de fundamental importância a compreensão de que para caracterizar o Swásthya Yôga não basta apenas seguir fielmente o método. É necessário que os praticantes sejam o público certo.

[...] quanto mais inculta a pessoa, mais nos faz oposição. O repúdio é inversamente proporcional à cultura do observador. Pessoas menos intelectualizadas rejeitam nossas propostas sistematicamente [...] (DeROSE, 1996, p. 35).

DeRose defende preservação da tradição do Yôga pela formação de instrutores jovens, que não façam do aspecto místico desta tradição um obstáculo à sua prática, e que se concentrem na formação de longo prazo, a partir das práticas e suas combinações, que se estendem gradualmente para os aspectos teóricos, de acordo com a hierarquia existente entre os diversos níveis de aprendizado dentro da Uni-Yôga. Esta abertura e flexibilidade da organização atrai não somente jovens, mas pessoas de várias idades.

“Em todos os textos clássicos o yôga é só associado aos conceitos de poder, força, energia e dinamismo. Nenhuma escritura de meu conhecimento declara que o Yôga acalma” (DeROSE, 1996, p. 43). O efeito terapêutico em relação ao estresse é indireto, não é necessariamente o objetivo do praticante.

¹⁸ Na obra de Borella *et al* (2007) é possível encontrar críticas a estas e a outras posições de DeRose, o que não será apresentado aqui por se tratar de uma abordagem que transcende os objetivos desta dissertação.

A formalização de nossa metodologia teve vários objetivos. Um deles foi devolver ao yôga a estatura original de filosofia iniciática, envolvê-lo em um casulo protetor que impedisse o deterioramento pelo contato corrosivo com a poluição do consumismo destes últimos tempos (DeROSE, 1996, p. 79).

A proposta da Uni-Yôga é fundamentalmente a de preservar a cultura do Yôga original, pré-clássico, e para isso ela entra em confronto com propostas mais adaptadas ao mercado, que visam segmentar aspectos do Yôga para gestantes, para terapia e outras denominações que se adaptam ao mercado inclusive com o uso de termos em inglês, como Power Yôga, Yôga Fitness, etc.

Graças aos procedimentos defendidos no nosso trabalho, alteramos a balança da lei de oferta-e-procura, a favor do yôga. Conseguimos torná-lo mais respeitado, reduzindo a oferta, aumentando a procura, limitando drasticamente o número de privilegiados que teriam acesso a ele (DeROSE, 1996, p. 80).

O autor ressalta ainda que atualmente somente aceita como orientando, discípulo ou “professor de nossa linhagem quem me convencer de que já sabe o que quer; que será leal e que não vai ficar buscando aqui e ali, neste e naquele livro, nem misturando os ensinamentos deste e daquele Mestre” (DeROSE, 1996, p. 86). Porém, para Borella *et al* (2007, p. 353), nem todo método é adequado para todos, e nem o mesmo procedimento é indicado sempre para um mesmo indivíduo, “é necessário um ajuste constante às necessidades do processo evolutivo de determinada pessoa ao longo de sua existência”. As características e os objetivos pessoais dos praticantes de Yôga poderão influenciar na escolha do método ou escola em que seguirão.

Quanto à questão do melhor Yoga, há evidente falta de critério possível para comparação, visto que a essência da prática lida com aspectos individualizados e sutis. O estilo pessoal, personalidade, histórico prévio e necessidades atuais que irão determinar a conveniência da escola e o método escolhido e qual o conjunto de práticas que irão adotar preferencialmente [...] Além disso, como foi amplamente abordado, o Yoga é um trabalho integral de desenvolvimento e ampliação da percepção e consciência em que o praticante não pode ficar restrito à visão de uma escola ou método que necessariamente serão limitados aos parâmetros utilizados naquela escola (BORELLA *et al*, 2007, p. 353).

Algumas diferenças ideológicas revelam-se, na prática, inúteis e inócuas, já que a autonomia do praticante o leva a desenvolver seu próprio estilo, de acordo com seus limites físicos, sua idade e seus objetivos. Suas representações sociais a respeito do método, das técnicas, da ideologia de sua escola e de seu instrutor mudam ao longo do tempo e são constantemente adaptadas e renovadas, em certo sentido. Para que não ocorra uma degradação da cultura, a Uni-Yôga persiste na formação, no acompanhamento, nos testes. É o que a justifica enquanto organização de estudos avançados na tradição do Yôga.

A prática do yôga depende muito mais dos propósitos individuais do que da coisa em si, sendo que qualquer atividade que se faça poderá adquirir uma nova dimensão. Mesmo que não tenha nome ou forma de yôga, mas que seja estritamente prático e, como meta, conduza o praticante ao samádhi, será yôga. Será yôga a partir do momento em que haja a intenção de aprofundar a concentração, que nada mais é do que uma das últimas etapas do Yôga Clássico (SANTOS, 2001, p. 113).

3.2.2 Método DeRose

O desenvolvimento do Método DeRose se apóia sistematização do que ele denominou Swásthya Yôga, apresentado como o mais integral ou mais completo em toda a história do Yôga. “Está baseado em raízes muito antigas (Dakshinacharatantrika-Niríshwara-sámkhya Yôga)” (DeROSE, 1995, p. 15). Na sua obra mais extensa e técnica, o autor faz a seguinte observação a propósito de sua “proposta de sistematização universal dos ásanas”:

Qualquer estudante sério de Yôga observa que há uma notável discrepância de nomenclatura entre um livro e outro, uma Escola e outra, um Mestre e outro, na própria Índia. Um motivo da divergência é o fato de cada qual possuir no seu acervo uma quantidade limitada de exercícios. A maioria dos livros de Yôga ensina em média uns 50 ásanas. A obra considerada mais completa em número de ásanas era o *Light on Yôga*, de Iyengar, que apresenta cerca de 600 ilustrações, mas como muitas delas referem-se ao mesmo exercício, o número real de ásanas é bem menor (“Over 200 postures and 14 breathing exé bem menor (“Over 200 postures and 14 breathing exercises”). Nesta codificação, a maior já realizada na História do Yôga, compilamos 2.000 ásanas e bem mais de 2.000 ilustrações, além de 58 exercícios respiratórios e 100 mudrás. Queremos, no futuro, acrescentar os nomes assumidos por todas as Escolas, juntamente com a nomenclatura adotada por nós para, a um só tempo, homenagear essas Escolas e tornar a nossa obra mais didática e mais universal (DeROSE, 1995, p. 213).

No quadro 19, a seguir, constam as etapas, fases, estágios e consistências do esquema de atuação escalonada do Método DeRose de Yôga avançado.

Etapas	Fase	Estágio	Em que consiste
Inicial	1	Bio-Ex	Preparatório antes do yôga.
	2	Ashtânga sâdhana	Reforço da estrutura biológica.
	3	Bhúta shuddhi	Purificação corporal intensiva.
Medial	4	Maithuna	Canalização da energia sexual.
	5	Kundaliní	Despertamento da energia criadora.
Final	6	Samádhi	Estado de hiperconsciência.

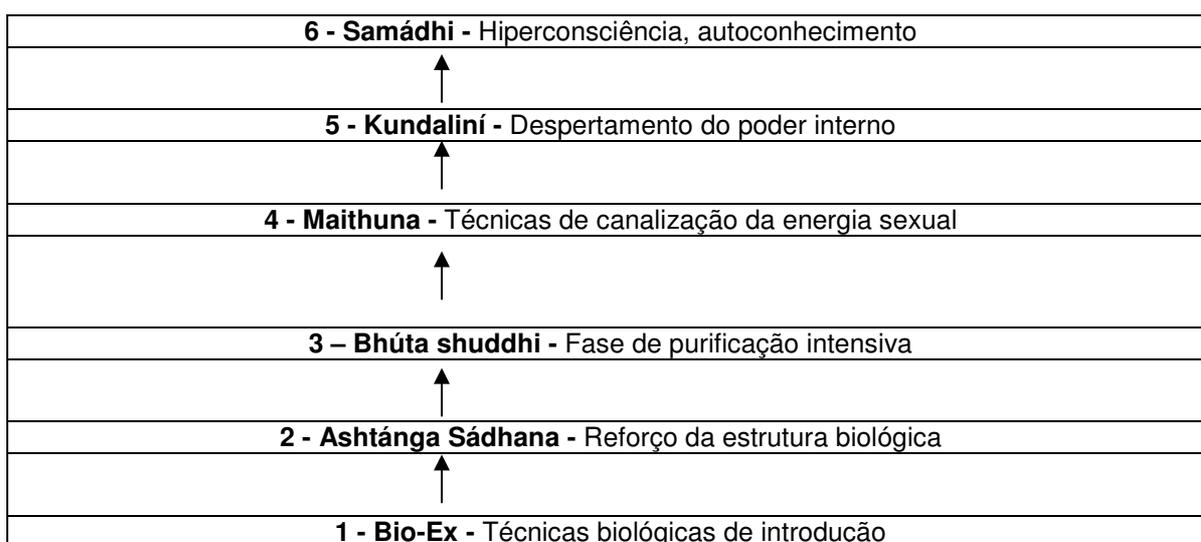
Quadro 19: Atuação Escalonada do Método DeRose de Yôga Avançado

Fonte: DeRose (2005, p. 107).

O estado de consciência denominado Samádhi é também motivo de muitas controvérsias. Aqui apenas cabe explicitar o ponto de vista de DeRose:

Samádhi é o estado de hiperconsciência, de megalucidez, que proporciona o autoconhecimento, bem como o conhecimento do Universo. [...] Os praticantes de outros tipos de Yôga consideram o samádhi algo inatingível, digno apenas dos grandes Mestres. Algo que simples mortais não devem almejar sob pena de ser considerados pretensiosos. E quem o atinge deve negá-lo publicamente para evitar o escárnio dos demais yôguis! Quanta estupidez! Quanta distorção! Se a meta do Yôga é o samádhi, todos os que o praticam devem atingir esse estado de megalucidez. [...] O sabíja samádhi, ou samádhi com semente, é um estado de consciência que pode ser traduzido como pré-iluminação e está ao alcance de qualquer praticante saudável e disciplinado, que tenha passado por todos os estágios anteriores e permanecido em cada um deles o tempo prescrito pelo seu Mestre. [...] Não há perigo nem misticismo algum. É apenas um estado de consciência. O nirbija samádhi é o estágio final, em que o praticante atinge a meta do Yôga, o coroamento da evolução do ser humano. Não há como descrevê-lo (DeROSE, 2005, p. 115).

No quadro a seguir, apresentam-se as fases de progressão no Yôga Antigo.



Quadro 20: Progressão no Yôga Antigo

Fonte: DeRose (2005, p. 116).

O Método DeRose inclui também uma série de conversões de energias negativas em positivas.

Positivo (utilize:)	Negativo (no lugar de:)
Amor	Paixão
Zelo	Ciúme
Erotismo	Luxúria
Raiva	Ódio
Orgulho	Vaidade
Ambição	Cobiça
Admiração	Inveja
Precaução	Medo
Agressividade	Violência
Sinceridade	Franqueza (Crudeza)
Prosperidade	Opulência
Diplomacia	Hipocrisia
Liberdade	Anarquia
Disciplina	Repressão
Sugestão	Crítica
Colaboração	Reclamação

Quadro 21: Conversão de Energias Negativas em Positivas
 Fonte: DeRose (2005, p. 122-123).

O Método DeRose inclui as oito características do Swásthya ortodoxo (já apresentada em quadro anterior). Lucila Silva ressalta que o Método, além de naturalista, está

[...] sustentado no estímulo à convivência refinada, no sentimento gregário, na cultura, na arte, na ética e na razão, pregando um estilo de vida saudável em todos os aspectos: físico, emocional e mental (SILVA, 2007, p. 240).

A seguir no capítulo 4, apresentaremos as representações sociais de lideranças da Uni-Yôga em SC, resultantes da pesquisa de campo.

4 Representações Sociais de Lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina

Nesta seção, apresentamos e analisamos as informações colhidas nas entrevistas e nos documentos pesquisados à luz da teoria das representações sociais. Entrevistamos oito líderes da Uni-Yôga, sendo seis por meio de entrevistas individuais (E1, E2, E3, E4, E5 e E6) e dois entrevistados simultaneamente (A e B). Por isso, estes dois últimos foram separados para a apresentação das representações sociais.

A apresentação dos resultados da pesquisa de campo contém os seguintes componentes: a) tema; b) questão original feita na entrevista; c) falas dos cinco entrevistados individualmente; d) falas dos dois entrevistados conjuntamente; e) as análises das representações sociais associadas a alguns conceitos teóricos.

As temáticas apresentadas nesta seção do trabalho surgiram a partir da pesquisa bibliográfica realizada tanto para o referencial teórico-paradigmático como para a análise documental.

4.1 Formação Religiosa

Como foi sua formação religiosa na infância e adolescência?

Categorias	E	Síntese das representações
Formação Religiosa	E1	Ateu. Meu pai era ateu e me orientou dessa forma.
	E2	Eu estudei em colégio de freira. Mas nunca tive uma educação religiosa em casa. E sem formação na igreja, como a primeira comunhão, por exemplo.
	E3	Católica, cristã. Não frequento a igreja, tenho meu modo de ver.
	E4	Minha família é de formação católica. Então tive todas as fases, com batizado, primeira comunhão e crisma. Mas hoje não tenho nenhuma religião.
	E5	Foi através de catequese e com orientação familiar, católica.
	E6	Católica.

Quadro 22: Formação Religiosa

Fonte: elaboração própria.

A – Absolutamente Católica, assídua, fervorosa.

B – Cresci em cidade grande, onde passei primeira comunhão. Mas não segui adiante, apenas tive uma formação básica, mínima, obrigatória. Sem participação e frequência.

Os entrevistados revelaram que tiveram uma formação religiosa oriunda da Igreja Católica. Porém, alguns com maior e outros com menor intensidade. De

qualquer forma, caracterizam-se uma influência católica. E outro por nenhuma formação religiosa, como E1.

4.2 Mudança de Visão de Mundo Ocidental para uma Visão de Mundo também Oriental

Como ocorreu a sua mudança de visão de mundo de ocidental para uma aproximação à tradição oriental? Quais foram seus motivos para esta mudança?

Categorias	E	Síntese das representações
Mudança de visão de mundo ocidental para uma visão de mundo também oriental	E1	Muito influenciado pelos anos 60, em que o movimento <i>hippie</i> começou a eclodir e influenciar o mundo inteiro. Influenciou a música, a arquitetura, a moda, a linguagem, a sexualidade e no bojo daquilo tudo veio o Yôga. Havia uma procura pelo oriente, pelas coisas orientais e aí o Yôga surgiu.
	E2	Eu não saberia dizer o ponto que isso aconteceu. Mas eu tive amizades, colegas, ao longo do ensino médio e início da faculdade, que tinham essa visão de mundo relacionada às várias culturas orientais. E aos poucos fui percebendo que estava na minha frente e resolvi conhecer. [...] uma amiga me convidou para fazer uma aula e disse que eu iria gostar. Então, foi um processo relativamente longo, fiz minha primeira aula foi em 2000, mas foi somente em 2005 que eu passei a praticar regularmente Yôga. Teve esse tempo de latência, mas não era prioridade para mim na época. Portanto, comecei pelo Swásthya Yôga, e foi a única modalidade que pratiquei.
	E3	Foi em Florianópolis que descobri o Yôga, onde iniciei em uma escola da Uni-Yôga. [...] Iniciei pela curiosidade e pela palavra universidade. Na qual imaginava encontrar, e encontrei, um método, uma forma de conduzir as pessoas e entrar na escala evolutiva, de forma voluntária. Foi como se olhar no espelho. Dentro do Yôga, muda o sentido de perceber as coisas e dentro da aula quem pergunta é o professor e não o aluno como na cultura ocidental. Está invertido, mas os dois lados estão certos, no ponto de vista de cada um. Eu concordo com muita coisa, sobre o que eu já estudei do Yôga. O Yôga [...] têm vários pontos de vistas, que podem ser mudados e aos poucos você está vendo a mesma coisa, mas de outra forma.
	E4	No meu ponto não tem tanta diferença assim, como a gente pensa, na visão oriental e ocidental. Estive na Índia e muito daquela visão que a gente tem do oriente, que eles na Índia não têm ligação com dinheiro. [...] Tendo o Yôga surgido no Oriente, pode ser aplicado em qualquer local, Oriente ou Ocidente. Eu fazia artes marciais e utilizavam-se técnicas de Yôga para alongamentos. Isso me interessou muito e tive familiares que já praticavam.
	E5	Através do Yôga. Desde os 12 anos me interessava através de livros, amigos, internet. Comecei a praticar com 19 anos de idade, em busca de autoconhecimento.

Quadro 23: Mudança de Visão de Mundo

Fonte: elaboração própria.

A – A minha mudança foi quando comecei a praticar Yôga, embora não tivesse esse objetivo inicialmente. Eu busquei o Yôga para descontração. Mas depois percebi que o yoga tinha uma motivação maior em relação a mudanças de hábitos. Era um mundo novo para mim, uma oportunidade de trabalho. Apesar de ter ficado com medo, resolvi encarar as mudanças advindas do yoga, há 15 anos. Acredito que o motivo inicial tenha sido intuitivo.

B – Comecei há 10 anos. Sempre tive curiosidade pela filosofia oriental. Como os orientais conseguem ter uma filosofia lógica baseada em fé, em misticismo, mas de um modo cartesiano como nós. Em entender como eles conseguiam não ter um pensamento quadrado. Então, comecei a praticar o Yôga pela questão física-corporal, mas também pela curiosidade que já existia desde os 15 anos de idade. Aí descobri as partes práticas, teóricas e comportamentais do yoga. A mudança é provocada a partir das práticas iniciais, onde se percebe a reação individual e os resultados. A isca inicial foi a parte física. Eu praticava surf e vinha de lesões, então amigos me aconselharam a alongar pelo Yôga.

A mudança de visão de mundo ocidental para uma visão de mundo também oriental foi apontada pelos pesquisados como sendo influenciada por diferentes motivos, como: a) momento vivido na década de 1960 de uma transição em diferentes áreas da sociedade, incluindo a abertura cultural para o oriente; b) influência de familiares, amigos, colegas e busca do autoconhecimento; c) a credibilidade de uma instituição que permite o desenvolvimento dos indivíduos por meio de uma formação voluntária e dentro de uma escala evolutiva; d) descontração e preparação física.

Pode-se notar que os entrevistados adaptaram-se a essa filosofia oriental a ponto de seguir carreira profissional na Rede Uni-Yôga; alguns indivíduos dirigem suas próprias unidades, formam novos líderes e disseminam o Yôga. Essa mudança de percepção alinha-se às representações sociais, que visam compreender o mundo por meio de um processo de mudança constante. Duas ou mais pessoas buscam realizar uma leitura sobre os objetos pelo seu ponto de vista, bem como compreender os valores e as crenças que compõem um grupo social (FONSECA; MORAES; CHAMON, 2009).

4.3 Valores Orientais Concretizados em Hábitos

Que valores tipicamente orientais você possui atualmente? Esses valores são concretizados em que tipo de hábitos?

Categorias	E	Síntese das representações
Valores orientais concretizados em hábitos	E1	Na verdade, não consigo separar os valores dessa forma, sendo que não tenho como separar.
	E2	Acredito que o principal valor seja a tentativa de diminuir a dicotomia do dentro e fora. Um conceito inerente ao Yôga de não se prender ao indivíduo <i>versus</i> ambiente. Seria uma interdependência por meio de um valor que busca constantemente uma ênfase nas relações. Ou seja, centrar nas pessoas e nas relações e não na relação do ter, fazer e ser. Concretizar isso nem sempre é fácil, mas é possível ser concretizado. É um trabalho de auto-superação, de interiorizar certas características. E não é um trabalho linear, pois o sujeito poderá sofrer uma recaída comportamental, até mesmo na forma de pensar, pois são anos vivendo numa cultura com valores ocidentais. Acho possível compatibilizar valores ocidentais e orientais. Mas não acho possível alguém comprar a ideia, mas sim compartilhar pelo exemplo.
	E3	Houve uma evolução na minha vida orgânica, que eu acho que valeu muito a pena. Favorece como um todo, por exemplo, a alimentação, a diminuição do consumo de carne e a menor influência no meio ambiente, na camada de ozônio e nas pastagens. A gente está fazendo uma pequena coisinha, uma gotinha. E também perceber que há emoções e que não é ruim ter medo, ser inseguro, como uma forma de autoconhecimento. Todo este ambiente tem a ver com o Yôga, desde o modo como abrir a porta. [...] Enfim, ao melhorar uma parte do mundo para que o mundo como um todo melhore [...].
	E4	Não muda muito, mas existem diferenças de culturas, especialmente por estar praticando uma filosofia oriental, por meio de ferramentas como o Yôga, que é uma filosofia de vida prática. Esta influencia os hábitos, não por imposição ou repressão do método, mas por uma empatia, uma sintonia com a filosofia. Por exemplo, aquilo que ela sugere como a alimentação sem carnes, abster-se do uso de álcool, drogas, fumo e um bom relacionamento com as pessoas, amigos, fornecedores e desconhecidos.
	E5	A ética e o amor são princípios universais. E o yoga não tem nada a ver com religião. Eu era católico por influência da família e continuo até hoje. Sendo que para mim não houve crise pela percepção de mundo, devido ao fato de nosso Yôga ser naturalista.
	E6	A alimentação, o modo ser e tratar as pessoas.

Quadro 24: Valores Orientais Concretizados em Hábitos

Fonte: elaboração própria.

A – O Tantra, que é a filosofia oriental mais antiga que se tem conhecimento, uma filosofia comportamental. E a filosofia teórica é o Sámkhya. E o Yôga se caracteriza por ser prático, por um ponto de vista do indivíduo, uma forma de ver o mundo ou de ver a si próprio.

B – A ética oriental, como a ocidental, possui muitas correntes. Mas na visão oriental, elas possuem muitos pontos em comum. [...] como o princípio da limpeza e da purificação. A ética ocidental é voltada do indivíduo ao grupo. A ética oriental é voltada para a busca de consciência, iluminação, por exemplo, em que se precisa de valores individuais, uma “auto-ética”. Também há o fator comportamental, como a alimentação, que é vegetariana. O Yôga que a gente pratica e ensina é baseado em três pilares: o que eu faço, a forma como eu me comporto e a forma como eu teorizo sobre o universo. Eu passo a ter uma visão de mundo naturalista, sempre baseado no conhecimento e não na crença.

Os valores orientais concretizados em hábitos pelas lideranças da Uni-Yôga podem ser compreendidos como uma tendência a não separar valores orientais e ocidentais, mas integrá-los; há uma valorização das relações sociais, o

compartilhamento de valores pelo exemplo e pela aceitação da filosofia e não pelo convencimento ou imposição; há a mudança de comportamento na alimentação sem carnes, vegetariana – na realidade, o que DeRose defende é uma alimentação ovo-lacto-vegetariana, ou alimentação biológica –, com abstenção do consumo de álcool e drogas. Portanto, pode-se perceber que os indivíduos pesquisados têm diversos valores orientais consolidados em hábitos. Até que ponto os hábitos são influenciados pelo grupo social ou pelo próprio autoconhecimento do indivíduo é algo que não se sabe. A prática do Yôga e da alimentação biológica parece conduzir os indivíduos a uma autonomia e, mais que isso, a uma “auto-eco-organização” (conforme a terminologia de Morin).

Os valores hegemônicos ocidentais são contrariados por resistências em civilizações não-ocidentais ou em locais nos quais valores orientais são cultivados (HUNTINGTON, 1997). Esse processo é certamente muito contraditório, ambivalente e complexo.

Lafraia (2009) diz que mais complexo é o desafio de incorporar uma prática simples ao hábito coletivo, pois tanto nas esferas individuais como coletivas existem estágios diferentes para se incorporar um hábito. E conhecer é diferente de praticar. Nesta pesquisa, percebe-se que os indivíduos conhecem e praticam os valores orientais relacionados ao Yôga.

4.4 Prática do Yôga e as Mudanças na Vida

Há quanto tempo você pratica Yôga? O que isso mudou na sua vida?

Categorias	E	Síntese das representações
Prática do yôga e as mudanças em sua vida	E1	Eu prático há 35 anos. Mudou tudo, principalmente a visão do mundo. É uma visão bem mais profunda, a gente percebe que existe uma quantidade maior de coisas associadas em cada escolha que a gente faz. Um pouco pela idade, mas principalmente pelo Yôga, que ampliou muito minha visão de mundo. Fazendo com que a gente faça escolhas mais inteligentes, com relação à saúde, profissão, estilo de vida, qualidade de vida. Tudo isso é influenciado por essa visão.
	E2	O Yôga leva às mudanças de curto, médio e longo prazos. Preciso fazer algo para mudar meu estilo de vida – era minha proposta desde o início. Fazia faculdade e trabalhava ao mesmo tempo. [...] O Yôga nos faz algumas sugestões de alimentação e consumo de produtos, não comer carne, não usar álcool, etc. As mudanças foram mais aceleradas na prática do Yôga pela mudança de hábitos. Um aumento de vitalidade e disposição, eu me sentia mais disposto e dinâmico, minhas sensações ficaram mais apuradas, como o paladar, a visão, o olfato. Enfim, você acaba conhecendo mais seu próprio corpo. Mas nessa linha de Yôga, o físico é muito importante, pois é o veículo para o ambiente físico, para minha respiração e postura. A prática desenvolveu aspectos físico, emocional, mental e psicológico. É como se todo dia eu estivesse aprendendo coisas novas. Nós compartilhamos um mesmo ideal, filosofia e visão de mundo. Trabalhamos na mesma coisa e praticamos o mesmo Yôga. Isso faz com que haja cumplicidade e irmandade, resultando em amizade, como de infância, uma família e uma egrégora.
	E3	Há 7 anos. Mudou tudo. Como se eu tivesse feito uma revolução gradual. Hoje sou mais sorridente, reclamo menos e melhorei minha forma de agir e a minha receptividade.
	E4	Prático desde 1986, há aproximadamente 22 anos. Comecei a praticar muito cedo, com 11 anos de idade. A vida toda foi praticamente dentro do Yôga. Tenho certeza que com a filosofia do Yôga eu tenho uma visão de mundo diferente do que se não praticasse. Até mesmo em relação aos hábitos, como a alimentação sem carne e bebida. Caso contrário, talvez tivesse acompanhado a grande maioria das pessoas, que usam álcool, fumo e drogas.
	E5	Os princípios éticos são universais, independente do lugar do mundo que tenha nascido. E da mesma forma que você administra a sua vida, você administra a sua empresa. A empresa é uma manifestação do capitalismo. Mas aqui dentro da escola temos características do socialismo, onde o instrutor entra como sócio e nada é de ninguém e tudo é de todo mundo. Uma visão do socialismo e uma visualização do Mestre DeRose, que juntou os dois sistemas econômicos de uma forma tão bem feita que só pode ser um mestre.
	E6	Muitos valores vieram ao encontro de algo que eu já sentia, mas não conhecia estruturalmente, o Yôga.

Quadro 25: Prática do Yôga e as Mudanças Advindas

Fonte: elaboração própria.

A – Mudou tudo. Estou mudando e sei que tenho muita coisa para mudar ainda. Algumas mudanças são arraigadas e difíceis de serem alteradas. Pois tenho disposição em aprender com as pessoas com quem convivo. Temos uma postura comportamental aqui na unidade, em que cada pequena turma está formando uma egrégora.

B – Mudou tudo. Pois o Yôga é uma filosofia que conduz o indivíduo a um auto-aprimoramento o tempo todo. Principalmente, o fato de termos consciência de continuar mudando. No mundo, normalmente as pessoas têm resistência à mudança, aqui nós estamos predispostos a ela.

A prática do Yôga trouxe mudanças essenciais na vida dos instrutores e líderes da organização. Essas mudanças podem ser percebidas principalmente pela

visão de mundo, decisões diferenciadas em escolhas na vida, mudança do estilo de vida e hábitos, aumento da vitalidade, melhora da disposição e dinamismo, sensações mais apuradas. A forma de administrar a própria vida e a organização passaram a ser associadas.

As mudanças advindas do Yôga estão também atreladas a um estilo de vida simples e saudável, com alimentação biológica, utilização de elementos naturais e autocuidados (SIEGEL; BARROS, 2009), busca de si mesmo e o descondicionamento corporal-mental-espiritual. Os hábitos saudáveis de vida são caracterizados como fatores determinantes e essenciais para prevenir o aparecimento das doenças da civilização nos indivíduos (AMATO; AMATO, 2004). Cabe observar que o consumo de carnes estimula uma cadeia produtiva que tem um significativo impacto ambiental e, nesse sentido, a cultura da Uni-Yôga, é ecológica.

4.5 Instrutor de Yôga e a Influência de sua Liderança na Organização

Na condição de instrutor de Yôga, você desempenha uma forma de liderança. Como você percebe a si mesmo (a) enquanto liderança de organização que defende valores orientais e antigos no mundo ocidental e moderno?

Categorias	E	Síntese das representações
Instrutor de Yôga e a influência de sua liderança na organização	E1	Sou presidente da Federação de Santa Catarina, sou pioneiro aqui. A influência vai desde os diretores, os instrutores e alunos, como presidente da federação. Existe uma diferença entre ocidentais modernos e orientais modernos. Pois se tratando do oriental antigo, por exemplo, na Índia e na China eles continuam com valores milenares, fazendo um esforço para se adaptar ao mundo com influência da comunicação, principalmente. A mescla ficou um pouco complicada. Eles têm valores que nem entendem porque têm, em uma cultura de 5000 anos, e tentando se adaptar à linguagem do computador, por exemplo. O antigo oriental está presente, a pessoa é um budista praticante e trabalha numa empresa de informática, é machista, discrimina as filhas e come carne de cachorro. Ao mesmo tempo acredita nos antepassados. Enfim, mescla crenças e ao mesmo tempo quer se vestir como ocidental e usar um carro ocidental. A gente utiliza as técnicas do Yôga antigo, mas a linguagem é contemporânea. O Yôga da Índia moderna é ruim pra nós, por isso foi necessário que um brasileiro resgatasse o antigo.
	E2	Não vejo como valores antagônicos ou inconciliáveis. O meu jeito de liderar é muito liberal. Eu prefiro deixar as pessoas livres para que tragam suas ideias e tomem suas iniciativas.
	E3	Eu sou líder deles. Nós temos um papel de informação, que é incompreendido muitas vezes pelas pessoas que não conhecem o método. Pois elas querem perguntar, mas não querem ser questionadas.
	E4	Uma liderança saudável, que compartilha receitas e despesas por meio de uma visão diferente de patrão e empregado. [...] Aqui temos uma relação de cooperação. Pois crescendo a escola todos vão crescer profissional e financeiramente. Acredito ser uma liderança agradável. Existe algo muito claro, que nossa empresa é sustentada por dois pilares: negócio e filosofia. Um negócio comum está alicerçado apenas no negócio. Para nós, temos a filosofia que direciona nossa vida. [...]
	E5	Uma liderança que influencia muito as pessoas, muitos alunos. Tem também a participação com outros líderes, a ponto de estarmos elaborando projetos para uma expansão ainda maior dessa qualidade de vida que a gente pode oferecer às pessoas. É uma visão de cada vez mais estar liderando mais pessoas e oferecendo a elas mais qualidade de vida, uma profissão, uma estrutura de desenvolvimento pessoal, coletivo, familiar, empresarial, de liderança, formando outros líderes, outros empreendedores. [...] Na própria escala tem uma metamorfose evolutiva dos graus de mudança e isso tem um impacto radical, na alimentação, na forma de pensar, de se relacionar e de administrar os negócios.
	E6	Valorizamos as pessoas, formamos instrutores e temos responsabilidades enquanto organização.

Quadro 26: Instrutor de Yôga e a Influência de sua Liderança

Fonte: elaboração própria.

A – Eu gostaria muito de ser um líder carismático, um ícone. Gostaria que as pessoas percebessem em mim uma referência para o Yôga.

B – É um desafio estar no Ocidente, em um país ocidental, capitalista, onde se precisa de dinheiro para viver e ao mesmo tempo ensinar essa filosofia. É um contra-senso, pois por vir do Oriente as pessoas esperam algo desapegado. Mas a gente precisa se estruturar enquanto empresa. Então é um conflito interno e social. Já recebemos críticas em relação a sermos mercenários ou comerciantes. Como que se dar aula de Yôga não fosse como dar aula de administração ou inglês. A gente influencia o tempo todo na vida das pessoas. Então é uma responsabilidade em influenciar as pessoas, como emagrecer e parar de usar drogas, pela filosofia e não por imposição, a pessoa vai mudando seu comportamento. E o retorno dessa mudança é positivo, tanto por parte dos alunos, como de pais de alunos. A mudança pode ser nítida no comportamento das alunas, pois a linha de nosso Yôga é pela valorização da mulher.

As lideranças mesclam valores orientais e ocidentais, antigos e modernos. Percebem contradições tanto no oriente quanto no ocidente. A liderança pode ser percebida pela influência sobre os demais membros da rede e pela consideração de que ela é constituída de uma relação liberal, saudável, agradável, cooperativa, informacional, que visa elaborar projetos em prol da qualidade de vida, sustentada pelos pilares do negócio e da filosofia. A liderança pode ser definida “como o exercício do poder de influenciar pessoas em direção a uma visão e a um propósito. [...] Os líderes têm a função de harmonizar os interesses e as ideias, sem os quais esses grupos perderiam a direção e o sentido” (LAFRAIA, 2009, p. 108).

Além de influenciar na formação de futuros líderes, convive-se com a dualidade valorativa, em que a organização está inserida geograficamente no Ocidente, mas possui valores originalmente orientais. Isso pode gerar críticas de pessoas externas à organização em relação à questão financeira, por exemplo. A Uni-Yôga alia critérios de sustentabilidade econômica a valores e propósitos de formação de instrutores de Yôga capazes de continuar a preservar a tradição.

A liderança baseada em valores é o caminho, no sentido mais amplo e metafísico do termo, para a construção da sustentabilidade econômica, social, ambiental, ética e estética (no sentido filosófico do termo) das organizações e a forma de construir vínculos que resolvem os dilemas de cooperação e confiança para a ação em cenários complexos (MIGUELES; ZANINI, 2009, p. 1).

Mudrey e Boeira (2008) concluem que a Uni-Yôga visa no longo prazo à formação de lideranças participativas, técnica, administrativa e economicamente competente, mas num ambiente em que seja valorizada a auto-realização, o autoconhecimento.

4.6 A Liderança de DeRose

Como você percebe a liderança de DeRose?

Categorias	E	Síntese das representações
Liderança de DeRose	E1	Boa, simpática, preocupada, proativa, bacana. É importante deixar claro que as unidades são pessoas jurídicas independentes. O DeRose tem apenas uma unidade.
	E2	O bicho é bom. É uma figura super carismática. Existe um homem por trás daquela imagem institucional e filosófica. É uma liderança quase paternal. É um cara que quando é preciso dar a palmada, ele chama a atenção. Mas conversa muito. É uma pessoa extremamente polida. Caracteriza-se pela serenidade, educador, lidera educando.
	E3	A rede não existiria sem ele. A gente tem um compromisso muito grande em prosseguir.
	E4	A gente tem a liderança do DeRose com experiência de mais de 35 anos de profissão, que já trilhou o caminho e pode nos passar essa experiência. Por isso, considero uma liderança essencial. A diferença principal é o fato de termos o apoio estrutural da parte jurídica, contábil e mercadológica. Mas como são escolas independentes e não franquias, isso dá uma liberdade para atuar e direcionamentos da nossa escola, como a administração.
	E5	Extraordinária, exemplar, uma pessoa que tem uma consciência fascinante, prevê os acontecimentos, temos uma benção de ter um líder que possa nos orientar tão bem com relação a aspectos familiares, pessoais, profissionais, afetivos e de relacionamentos. Ele consegue desenvolver uma gama de orientações de todos os sentidos que são de grande valia para o nosso desenvolvimento. É um grande privilégio ter um mestre vivo dentro da nossa organização.
	E6	Um líder nato. E nos influencia da melhor maneira possível, desde nosso desenvolvimento profissional até pessoal.

Quadro 27: Liderança de DeRose

Fonte: elaboração própria.

A – Ele é nosso ícone, líder, educador, uma referência. Como Mestre de Yôga ele é fantástico, mas antes disso ele é um homem e está sujeito a críticas. Mas não temos uma adoração em relação a ele. Ele é uma referência para o funcionamento de todas as escolas. É uma pessoa que sempre está lá na frente.

B – É um idealista, visionário, mas ao mesmo tempo é um indivíduo extremamente sistemático e metódico. Então, é difícil acompanhá-lo em suas guinadas e ideias. Segundo a cultura oriental existe a ideia de não deturpar o ensinamento do mestre e seguir a tradição. As unidades que têm um maior destaque, hoje, são aquelas que seguem a ideias do DeRose, que é um homem como outro e com defeitos humanos.

A liderança de DeRose é percebida pelos entrevistados como proativa, simpática, carismática, serena, educadora, experiente, essencial, exemplar e que promove um desenvolvimento profissional, pessoal, familiar e afetivo nos indivíduos inseridos na rede. Pois “o líder nasce com uma causa. [...] e para esse indivíduo se tornar um líder, basta que sua causa faça sentido também para outras pessoas [...]” (GUIMARÃES, 2009, p. 101).

Essa liderança de DeRose conta com a admiração de líderes da Rede Uni-Yôga tanto por características humanas e filosóficas quanto por características profissionais e administrativas. Pode-se dizer que a liderança baseada em valores “busca agir sobre a realidade simbólica do grupo, promovendo a unidade e

revelando um norte estratégico para as ações e os esforços da coletividade, por meio do estímulo das virtudes pessoais de cada indivíduo” (ZANINI, 2009, p. 81). A propósito do conhecimento destas representações, cabe observar que

As representações das lideranças possibilitam aos agentes adaptar o contexto de seu ambiente às necessidades do grupo social. Essa contextualização molda o ambiente à capacidade/incapacidade interpretativa dos sujeitos em relação ao universo reificado, propiciando redução das angústias e medos, próprios de um ambiente inadequadamente explorado ao qual pertencem (FONSECA; MORAES; CHAMON, p. 70, 2009).

As representações sociais dos líderes de Santa Catarina da Uni-Yôga indicam que DeRose tem competência para liderar a organização com sucesso. Talvez essa confiança possa reduzir as incertezas dos administradores de cada unidade e estimular o crescimento quantitativo e de qualidade na condução da filosofia de vida e do empreendimento. Zanini (2009) observa que a maioria dos modelos de desenvolvimento de lideranças utilizados em organizações brasileiras foi desenvolvida em centros de estudos dos Estados Unidos. Mesmo que sua aplicação seja eficiente em outros contextos, talvez não atenda aos aspectos específicos da realidade brasileira. Isso não parece ser o caso da Uni-Yôga.

4.7 Outras Correntes de Yôga, Movimento Sociocultural, Diferenças e Semelhanças

Como é seu relacionamento com praticantes de Yôga de outras correntes, diferentes do Swásthya Yôga? Você os considera participantes de um mesmo movimento sociocultural e histórico de resgate e preservação do Yôga ou como adversários e competidores? O que você considera mais relevante, as diferenças ou as semelhanças, entre as modalidades de Yôga?

Categorias	E	Síntese das representações
Relação com outras correntes de Yôga, movimento sociocultural, diferenças e semelhanças	E1	<p>Cordialmente distante e respeitoso, temos uma linguagem diferente, não tem porque não ter uma relação cordial. Não sei se é o mesmo movimento, pois trabalhamos com Yôga Pré-Clássico, com uma linguagem contemporânea e com um posicionamento profissional, oferecendo uma qualidade de aula maravilhosa, com formação profissional. Tem diferença, nós trabalhamos num nicho de mercado que os outros não atingem. [...] Nosso público alvo hoje é pessoa de classe média alta, de alto nível cultural, pessoa bem informada, que tem um apuramento estético, inclusive culinário, nós criamos nosso próprio sistema de alimentação [...] uma culinária ecológica.</p>
	E2	<p>Tenho relacionamento com pessoas que praticaram Swásthya Yôga e depois optaram por trabalhar com outra linha. Claro, a gente não tem a mesma convivência, pela distância e atividades diferentes. Adversários e competidores, não. Mas também não participantes de um mesmo movimento sociocultural. [...] O Swásthya surgiu com uma proposta um pouco diferente. Surgiu o Método DeRose com a proposta do Yôga que é uma prática, com uma mudança de posicionamento. [...] Quando passo para conceitos e valores, estou entrando em filosofia teórica, fora do Yôga. O Método DeRose vem com proposta de um conjunto de teorias e técnicas. Por isso digo que as outras correntes não fazem parte de uma mesma corrente sociocultural. Muitos pontos convergentes e divergências. [...] Então existem semelhanças, nem tudo é a mesma coisa, mas também não é tudo diferente. Não dá pra radicalizar nenhum dos pontos.</p>
	E3	<p>No momento não tenho nenhum relacionamento. [...] Em eventos está havendo alguma aproximação [...] Considero participantes de um mesmo movimento. Todos trabalham com o Yôga, mas cada um na sua linha.</p>
	E4	<p>Aqui não temos um contato próximo com essas pessoas. Mas às vezes nos encontramos. Mas como são linhas diferentes, são visões diferentes da filosofia, não há trocas, pelas divergências de opiniões e do método. Além do nome, da prática, técnicas. Mas com certeza existem divergências. A história de mais de cinco mil anos oportunizou o aparecimento de vários métodos. Mas tem diferenças.</p>
	E5	<p>O relacionamento eu diria que não é uma inimizade, mas não é favorável. Eu prefiro ter um máximo de relações benevolentes, nós trocamos informações, inclusive alguns amigos que praticam outro tipo de Yôga. Mas por parte das outras pessoas, por a gente ser o líder de mercado, a gente vê uma inveja. [...] Eu prefiro ver pelo ponto de vista da conciliação. Hoje muitos já imitam a nossa estrutura, por uma questão de sobrevivência. Porque se não formar instrutores, ela não sobrevive. Quem começou com isso foi o DeRose na década de 60. [...] somos imitados desde as regras gerais até as coreografias, estruturação mercadológica, de atividades culturais. Eles até entram como alunos, observam a formação, se formam e depois vão fazer carreira solo, abrem escola [...].</p>
	E6	<p>Para estar dentro da rede Uni-Yôga é uma questão de merecimento. Pois é necessário passar por uma série de filtros de caráter, integridade, ética, fidelidade, lealdade, princípios inclusive orientais. Hoje no Brasil é muito difícil ver pessoas leais e fieis ao método. São princípios necessários na relação mestre-discípulo. [...] A pessoa precisa ter uma visão empreendedora. É um negócio como qualquer outro. Apesar de muitos conceitos serem modernos, os valores e os princípios continuam os mesmos. [...] Nossa batalha hoje é para a regulamentação da profissão.</p>

Quadro 28: Outras Correntes de Yôga e Movimento Sociocultural

Fonte: elaboração própria.

A – A relação é boa, sobretudo, porque ela é mínima. Não nos encontramos, mas se nos encontrarmos haverá cordialidade. Não nos consideramos concorrentes. Claro, às vezes surgem divergências.

B – As divergências são poucas na parte filosófica e mais na área profissional. Pelo fato de termos nos ajustado nessa visão ocidental. Porque se eu quero viver de Yôga, eu tenho que abrir uma empresa. E isso nem sempre é visto com bons olhos pelos outros. As divergências de Yôga são filosóficas em suas raízes e características, mas a visão de negócio causa mais atrito. Acho que existe um movimento sociocultural da Uni-Yôga e outro movimento dos outros tipos de Yôga. Eles se recusam a juntarem-se a nós. Mas o comportamento é sempre uma via de mão dupla, então a gente deve ter a nossa parcela de culpa. Devido a essa distância, nós consideramos estar em um movimento chamado de Método DeRose. Enfim, nós estamos num movimento isolado, mas também não procuramos nos relacionar com eles.

Nesse tema percebe-se uma disposição elevada dos entrevistados em falar sobre seus respectivos relacionamentos com outras correntes de Yôga, sobre uma visão de movimento sociocultural, competição, semelhança e diferenças.

Sobre o relacionamento com outras correntes apurou-se que se caracteriza por ser distante, cordial, respeitoso, com pouca convivência pela distância de atividades diferenciadas, ou às vezes quase nenhum relacionamento, apenas em alguns encontros eventuais. Mas todos trabalham no Yôga, sendo que cada um na sua linha e de acordo com suas respectivas orientações.

Em se tratando de um movimento sociocultural pode-se notar que os entrevistados deixam claro que consideram ter a sua própria linguagem e posicionamento profissional. Por isso não consideram (com exceção de um entrevistado) fazer parte de um mesmo movimento, mesmo tendo pontos convergentes e divergentes. Nesse caso seria mais adequado usar o termo *campo*, como é usado por Bourdieu, mas isso nos remeteria a uma pesquisa com outros objetivos.

A competição existente foi caracterizada da seguinte forma: trabalhamos num nicho de mercado que eles não atingem: “nosso público-alvo hoje é pessoa de classe média alta, de alto nível cultural, pessoa bem informada, que tem um apuramento estético, inclusive culinário” (E1). Mas não percebem as outras correntes como competidores, provavelmente porque ocupam uma posição hegemônica em termos de mercado de formação de instrutores.

Há quem faça questão de delimitar as diferenças e há quem prefira não ver as diferenças, que podem ser profissionais, de posicionamento filosófico e histórico sobre o Yôga, e até mesmo diferenças quanto à interpretação de termos sânscritos, assim como há semelhanças em grande medida, nos exercícios ou execução de asnas, etc. A tradição do Yôga é uma só, mas rica e por isso mesmo fragmentada. Isso está claro quando se afirma que existem 108 ramos de Yôga que possibilitam combinações com as quatro grandes linhas, produzindo mais de 400 interpretações,

diferentes e divergentes, cultivadas por culturas durante os últimos cinco mil anos de história indiana.

4.8 Prática de Yôga em Outras Organizações

Já praticou Yôga em outras organizações, diferentes da Uni-Yôga? Como foi a experiência?

Categorias	E	Síntese das representações
Prática de Yôga em outras organizações, que não a Uni-Yôga e a experiência vivida	E1	Já pratiquei muitos outros tipos de Yôga. Eles têm muitas coisas em comum, nós somos muito diferentes.
	E2	Eu já fiz aula com outros instrutores e comparei com o Swásthya Yôga. Mas eu senti falta de algumas práticas, talvez seja por uma questão de hábito, de condicionamento. Mas, para mim, precisa ser o Swásthya Yôga, que cai como uma luva.
	E3	Nunca fiz aulas em outros locais.
	E4	Não, desde os 11 anos de idade iniciei com o Swásthya Yôga. Minha mãe e minha tia já praticavam.
	E5	Já pratiquei outros tipos de Yôga em academias. Achei o nosso método extremamente completo.

Quadro 29: Prática de Yôga em Outras Organizações
Fonte: elaboração própria.

A – Já pratiquei três tipos de Yôga, na Índia mesmo. Onde fui fazer um curso e acabei tomando contato. E mesmo aqui (Brasil) pratiquei outro tipo, com um amigo. E gostei bastante, pois cada linhagem tem seu encanto. Mas eu me identifico mais com o nosso. Desde nosso comportamento, atendimento, a relação com o aluno e o tipo de pessoa que vem praticar o Swásthya.

B – Pouco, algumas aulas isoladas. Poucos contatos, alguns contatos com livros.

Percebe-se que os entrevistados tiveram algumas experiências isoladas com outras linhas de Yôga. Entretanto, a maioria dos entrevistados já iniciou diretamente no Swásthya Yôga.

4.9 Peculiaridades da Uni-Yôga

E quanto à Uni-Yôga, o que a torna melhor ou superior a outras organizações que tratam de Yôga? O que é peculiar da Uni-Yôga?

Categorias	E	Síntese das representações
Peculiaridades da Uni-Yôga em relação às outras organizações	E1	Não superior, ela é diferente.
	E2	Eu prefiro evitar essa condição de melhor ou superior. Eu diria diferente, é uma estrutura enorme e presente em diversos países. Mas ao mesmo tempo não tem um centralizador organizacional, somente um centralizador filosófico, o DeRose.
	E3	É muito diferente de qualquer outro tipo de organização. Precisa existir lealdade, para manter o padrão preconizado pelo DeRose. Não é imposição ou organização verticalizada. O DeRose é o idealizador. E as pessoas confiam nele e optam em caminharem juntos. Caracteriza-se por ser uma relação de cooperação e associação mais do que qualquer outra relação hierárquica.
	E4	Talvez ele tenha percebido que deveria preparar o terreno, pois há cinco anos tudo era decidido com o DeRose. Tanto em questões administrativas, filosóficas, políticas e pedagógicas. De um tempo pra cá ele começou a sugerir que outras pessoas assumam essas lideranças. Hoje nós temos uma figura importante que é o conselho administrativo. Os diretores de escolas também tomam decisões.
	E5	Existe também um colegiado de presidentes de federações, de professores experientes e antigos, que cuidam da parte pedagógica. Houve uma descentralização e com maior independência do DeRose. Talvez se preparando para o filho sair de casa.
	E6	Temos nossas próprias características, de uma forma organizada e sistemática. Um modelo desenvolvido ao longo do tempo.

Quadro 30: Peculiaridades da Uni-Yôga

Fonte: elaboração própria.

A – Primeiro, é o fato de termos o DeRose à nossa frente. Ele abriu o caminho e nós vamos trilhando. Por exemplo, nós temos entusiasmo para participar de eventos e regulamentar a nossa profissão.

B – Eu diria, nem melhor nem superior, mas diferente. É o que nos diferencia é ter um grande líder vivo e criação de uma cultura organizacional própria. Os outros são fortes quando se unem e nós temos a nossa própria força, através do sentimento gregário.

As peculiaridades da Uni-Yôga em relação às outras organizações de Yôga foram apontadas pelos pesquisados de forma enfática. Ressalta-se a diferença e não a superioridade. As diferenças apontadas na estrutura organizacional, na presença em diversos países, no fato de haver um líder, o DeRose, que trilhou o caminho anteriormente. Observa-se que, apesar da hierarquia marcante na Uni-Yôga, houve recentemente uma descentralização organizacional nas tomadas de decisões em questões administrativas, pedagógicas, filosóficas e políticas.

4.10 Administração de cada Unidade

Como você definiria o tipo de administração da Unidade que você dirige?

Categorias	E	Síntese das representações
Administração de cada unidade	E1	A chamada Administração participativa. Temos uma associação profissional, que subloca espaços dentro da associação, eles são profissionais autônomos, como um condomínio, tomamos decisões em comum para o melhor para todo mundo. Bem inteligente, permite a pessoa perceber os seus rendimentos de acordo com seu empreendedorismo pessoal. Enfim, uma associação totalmente aberta às ideias, como melhorias ao público, arrecadação e campanhas. Temos reuniões pedagógicas e financeiras semanais, para apuração dos resultados financeiros e para não perdermos o rumo pedagógico.
	E2	Administração participativa. Existe a figura do diretor, que iniciou a unidade. Mas ele loca o espaço e a gente tem como uma associação, onde temos um comum acordo e todos atendem possíveis alunos e direcionam uns para os outros, todos divulgam a escola. Mas alguns se especializam mais na manutenção estrutural, no financeiro, nas compras e na divulgação da escola. Então, dividimos as despesas, pelo critério da quantidade de alunos e proporcional ao lucro também pela quantidade de alunos. [...] Aqui é nosso quartel general para prospectar negócios. Mas tem instrutores que se dedicam mais a prestar serviços a empresas, outros escrevem livros ou produzem materiais como camisetas, calças, etc. Tudo isso gerando renda, nesse acordo, que vai para esse bolo. [...] Aqui a grande diferença é que não tem um chefe, é muito diferente. Mas com a liberdade vem um peso da responsabilidade muito grande. Pois nem todos que praticam têm essa característica de trabalhar assim. Eu tenho que gerar renda, ser um empreendedor individual que trabalha em grupo.
	E3	São realizadas reuniões em equipe. Mas também são feitos ajustes diários e constantes. Considero a organização aqui na unidade como uma opção de perceber e vencer dificuldades. Trato as pessoas como meus filhotes aqui. Gestão participativa mesmo, desde responsabilidades, funções, cuidados com utensílios e móveis, varrer o chão. Exercer todas as atividades dentro da empresa. Mas estamos sujeitos as leis humanas e temos que nos adaptar.
	E4	Uma administração participativa, em que dividimos muitas coisas com os instrutores, que fazem parte da associação. Distribuimos trabalhos, funções e renda, de acordo com o que a pessoa trabalha e de forma justa.
	E5	Ela é uma administração participativa. Ou seja, os instrutores acabam sendo diretores e participam da tomada de decisão. Então, temos tomadas de decisões relacionadas ao marketing, ao pedagógico, ao financeiro, à qualidade. É uma união de pessoas que por merecimento também acabam passando pelo filtro.
	E6	Gestão participativa, onde dividimos custos e rendimentos.

Quadro 31: Administração de Cada Unidade

Fonte: elaboração própria.

A – Isso estimula uma competitividade sadia. Pois cada um vai arrecadar conforme sua produção. E devermos gerenciar de modo que não gere insatisfação aos membros.

B – Definimos como administração participativa. De uma forma mais explicativa, eu quase chamaria de uma cooperativa. Não há uma hierarquia de patrão e empregado, de capital e trabalho. Mas existe uma hierarquia clara de responsabilidades e estimulamos o empreendedorismo. Pois cada um ganha pela sua produção e dividimos as despesas. Existe uma distribuição justa de horários, de cargos, de acordo com o tempo de casa e competência de cada um. [...] Pois é uma profissão que requer características de empreendedorismo. Existem dois tipos de pessoas que não queremos trabalhando conosco: os que não fazem o que nós pedimos e os que só fazem o que nós pedimos.

A administração das unidades foi apontada pelos entrevistados como gestão participativa. Segundo eles, os instrutores são autônomos, empreendedores, tomam

decisões em conjunto sobre questões relacionadas ao marketing, ao pedagógico, ao financeiro e a qualidade. Eles dividem os custos e despesas de acordo com a quantidade de alunos e faturamento, compartilham as tarefas internas da unidade, trabalhos e funções. Consideram que tudo isso precisa ser gerenciado de forma que não gere insatisfações nos membros da equipe.

Apontam ainda que cada unidade é considerada uma associação aberta a novas ideias, com reuniões periódicas para reflexão sobre as áreas financeiras e pedagógicas. Valorizam o apoio estrutural que visa à prospecção de negócios para o desenvolvimento de outras atividades relacionadas ao Yôga, como a de escrever um livro ou produzir materiais. O entrevistado B sintetizou a filosofia administrativa dizendo que “existem dois tipos de pessoas que não queremos trabalhando conosco: os que não fazem o que nós pedimos e os que só fazem o que nós pedimos”.

Mudrey e Boeira (2008) apontam que a administração participativa da Uni-Yôga pode ser definida assim: todos são parceiros que se associam nas despesas e receitas. Ninguém é patrão nem empregado, os alunos são clientes de cada instrutor e há uma rígida hierarquia, uma disciplina entre todos (DeROSE, 1995). Trata-se de uma combinação de valores orientais (como respeito e hierarquia) como os valores ocidentais (como igualitarismo ou isonomia).

Essa liberdade e ao mesmo tempo responsabilidade que a gestão participativa concede aos líderes da Uni-Yôga pode ser visto como um estímulo ao empreendedorismo.

4.11 Prática do Yôga, Clima Organizacional e Solução de Conflitos

Você considera que a prática de Yôga contribui com o clima organizacional, com a gestão participativa da organização e com a solução de conflitos?

Categorias	E	Síntese das representações
Prática do Yôga, clima organizacional e solução de conflitos	E1	Somos responsáveis pelas coisas que fazemos e pelas pessoas que conduzimos. Há sempre um esforço de conciliação. O Yôga tende a reeducar não só o corpo, mas as nossas emoções, não ficar magoado, pacificar com mais facilidade.
	E2	Em momento que tínhamos maior conflito entre os membros do grupo, a decisão mais acertada para a resolução de conflitos foi realizar prática de Yôga com todos da equipe ao mesmo tempo. A prática envolve a hierárquica e durante a prática toda você tem uma congregação, uma comunhão de experiências, respira o mesmo ar e faz mentalizações coletivas. Isso gera uma coesão e faz com que os problemas fiquem mais amenos. Ou pelo menos que se busquem formas mais saudáveis de resolver.
	E3	Somos uma associação de profissionais. A gente tenta resolver de uma forma sensorial, sem briga, sem gerar atrito. Nós sentamos e conversamos. Aqui ninguém se esconde. É a nossa prática que nos conduz.
	E4	O clima é ótimo. Não somos apenas colegas de trabalho, somos amigos. Viajamos juntos e temos uma relação de amizade. Isso se reflete no trabalho com os alunos. Os conflitos são resolvidos de uma forma muito natural.
	E5	Com certeza. Inclusive, muitas empresas estão adotando o Yôga para solucionar este problema. A prática melhora o relacionamento, a solução de conflitos, o desenvolvimento, o aumento da produtividade, a prevenção de doenças, como a lesão por esforços repetitivos (LER). Enfim, para as empresas o Yôga é fantástico.
	E6	O clima é de cooperação. Os conflitos são resolvidos em reuniões. Inclusive muitas organizações estão adotando o Yôga para resolver conflitos e melhor o clima organizacional.

Quadro 32: Prática do Yôga, Clima Organizacional e Solução de Conflitos

Fonte: elaboração própria.

A – Existe uma linha sucessória na qual existe a obrigação do instrutor, formado pelo seu professor, de continuar fazendo aula com ele. Faz parte de nossas normas gerais.

B – Muito. A partir do momento que você desenvolve o autoconhecimento, a tolerância, por exemplo, a gente percebe isso na própria equipe. Quanto mais se pratica o Yôga, melhor contribuição será para o clima organizacional. Não somente em nossa organização, mas em várias outras organizações o Yôga está sendo introduzido para melhoria do clima, como também o desenvolvimento do dinamismo e criatividade dos indivíduos.

Os entrevistados revelaram que a prática do Yôga pode contribuir para a melhoria do clima organizacional. Afirmam que o clima interno da Uni-Yôga é ótimo. Não se consideram apenas colegas de trabalho, mas amigos também. Segundo eles, isso se reflete no trabalho junto aos alunos e na solução de conflitos. Inclusive disseram que muitas organizações estão adotando o Yôga para melhorar os relacionamentos interpessoais, promover a solução de conflitos, o desenvolvimento humano, o dinamismo, a criatividade, o aumento da produtividade e a prevenção de doenças. Dizem que a prática do Yôga possibilita também o desenvolvimento de valores na equipe, como o autoconhecimento e a tolerância.

Os entrevistados indicam que a solução de conflitos é influenciada pela prática do Yôga. Em suas respectivas equipes há um esforço de conciliação e a tendência à reeducação das emoções.

4.12 Conflitos Enfrentados em uma Organização Multicivilizacional

Que tipo de conflitos você enfrenta enquanto líder de uma organização multicivilizacional, que mescla valores ocidentais e orientais, antigos e modernos?

Categorias	E	Síntese das representações
Conflitos enfrentados em uma organização multicivilizacional	E1	Na verdade é como qualquer empresa. Mas há uma tendência, nós temos uma coisa que outras organizações não têm muito claro, a hierarquia, o aspecto hierárquico mesclado com um desejo de conciliação, faz com que o trabalho seja muito gostoso. Não se exclui os desafios, os conflitos, eles existem, mas de um modo conciliatório.
	E2	Os orientais são tão mais disciplinados que os valores organizacionais devem ter surgido lá, a gente só não sabe isso. Não vejo conflito entre valores orientais e ocidentais. Conflitos existem como em qualquer outra organização na relação dos indivíduos. Como estamos inseridos numa mudança de visão de mundo, esses conflitos acontecem muito paulatinamente. Pois por nós termos esses valores orientais e ocidentais faz com que nós lidemos melhor com essas dificuldades. Eu estou trabalhando com o ideal que escolhi para minha vida. Por isso é muito mais fácil superar esse desafio do que jogar fora algo que faz parte da minha vida. É diferente.
	E3	Mas poderemos escolher e mudar, mesmo com dor. São escolhas, opção por uma forma. A alimentação, por exemplo, é importante para trabalhar a parte orgânica, a prática. Uma filosofia de vida, o meu jeito de ver. Muitos resultados positivos para a família. Ela é saudável pra mim, porque é minha escolha. Não quer dizer que é saudável para todo mundo.
	E5	Os conflitos existem, mas pode-se dizer que o bom administrador é aquele que usa o conflito para estar aperfeiçoando e resolvendo alguns conflitos de forma positiva.

Quadro 33: Conflitos Enfrentados em uma Organização Multicivilizacional

Fonte: elaboração própria.

Os entrevistados consideram que o seu sistema hierárquico é de um tipo que favorece o desejo de conciliação, propicia um trabalho agradável, sem excluir os desafios e conflitos. A visão de mundo baseada em valores orientais e ocidentais possibilita enfrentar as dificuldades e conflitos de acordo com um ideal de vida. As mudanças ocorrem por meio da prática de uma filosofia de vida, a qual modifica as escolhas, a alimentação e o modo de ver o mundo, por exemplo.

4.13 A Trajetória dos Líderes da Uni-Yôga, suas Metas e seus Desafios

Como tem sido sua trajetória na Uni-Yôga? Qual é a próxima meta? Aonde você quer chegar?

Categorias	E	Síntese das representações
Sua trajetória na Uni-Yôga, suas metas e desafios	E1	Uma trajetória de reconhecimento profissional, de prosperidade, de excelência técnica, de atuação efetiva na difusão do Yôga Antigo, uma sensação de satisfação e realização muito grande. Terminar de editar meus nove livros.
	E2	Eu sou bastante feliz com o início de carreira que tenho. Pois tenho como parâmetro pessoas que praticam há décadas [...]. Eu sou instrutor de Yôga em tempo integral. Então eu não posso me satisfazer somente com as aulas aqui dentro. [...] Eu me formei como instrutor em 2007 e já tenho um livro publicado e sou reconhecido na área. Isso pra mim é sinal que estou no caminho certo. Minha meta é de conseguir formar instrutores, escrever mais livros, formar mais profissionais. Eu quero formar mais pessoas para disseminar esse trabalho e também oferecer treinamentos teóricos em organizações e às pessoas que tomam decisões importantes que mudam o mundo. Imagina um empresário, um político que compartilhasse esses valores de responsabilidade social, de comunhão entre as pessoas.
	E3	Eu ainda estou engatinhando. Eu estou aprendendo muito ainda, tenho um caminho pela frente. Eu tenho a meta de trabalhar um livro. Preciso de tempo, de experiência, estar preparado para colocar as ideias e fontes. Passar um grau à frente na escala evolutiva. Além de instrutor de docente também. Estou feliz com o que já alcancei.
	E5	Muito boa. A trajetória é um percurso que visa o desenvolvimento pessoal, a mudança de visão, uma visão mais empreendedora, alicerçando valores. Uma profissão que alinha o prazer ao trabalho. A gente é o que a gente trabalha. A meta como pessoa está muito alinhada com a da organização. O desenvolvimento de nossa estrutura organizacional para alcançar um número mais expressivo de praticantes e uma fomentação no desenvolvimento de instrutores. Hoje temos entorno de 70 alunos. Eu comecei minha escola do nada, não tinha nenhum aluno. Um trabalho de formiguinha, um aluno aqui outro ali. Temos a meta de em poucos meses ultrapassar os 100 alunos.
	E6	Terminar minha faculdade.

Quadro 34: Trajetória de Líderes da Uni-Yôga, suas Metas e seus Desafios

Fonte: elaboração própria.

A – Ter uma equipe auto-suficiente.

B – O nosso objetivo é que nossa escola seja referência. A gente dobrou o tamanho físico da escola esse ano, mas em alunos nem tanto. Escrever outros livros, dar cursos, viajar.

Os entrevistados definem suas próprias trajetórias enquanto líderes da Uni-Yôga (ver no quadro 34) como de reconhecimento profissional, de prosperidade, de excelência técnica, de atuação efetiva na difusão do Yôga antigo, de realização pessoal e profissionalismo. E têm como metas seguir na escala evolutiva, aumentar a quantidade de alunos na escola, escrever livros, realizar viagens de estudos, ter

uma equipe auto-suficiente, ser uma escola referência, atingir mais pessoas com o Yôga, formar mais profissionais etc.

4.14 Competição, Cooperação e Conflitos entre as Unidades

Existe competição e também cooperação entre as unidades da Uni-Yôga? Que tipo de conflitos precisa ser administrado, à medida que a rede Uni-Yôga cresce, formando novas unidades e novos instrutores?

Categorias	E	Síntese das representações
Competição e cooperação entre as unidades e conflitos	E1	Cooperação total. Temos uma reunião mensal para ver os números de cada unidade. E, se nós sentirmos que uma unidade está precisando de ajuda, todos contribuem.
	E2	Cooperação, decididamente. [...] Eu dou aula no colégio e [...] e esses estudantes serão profissionais que terão esse contato com o Yôga, com valores como o seu papel no mundo em que vivo e nas relações com as pessoas.
	E3	Existe muita cooperação. Por exemplo, desenvolvemos um site para todas as unidades. Com a participação de todas as escolas. Competição saudável. Comparação entre as escolas e as federações.
	E5	Cooperação. Se eu cresço, as outras escolas também crescem. Se as outras escolas crescem, eu também cresço. É um trabalho em prol do conjunto. Todos torcem por mim, como eu torço por todos. Somar em vez de subtrair, multiplicar.

Quadro 35: Competição, Cooperação e Conflitos Entre as Unidades
Fonte: elaboração própria.

A – Existe, mas a gente leva isso muito na boa. Uma competição na boa. Existe em relação à quantidade de aluno, por exemplo. Enfim, uma competitividade sadia. Mas a cooperação é preservada.

B – Existe a cooperação, para divulgação das escolas e eventos. E competição quando são coisas mais leves.

A cooperação foi apontada pelos entrevistados como fundamental para a sustentação da rede. Tanto em questões como as reuniões estratégicas, em prol do desenvolvimento das escolas, do trabalho em equipe, da divulgação das escolas e de eventos. Eles ainda dizem que a competição existe apenas de uma forma saudável e os conflitos são insignificantes em relação ao todo.

4.15 Planejamento nas Unidades

Existe um planejamento de curto, médio e longo prazos em cada unidade e também na Uni-Yôga? O que você considera curto, médio e longo prazo?

Categorias	E	Síntese das representações
Planejamento nas unidades, curto, médio e longo prazo	E1	Uma reunião estratégica por mês pela federação, com a visão de longo prazo. Metas de alunos, arrecadação por instrutor, formação de instrutor, meta de trabalho social, fidelização ¹⁹ e satisfação do aluno. Uma meta de evasão máxima, a gente tenta sempre estar abaixo dessa meta, só pode ser diminuída se o aluno estiver satisfeito, é um trabalho muito desafiador e compensador.
	E3	Temos um ciclo sazonal de frequência de alunos. Há uma fidelização, alunos que retornam. Mas poucos alunos são naturais de Florianópolis. Mesmo com a sazonalidade, conseguimos nos manter. Temos planejamento de curto e médio prazo. Curto seria mensal, longo seria um ano. A gente não planeja quantidade de alunos. A gente planeja nossas ações, os alunos são consequência. O pedagógico é bem planejado. Mas o financeiro não. A parte administrativa é ocupada das despesas. Há um equilíbrio, mas não o tempo todo ainda.

Quadro 36: Planejamento nas Unidades

Fonte: elaboração própria.

B – Há definição, eu particularmente gosto dessa parte. A nossa dificuldade é mais de curto prazo na área operacional. A gente tem dificuldade de gerenciar o dia a dia para que o plano seja executado. A dificuldade para gerenciar o operacional, que em última instância é o instrutor em sua prática na sala de aula. Pois ele está sempre muito ocupado. A gente tem dificuldade em transformar um projeto em rotina, isto é, incorporar no dia a dia.

Pelas respostas dos entrevistados, pode-se perceber que o planejamento nas unidades ocorre por meio da realização de reuniões estratégicas, com definições pedagógicas e administrativas, como a de preocupação com a sazonalidade, as metas como de alunos, de arrecadação por instrutor, de formação de instrutor, de trabalho social, de fidelização e satisfação de alunos, de evasão máxima e de ações pedagógicas.

As dificuldades encontradas pelos entrevistados, segundo eles, são a sazonalidade dos alunos, a administração das despesas, o equilíbrio administrativo e o gerenciamento operacional. Principalmente, na execução do que é planejado para o instrutor executar na sala de aula, isto é, transformar um projeto em rotina operacional. Já na década de 1960 DeRose indicava que, para obter sucesso, seria necessário publicar livros e abrir novas unidades (DeROSE, 1996). Parece que os

¹⁹ Palavra *fidelização* é utilizada no mercado como sinônimo de tornar o cliente ou consumidor fiel ou leal, a uma marca, produto ou serviço.

gestores estão preocupados com o aperfeiçoamento de indicadores de desempenho.

4.16 Conflitos entre Valores Ocidentais Modernos e Orientais Antigos, Organizacionais e Individuais

Como você analisa o conflito entre valores ocidentais modernos, como produtividade e empreendedorismo nas organizações, e os valores orientais e antigos, como os de autoconhecimento e meditação? Há conflitos entre objetivos individuais e organizacionais na Uni-Yôga?

Categorias	E	Síntese das representações
Conflitos entre valores ocidentais modernos e orientais antigos, organizacionais e individuais na Uni-Yôga	E1	Nenhum conflito. Na verdade o ser humano, como qualquer mamífero, tende a ser mais egoísta. O trabalho com Yôga tende a atenuar essa visão e busca uma visão gregária para o grupo e para rede, em detrimento do individual. A maioria se ajusta muito bem, alguns demoram um pouquinho.
	E2	O empreendedorismo possibilita criar lentes para ver oportunidades onde ninguém enxerga e vira um ótimo negócio. A meditação proporciona o autoconhecimento. Aquilo que o Yôga proporciona não possui um juízo de valor acoplado. É como se tivesse uma lente de aumento para buscar essas oportunidades. É muito comum que os instrutores que fazem parte de uma equipe percebam que podem ter sua escola ou produzir produtos como camisetas e calças. Tanto é que atualmente acontece (em São Paulo) uma Pós-Graduação em Empreendedorismo do Método DeRose. No curso não se fala de Yôga, mas sim sobre empreendedorismo direcionado ao Yôga.
	E3	Existe conflito pelo caso do tempo, são quase cinco mil anos. Uma questão de cultura, de mudança de atitude, que é percebível. Com o passar do tempo, a gente vai melhorando.

Quadro 37: Conflito entre Valores Ocidentais Modernos e Orientais Antigos, Organizacionais e Individuais

Fonte: elaboração própria.

A – Na juventude atual não existe uma coerência entre o que eles querem e o que eles estão fazendo para conseguir atingir o objetivo.

B – Pelo Yôga que a gente pratica, de linha Sámkhya, não há conflitos, pelo contrário, há total integração. Por isso talvez a Uni-Yôga tenha crescido tanto. Porque reúne pessoas proativas que já querem mudar e interferir no mundo. E a filosofia da instituição é esta mesma. Ter uma escola de Yôga no Brasil e viver disso é desafiador. Pois alguns não sabem o que é e outros consideram fútil.

Os entrevistados consideram que não há conflito entre valores organizacionais e individuais, orientais antigos e ocidentais modernos. Consideram que a prática do Yôga possibilita atenuar os conflitos e favorece uma visão gregária para o grupo e à rede. Segundo eles, a maioria dos indivíduos se adapta bem,

outros demoram mais. Todavia, dizem que o Yôga que praticam propicia uma integração entre indivíduos empreendedores, meditação e autoconhecimento.

As representações sociais possibilitam perceber as visões de mundo com o objetivo de explicar fenômenos. E a sua compreensão e aplicação expressam avanços na estruturação de relações sociais e resolução de conflitos (PORTO, 2006).

Devemos mostrar-nos profundamente responsáveis, maduros e honestos ao realizar negócios, ao fazer declarações, ao evitar conflitos, ao buscar aprimoramento em boas maneiras, ao cultivar a elegância e a fidalguia (DeROSE, 2005, p. 95-96).

Estas condições e características são essenciais a um praticante do Método DeRose. Mas as mudanças nesse sentido não podem acontecer de forma normativa, precisam partir da iniciativa dos próprios indivíduos. O Método DeRose combina hierarquia com estímulo à autonomia. Liberdade com responsabilidade. A tradição do Yôga é abordada sob um prisma técnico e organizacional, que requer hierarquia, mas os frutos do trabalho são libertários, e pressupõem iniciativa própria.

4.17 Concorrência entre os Instrutores

Entre os instrutores da Uni-Yôga existe algum tipo de concorrência?

Categorias	E	Síntese das representações
A concorrência entre os instrutores da Uni-Yôga	E1	Pelos mesmos alunos não, mas por outros. Saudável.
	E2	Existe uma competição, que é inerente ao ser humano. A gente sempre está se comparando com alguém. [...] Somos extremamente competitivos, mas ajudamos os outros. É uma troca.
	E3	Aqui se tiver, já vou tirar. É para ter cooperação, é preciso cooperar [...]. Aqui ninguém é estrela, aqui é uma constelação.
	E5	Como é uma administração participativa, eu torço para que os outros instrutores ganhem o máximo possível. Pois a contribuição de cada um é importante para o grupo.

Quadro 38: Concorrência entre Instrutores
Fonte: elaboração própria.

A – Na prática, pode acontecer a interferência do instrutor em tentar aumentar os seus alunos.

B – Dentro de cada escola existe uma competitividade saudável. É como uma competitividade dos filhos em busca da atenção dos pais. Em nossa escola eu tenho o papel do pai, mais duro e ela no papel da mãe, mais acolhedora. Alguns não compreendem que o importante é a cooperação e não a competição.

A concorrência entre os instrutores foi considerada pelos entrevistados como algo saudável, inerente ao ser humano. A cooperação é vista como fundamental e a competição como secundária.

4.18 Sistema de Avaliação de Desempenho

Fale sobre o sistema de avaliação de desempenho na Uni-Yôga.

Categorias	E	Síntese das representações
Sistema de avaliação de desempenho na Uni-Yôga	E1	São números. Comparação na reunião mensal da federação, estadual, nacional e internacional. Existe um ranking, onde todos são comparados.
	E2	[...] Você tem que fazer um curso preparatório, além de primeiramente estar praticando Yôga. Faz um módulo pedagógico, conhecendo as técnicas e precisa saber executá-las. E um segundo módulo com as lições de como ministrar aulas, conhecer a escola e saber trabalhar com o Yôga. Quando os diretores o consideram preparado aí você vai para uma bateria de exames, de provas na federação, fazer um mínimo de cursos, um trabalho escrito, faz prova teórica, saber os quadros sinóticos do DeRose, resumos visuais utilizados para explicar cada conteúdo. Passado na parte teórica, você faz a parte técnica, corporais, ouve, identifica e faz a execução correta e no ângulo que deve ser apresentado, após apresentar uma coreografia da forma mais antiga e original de praticar o Yôga. Avalia-se a identificação do candidato com a característica do nosso método. Finalmente, apresentação de uma aula prática a uma banca examinadora, com todas as características de uma aula de qualidade do nosso método. Pois antes de qualquer coisa o instrutor é um praticante. O quesito comportamental é fundamental. Pois mesmo que tenha a técnica é primordial um comportamento esperado de acordo com o nosso método. Finalmente, você tem o direito de dar aula e trabalhar. Mas todo ano tem que fazer isso e revalidar o certificado [...].
	E3	A gente tem como saber o desempenho de cada escola.
	E5	São feitas provas e a cada ano o instrutor tem que estar melhorando com relação à parte teórica, técnica, didática, pedagógica. Assim passando de instrutor para docente, em quatro anos, para isso precisa ter um trabalho de monografia, um livro, como incentivo à produção intelectual e à disseminação do conhecimento do Yôga.

Quadro 39: Sistema de Avaliação de Desempenho

Fonte: elaboração própria.

A – Cada unidade tem suas metas, dentro de suas diretorias de marketing, financeiro e pedagógico. E isto também é visto pelo âmbito da Uni-Yôga em uma reunião anual, sendo comparada federação por federação, unidade por unidade.

B – Existe desde os últimos cinco anos uma tentativa de introduzir um planejamento estratégico e metas de desempenho. Antes disso, os donos de escolas eram muito amadores em relação à gestão. Eram ótimos professores de Yôga, mas não sabiam administrar, não entendiam como gerir. E hoje trabalhamos com metas, existe um ranking comparativo, indicadores básicos. Dentro das escolas, existem indicadores de desempenho, como número de alunos de cada escola, número de alunos por instrutor, número de visitas, perfis interessantes para nós e a sua efetividade em matrículas, temos índice de evasão da escola e por instrutor, tempo médio de permanência dos alunos, vendas de livros, faturamento, telemarketing, comunicação via e-mail, taxa de retorno, lucratividade.

O sistema de avaliação de desempenho da Uni-Yôga foi descrito pelos líderes entrevistados considerando dois aspectos: escolas e instrutores.

a) Escolas: são realizadas reuniões periódicas em âmbito estadual, nacional e internacional; existe um controle por meio de indicadores comparativos de unidade por unidade, federação por federação; procura-se identificar o desempenho de cada escola, mas cada unidade tem suas próprias metas nas áreas de marketing, financeira e pedagógica. Nos últimos cinco anos houve uma tentativa de implantar um planejamento estratégico e metas de desempenho. Antes disso as escolas eram administradas de forma amadora. Tinham ótimos professores, mas eles não sabiam administrar. Hoje trabalham com metas, existe um ranking comparativo e indicadores básicos. Dentro das escolas existem indicadores de desempenho, como número de alunos de cada escola, número de alunos por instrutor, número de visitas, perfis interessantes para a Uni-Yôga e a sua efetividade em matrículas, índice de evasão da escola e por instrutor, tempo médio de permanência dos alunos, vendas de livros, faturamento, telemarketing, comunicação via e-mail, taxa de retorno e lucratividade.

b) Instrutores: o aluno praticante que deseja fazer carreira no Yôga ou se manter atuando dentro da rede, através do Método DeRose, precisa fazer um curso preparatório, ou básico (DeRose, 1995b), seguido de uma série de módulos, testes, cursos, apresentações, avaliações, incluindo publicação de livro e reavaliações anuais. Quanto mais experiente o instrutor, maior é o grau de exigência.

4.19 Crescimento da Uni-Yôga em Santa Catarina, no Brasil e no Exterior

Como você analisa o crescimento da Uni-Yôga, em Santa Catarina, no Brasil e no exterior?

Categorias	E	Síntese das representações
Crescimento da Uni-Yôga em Santa Catarina, no Brasil e no exterior	E1	Nós tivemos um crescimento em relação ao ano passado na rede toda em 20%. Em Santa Catarina há uma “eustasia”, pois estamos com dificuldade de expansão. Aqui é ilha, praia e capital. Florianópolis é uma das cidades do mundo em que existe uma concentração de instrutores per capita. No interior precisamos fazer um trabalho, mas ainda é um pouco tímido.
	E2	Hoje a Uni-Yôga passa por mudanças bem significativas. Uma delas é o conceito do Método DeRose. Ela é um organismo vivo. Ela cresceu e nós estamos evoluindo junto. É uma mudança de posicionamento e de trabalho, drástica nas pessoas que buscam esse trabalho. É uma procura por outras questões. Começa-se a perceber que as pessoas estão mais abertas a conhecer um novo de estilo de vida. Talvez diminua a quantidade de pessoas, mas a satisfação de trabalhar com pessoas que buscam uma opção de estilo de vida, que buscam uma mudança de valores é muito boa.
	E3	Lá fora parece que as pessoas compreendem melhor. O Brasil parece que não enxerga ainda.
	E5	Aqui em Florianópolis eu acho que está muito bem disseminado. Talvez no estado pudessem abrir novas escolas. Pois temos várias cidades em Santa Catarina com potenciais para a abertura de novas escolas, como no Brasil também. Estamos abrindo unidades em outros países, como Itália, Bélgica, Austrália, Estados Unidos. Então, o mundo está conhecendo o Swásthya Yôga. De uns anos para cá, cresceu muito no mundo. E no Brasil precisamos ter mais alunos ao invés de mais escolas. É preferível ter uma escola com mais alunos que defendam e pratiquem, do que ter mais escolas com poucos alunos. A visão é de ter escolas fortes. No Brasil já chegamos a ter 200 escolas, hoje decaiu um pouco. Mas as escolas estão muito mais fortalecidas. Antes tínhamos a visão de ter mais escolas e hoje temos a visão de ter mais alunos por escola.
	E6	A evolução do método possibilita uma agregação maior de pessoas e a disseminação do estilo de vida ocorre em diversas partes de Santa Catarina, do Brasil e do mundo.

Quadro 40: Crescimento da Uni-Yôga em SC, no Brasil e no Exterior

Fonte: elaboração própria.

Em síntese, o crescimento da Uni-Yôga tem sido forte em Florianópolis e no exterior. No interior de Santa Catarina, apesar do potencial, o crescimento é tímido. No âmbito nacional, o que se destaca é o crescimento como fortalecimento das unidades da Uni-Yôga, que têm optado por uma expansão em número de alunos em vez de uma multiplicação de unidades. No exterior estão sendo abertas novas unidades da rede (Itália, Bélgica, Austrália, Estados Unidos, entre outros países).

4.20 Causas da Internacionalização da Uni-Yôga

Quais as causas da internacionalização da Uni-Yôga? Há indicadores quantitativos de crescimento?

Categorias	E	Síntese das representações
Causas da internacionalização da Uni-Yôga	E1	No exterior, pela novidade. Portugal, Argentina e França pela novidade. Na Argentina explodiu. Em Portugal tem 20 unidades, num país do tamanho de Santa Catarina. Na França, pela novidade, mamífero é movido pela novidade.
	E3	Casa de ferreiro, espeto de pau. O que é nosso não é bom. E lá fora se deu melhor.

Quadro 41: Causas da Internacionalização da Uni-Yôga

Fonte: elaboração própria.

A – DeRose enfrentou dificuldades para disseminar o Yôga em diversos países.

B – A qualidade do produto. Entenda-se o tipo de Yôga que a gente ensina. É um produto muito antigo, mas também moderno. A gente conta com muito profissionalismo, muita seriedade. Ele agrada muito pessoas com alto padrão cultural, executivos, pessoas que gostam de ler. Isso para a Europa, por exemplo, é um prato cheio. E também a condição de existir o DeRose, com sua imagem de escritor. Com maior número de livros, o melhor livro, o que mais formou instrutores, fundou a União Nacional do Yôga, fundou o sindicato. Poderia parecer um pouco de arrogância se fosse ele falando, mas nós podemos falar. Pois ele é o precursor, visionário e pioneiro.

Como causas da internacionalização da Uni-Yôga foram apontadas a novidade e a qualidade do produto (antigo e moderno), o profissionalismo, a trajetória de sucesso de como DeRose, e o tipo de Yôga, o Swásthya, que tende a atrair indivíduos de alto padrão cultural.

4.21 Contribuição Social, Humana e Ambiental da Uni-Yôga

Como você percebe a contribuição social, humana e ambiental da Uni-Yôga? Quais são os maiores desafios? Quais são os maiores benefícios que a prática de Swásthya Yôga deixa como legado às presentes e futuras gerações?

Categorias	E	Síntese das representações
<p>Contribuição social, humana e ambiental da Uni-Yôga</p>	E1	<p>Construímos cidadãos ecologicamente corretos, uma ecologia correta, corporal e ambiental. O maior desafio é mostrar que o nosso trabalho é profissional e não místico, técnico, profissional, sério e ao mesmo tempo extremamente prazeroso. [...] Quando há um trabalho material, os indivíduos acabam fazendo leitura distorcida. As futuras gerações com cidadãos mais ecológicos, mais responsáveis, com uma visão singular do mundo. São líderes, o Yôga é um celeiro de líderes, pessoas que têm uma visão ampla e capacidade de associar mais pessoas, [...] que foram educadas em seu corpo, valores, crenças, que podem assumir cargos de importância para tornar o mundo melhor.</p>
	E2	<p>Tem o aspecto que é o oficial, o aspecto até institucional como o hábito de participar em campanhas de agasalho, de brinquedos, de alimentação. [...] Temos outro lado, que está implícito em nosso trabalho, por exemplo, uma pessoa que pratica Yôga, que aprende a respirar melhor, que entende que quando respira, quando dorme, deve limpar o seu organismo. Ela começa a entender que tem que deixar limpo o ambiente externo. É um processo de diminuir a dicotomia entre indivíduo e ambiente. De que adianta cuidar da minha alimentação, de não me poluir, respirar da melhor forma, se em contrapartida meu ambiente de trabalho é bagunçado, jogo lixo em locais indevidos [...] Não faz sentido. Isso não está explícito. O aluno mesmo se dá conta das mudanças. Tem coisas de curto, médio e longo. [...] Nós temos o hábito de nos denominarmos reeducadores comportamentais. Quando crianças a gente recebe uma carga de valores, de contexto, que acabam sendo verdades absolutas. Através do Método DeRose se consegue relativar isso e perceber que existem várias opções. [...] Como essa visão influencia na forma de educar nossa filha, imagina isso em larga escala, várias pessoas educando os filhos desde o início de forma diferente. Geraria uma diminuição de traumas, de repressões.</p>
	E3	<p>Melhorar individualmente cada pessoa. Cada um faz parte de um todo. [...] Todo esse jeito, essa característica sensorial, de cooperação, amizade, cultura, estilo de vida saudável, comportamento, desrepressão, sexualidade, filosofia de vida, alimentação, relacionamento humano. Isso tudo é uma cultura, trabalharmos juntos. Uma forma de cooperativismo, essa visão de que ninguém é empregado.</p>
	E5	<p>Temos várias campanhas sociais. Temos arrecadações de livros, de brinquedos, roupas e alimentos. Isso contribui com várias instituições que precisam. Também temos um trabalho ecológico muito legal na escola, a gente usa papel reciclado, o lixo é separado, o lixo orgânico, o lixo reciclável. Temos toda uma consciência ecológica. Até porque o Yôga leva a uma higiene mais intensa do corpo. E aí você começa expandir isso para seu ambiente [...]. O <i>yogin</i> não vai mais jogar lixo no local errado, que venha danificar o meio ambiente. A consciência ecológica faz parte da própria filosofia do Yôga. Essa riqueza, essa herança de desenvolvimento pessoal, de qualidade de vida, conscientização ecológica, trabalho cooperativo. Acima de tudo isso, o desenvolvimento de uma consciência maior, de uma lucidez maior, qualidade de vida e desenvolvimento sustentável, de aprimorar cada vez mais as pessoas como seres humanos.</p>

Quadro 42: Contribuição Social, Humana e Ambiental da Uni-Yôga

Fonte: elaboração própria.

A – Quem pratica ou ensina Yôga não fuma, não bebe, não usa drogas; e não comemos nenhum tipo de carne. Isso ecologicamente causa um impacto positivo muito grande. Há uma influência do professor no comportamento dos alunos pelo exemplo. Há cinco mil anos o Yôga era praticado até em cavernas de pedra. Mas hoje, se quisermos atrair praticantes, temos que oferecer conforto nas salas de aulas, com ambientes climatizados e luminosidades adequadas. Houve a necessidade de uma adaptação em cidades e grandes centros. Talvez hoje se tenha a ideia de praticar Yôga para relaxar. Mas nós buscamos mais do que relaxar, buscamos uma descontração como uma recarga de energia no corpo.

B – E no aspecto social é a influência em jovens para não usar drogas, não beber. Tanto na isenção como na diminuição do consumo. Nossa filha, por exemplo, não pratica Yôga, mas não fuma, não bebe, não usa drogas e não come carne. Na minha família, houve uma mudança de comportamento na alimentação. Nós, como instrutores, temos a missão básica de perpetuar o Yôga. Então, vamos formar mais instrutores, para que daqui a cem anos, que a escola e o Swásthya continuem, sem deturpação. É um grande desafio utilizar ferramentas modernas para resgatar algo muito antigo.

A Uni-Yôga se caracteriza como uma organização ecológica e humana na medida em que promove ações ambientais, sociais e comportamentos ecológicos. Os aspectos sociais, institucionais, como a participação em campanhas de agasalhos, de arrecadação de brinquedos, alimentação e livros, somam-se à filosofia do Yôga e sua ênfase na higiene do corpo, na qualidade da respiração, etc. A Uni-Yôga passa a integrar-se, por meio de uma administração participativa e cooperativa, a um conjunto de organizações que defendem um tipo de sociedade sustentável, a partir da qualidade de vida, do uso ecológico da alimentação e da contribuição social pela prevenção contra o uso de drogas.

Considerações Finais

O enfoque desta dissertação pode ser caracterizado como uma abordagem que enfatiza ou recupera aspectos minimizados ou esquecidos pelos estudos funcionalistas. Para isso, valorizamos o diálogo interdisciplinar e os estudos transdisciplinares, com uma concepção de ciência e de razão abertas, aproximativas, sem a pretensão de obter resultados quantificáveis ou demonstrações lógicas inequívocas.

O que pretendemos com esta aproximação é justamente ressaltar algumas destas dimensões, tomando-se como ponto de apoio para a investigação das representações sociais de lideranças das unidades catarinenses de uma organização – a Uni-Yôga – que mescla valores e práticas da civilização ocidental com as da civilização oriental, especialmente brasileira e indiana.

Há que considerar-se o contexto em que se desenvolve a Uni-Yôga, ainda que de forma esquemática, recuperando-se o que já foi dito anteriormente: a) atualmente percebe-se uma crise que mescla aspectos econômicos, ecológicos, sociais, culturais, políticos, epidemiológicos, etc; b) mudança climática global e a desigualdade social, ainda que as organizações mercadológicas se envolvam em diversos projetos de responsabilidade social; c) na história do ocidente, cabe ressaltar aspectos como dominação cultural-religiosa, tecnicismo, economicismo, cientificismo, colonialismo, imperialismo, racismo, além de outras contradições e ambivalências da cultura ocidental; e) história da filosofia, que ao longo dos séculos tem marginalizado e mesmo ignorado as contribuições de indianos, chineses, japoneses e de povos de outras regiões do mundo fora da Europa Ocidental e da América do Norte.

A crise civilizatória e a globalização têm proporcionado diferentes efeitos nas diferentes culturas, de acordo com o choque e o encontro de fatores endógenos e exógenos. Em determinadas sociedades certos modos de vida, costumes peculiares, identidades culturais e valores emergem como resposta ou resistência à uniformização globalizadora.

Como decorrência deste contexto de crise civilizatória, cabe ressaltar a relevância de pesquisas sobre organizações que mesclam valores de duas ou mais civilizações. É o caso de organizações de Yôga, de acupuntura, artes marciais, etc.

A elevação do padrão material de vida, meta da modernidade ocidental, não implica necessariamente uma elevação da qualidade de vida. É plausível admitir, a partir da bibliografia consultada, que uma parte das doenças humanas é derivada justamente das condições psíquica e socioeconômica da contemporaneidade.

Por outro lado, há resistências de muitos indivíduos, no que se refere a mudar valores vinculados a estilos de vida dominantes e desequilibrados. Os hábitos saudáveis de vida se caracterizam como determinantes essenciais para evitar o aparecimento nos indivíduos das chamadas doenças da civilização. Enfim, esta dissertação partiu do pressuposto de que a investigação e a discussão sobre a crise de valores e os estilos de vida podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida, tanto no ocidente quanto no oriente. Isto faz sentido numa abordagem aproximativa e não conclusiva, pois a adoção de práticas de Yôga (como práticas de medicina em geral) pode influenciar positivamente o comportamento dos indivíduos e refletir na forma de administrar uma organização.

Esta dissertação situa-se no campo de estudos organizacionais, que são em parte teóricos e em parte empíricos. Partiu-se do pressuposto de que a teoria das representações sociais pode ser relevante para tais estudos, especialmente por conjugar aspectos sociológicos e psicológicos da visão de mundo dos indivíduos envolvidos numa determinada organização.

Nesse sentido, este trabalho buscou compreender representações sociais das lideranças de seis unidades de uma rede organizacional, que tem como uma de suas características fundamentais o diálogo entre as culturas do Oriente e do Ocidente. A Uni-Yôga constitui-se como uma organização que objetiva a formação de instrutores de Yôga. Essa organização brasileira caracteriza-se como mediadora de uma filosofia de vida tipicamente oriental e antiga, num ambiente ocidental e contemporâneo.

Foram destacados temas como estilo de vida, crise civilizacional, valores orientais e ocidentais. O estilo de vida ocidental contemporâneo não somente influencia as regiões e culturas não ocidentais, mas também é por elas influenciado.

Nesse ambiente, tornou-se relevante investigar as percepções das lideranças na Uni-Yôga sob uma perspectiva ampla, envolvendo tanto a organização quanto as suas lideranças e aspectos da história do Yôga.

O objetivo desse estudo, portanto, foi o de *investigar as representações sociais de lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina sobre as dualidades valorativas e práticas (orientais-ocidentais) que perpassam a cultura da organização.*

De um lado, as representações sociais podem ser indicadas para compreender os valores dos indivíduos e dos grupos sociais, as visões de mundo das pessoas, o compartilhamento de valores sociais e a construção de uma realidade social. O chamado pensamento complexo não se apresenta como solução, mas como crítica e aposta na articulação do que tem sido desarticulado.

A prática social se caracteriza pela multiplicidade e complexidade das relações de troca de conhecimentos, estabelecimento de redes, prática na qual indivíduos partilham significados (CHAMON, 2009). Portanto, torna-se relevante destacar que “o conteúdo representacional da liderança advém do fato de o conhecimento construído com base nos valores e crenças do grupo diferir do que é divulgado ou pretendido pela organização” (FONSECA; MORAES; CHAMON, 2009, p. 40).

Os resultados encontrados na pesquisa de campo junto às lideranças da Uni-Yôga em Santa Catarina, por meio das representações sociais predominantes no conjunto de entrevistados, são sintetizados a seguir:

a) Formação religiosa: os entrevistados revelaram que tiveram uma formação religiosa oriunda da Igreja Católica. Porém, alguns com maior e outros com menor intensidade. De qualquer forma, se caracterizam por uma vertente católica. E outro por nenhuma formação religiosa.

b) Mudança de visão de mundo ocidental para uma visão de mundo também oriental: apesar da diversidade de motivos iniciais que provocaram uma mudança de visão de mundo ocidental para uma visão também oriental, pode-se notar que os entrevistados adaptaram-se a essa filosofia oriental, o Yôga, a ponto de seguirem carreira profissional na Rede Uni-Yôga.

c) Valores orientais concretizados em hábitos pelas lideranças da Uni-Yôga: neste sentido as representações sociais observadas acentuam a não separação de valores orientais e ocidentais, a valorização das relações sociais, o compartilhamento de valores pelo exemplo e pela adesão à filosofia e não pelo convencimento ou por imposição.

d) Prática do Yôga e as mudanças advindas: o Yôga trouxe mudanças essenciais na vida dos instrutores e líderes da organização. Essas mudanças podem

ser percebidas principalmente pela visão de mundo, decisões diferenciadas em escolhas na vida, mudança do estilo de vida e hábitos, aumento da vitalidade, melhora da disposição e dinamismo, sensações mais apuradas, valorização do corpo físico, respiração e postura, higiene e harmonia mental, emocional, comunitária.

e) Liderança, clima organizacional e conflitos: a prática de Yôga permite uma percepção mais apurada das causas dos conflitos (como por exemplo, *stress* ou *distress*). As representações sobre liderança resumem-se a noções como liberal, saudável, agradável, cooperativa, informativa, empreendedora e filosófica; os entrevistados afirmam que deve proporcionar o desenvolvimento pessoal, coletivo, familiar, profissional e provocar uma mudança saudável de hábitos. Eles sinalizam que a prática do Yôga também pode contribuir para a melhoria do clima organizacional, dos relacionamentos interpessoais, na solução de conflitos, no desenvolvimento humano, no aumento de produtividade e na prevenção de doenças. Possibilita também, dizem eles, o desenvolvimento do autoconhecimento na equipe e desenvolvimento de virtudes como a tolerância. O Yôga tende a reeducar as emoções, a gerar coesão na equipe e favorecer um clima organizacional convergente.

f) Liderança de DeRose: é percebida pelos os entrevistados como proativa, simpática, carismática, serena, educadora, experiente, essencial, exemplar e que promove um desenvolvimento profissional, pessoal, familiar e afetivo nos indivíduos inseridos na rede. Tem a admiração de líderes da Uni-Yôga devido a características de sua liderança organizacional e por sua personalidade.

g) Relação com outras correntes de Yôga, movimento sociocultural, diferenças e semelhanças: apurou-se que o relacionamento com outras correntes se caracteriza por ser distante, cordial, respeitoso, com pouca convivência ou quase nenhum relacionamento; em se tratando de movimento sociocultural, pode-se notar que os entrevistados deixam claro que consideram ter a sua própria linguagem e posicionamento profissionais, com seus respectivos valores e princípios. A competição existente ocorre em um nicho de mercado, que os concorrentes não atingem. O público-alvo é de pessoas saudáveis, de classe média alta, de alto nível cultural, estético, culinário. Alguns líderes da Uni-Yôga não percebem as outras correntes como competidoras, mas também não como participantes de um mesmo movimento sociocultural.

h) Prática de Yôga em outras organizações: percebe-se que os entrevistados tiveram algumas experiências isoladas com outras linhas de Yôga. Porém, destacam a importância do Swásthya Yôga e suas características.

i) Administração de cada unidade: foi definida pelos entrevistados como gestão participativa. Os instrutores são autônomos, empreendedores, tomam decisões em conjunto sobre questões relacionadas ao marketing, à pedagogia, às finanças e à qualidade. Eles dividem os custos, despesas, tarefas e responsabilidades. Portanto, estimulam a competitividade e consideram uma forma de selecionar pessoas, mas atentam que isso precisa ser gerenciado de forma que não gere insatisfações nos membros da equipe. Cada unidade é considerada uma associação aberta a novas ideias, com reuniões periódicas para reflexão sobre as áreas financeiras e pedagógicas. Valorizam a experiência de lideranças nacionais da rede na prospecção e organização mercadológica.

j) Competição e cooperação entre as unidades: a cooperação foi apontada pelos pesquisados como fundamental para a sustentação da rede. A competição, dizem eles, existe apenas de uma forma saudável e os conflitos são considerados insignificantes.

k) Planejamento nas unidades: foi considerada importante a realização de reuniões estratégicas e a definição de metas como de quantidade de alunos, de arrecadação por instrutor, de formação de instrutores, de trabalho social, de fidelização e satisfação de alunos, de evasão máxima e de ações pedagógicas. As dificuldades encontradas são a sazonalidade da demanda, a administração das despesas, o equilíbrio administrativo e o gerenciamento operacional.

l) Conflitos entre valores ocidentais modernos e orientais antigos, organizacionais e individuais: os entrevistados apontaram que a prática do Swásthya Yôga tende atenuar essa visão conflituosa de valores e buscar uma visão gregária. Segundo eles, esse tipo de Yôga propicia uma integração entre os indivíduos, por meio de meditação e autoconhecimento. Portanto, é uma questão de cultura, de mudança de atitude e de filosofia organizacional. Todavia, eles têm um Conselho Administrativo responsável por tomar decisões estratégicas à rede e incentivar empreendedorismo entre as lideranças.

m) Concorrência entre os instrutores: foi considerada pelos líderes como algo saudável, inerente ao ser humano. De qualquer maneira, os entrevistados deixam claro que o importante é a cooperação prevalecer sobre a competição.

n) Sistema de avaliação de desempenho: foi descrito pelos líderes pesquisados em dois níveis – escolas e instrutores. Nas escolas são realizadas reuniões periódicas em âmbito regional, estadual, nacional e internacional; existe um controle por meio de indicadores comparativos de unidades e federações; procuram identificar o desempenho das escolas, mas cada unidade tem suas próprias metas das áreas de marketing, financeira e pedagógica. Nos últimos cinco anos houve uma tentativa de implantar um planejamento estratégico e metas de desempenho. Objetivam o aprimoramento teórico, técnico, didático e pedagógico.

o) Crescimento da Uni-Yôga em Santa Catarina, no Brasil e no exterior: em Florianópolis há uma das maiores concentrações *per capita* de instrutores; no interior de Santa Catarina percebem um crescimento tímido; no Brasil há um fortalecimento das escolas, em vez de uma proliferação das escolas; no exterior há, recentemente, um público receptivo ao Swásthya Yôga.

p) Causas da internacionalização da Uni-Yôga: foram apontadas a novidade e a qualidade do produto (antigo e moderno), o profissionalismo, a trajetória de sucesso de como DeRose, e o tipo de Yôga, o Swásthya, que tende a atrair indivíduos de alto padrão cultural.

q) Contribuições socioambientais da Uni-Yôga: a Uni-Yôga se caracteriza como uma organização ecológica e humana na medida em que promove ações ambientais, sociais e comportamentos ecológicos. Os aspectos sociais, institucionais, como a participação em campanhas de agasalhos, de arrecadação de brinquedos, alimentação e livros, somam-se à filosofia do Yôga e sua ênfase na higiene do corpo, na qualidade da respiração, etc. A Uni-Yôga passa a integrar-se, por meio de uma administração participativa e cooperativa, a um conjunto de organizações que defendem um tipo de sociedade sustentável, a partir da qualidade de vida, do uso ecológico da alimentação e da contribuição social pela prevenção contra o uso de drogas.

As representações sociais das lideranças evidenciam questões técnicas e pedagógicas, filosofia de vida, participação administrativa e inserção social e comunitária, além de empreendedorismo.

Um dos resultados mais relevantes dessa dissertação é o que evidencia a compreensão dos entrevistados quanto às interações entre as dimensões pessoais, corporais, sociais, profissionais e ambientais, a ponto de a Uni-Yôga afirmar-se como uma organização ecológica comprometida com a sustentabilidade do planeta.

Por fim, pode-se propor a seguinte figura como Síntese dos Pilares Organizacionais da Uni-Yôga.



Figura 3: Pilares Organizacionais da Uni-Yôga

A Uni-Yôga, conforme a figura acima, equilibra-se sobre os pilares da hierarquia, da administração participativa e de um conjunto de práticas e valores. Esses pilares expressam a combinação complexa de valores, práticas e princípios administrativos característicos tanto do Oriente como do Ocidente.

Entretanto, esta dissertação contém algumas limitações no que se refere à possibilidade de generalizar conclusões, já que a pesquisa de campo foi realizada junto a lideranças de seis unidades da rede.

Cabe ressaltar a grande relevância que a Uni-Yôga atribui à *prática* do Yôga, e, portanto, a observação direta realizada durante um mês em uma das unidades, a convite de uma das lideranças, também foi uma forma de compreender os valores e os estilos de vida em estudo. Porém, é justo admitir que tal observação direta não teve a intenção de substituir uma estratégia etnográfica.

Como sugestões para futuras pesquisas, pode-se elencar os seguintes tópicos: a) realização de pesquisa sobre unidades e lideranças da Uni-Yôga em outros estados, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, incluindo entrevistas

com o próprio DeRose; b) uso de novas estratégias de pesquisa quantitativa e qualitativa, com suporte estatístico, estudos etnográficos e técnicas de *focus group*; c) abordagem de organizações com características multicivilizacionais, como outras academias de Yôga, organizações que envolvam práticas de acupuntura, artes marciais, etc.; d) investigação das relações entre a história complexa dos quatro troncos do Yôga (Sámkhya e Tantra *versus* Vêdânta e Brahmáchárya) com a história do sistema de castas e as características da democracia indiana, no contexto da crise socioambiental e civilizatória.

Nesse sentido, as investigações sobre valores e práticas poderiam contribuir com a meta central dos estudos críticos em administração, qual seja, compreender algumas *dimensões fundamentais* ou *esquecidas* nas pesquisas sobre organizações (CHANLAT, 2000).

Referências

- ABRIC, J. O estudo experimental das representações sociais. *In*: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- ACEVEDO, C. R.; NOHARA, J. J.; PEREIRA, R. S.; TAMASHIRO, H. Representações sociais dos afro-descendentes na mídia de massa. *In*: XXX Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). Salvador/BA, 2006. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ, 2006, CD Room.
- ACHÔA, L. **Repensando os limites da comunicação e da consciência corporal: uma análise da prática do Yôga à luz da teoria do corpomídia**. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.
- ALBANESE, M. **Índia antiga**. Barcelona: Folio, 2006.
- ALBERONI, F. **A arte de comandar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de pesquisa**. v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJADER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 2004.
- AMATO, M. C. M.; AMATO, S. J. T. A. **Estilo de vida**. 5ª ed. São Paulo: Roca, 2004.
- ARIEIRA, G. Apresentação. *In*: TINOCO, C. A. **As upanishads do yoga**. São Paulo: Madras, 2005.
- BARQUERO, V. R. Terapias mente-cuerpo: una reintegración de mente, cuerpo y espíritu. **Revista de Ciências Sociais** – Universidad de Costa Rica. San José – Costa Rica, v. 3-4, n. 109-110, p. 183-190, 2005.
- BAUER, R. **Gestão da mudança: caos e complexidade nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1999.
- BOEIRA, S. L. **Características Básicas dos Paradigmas Positivista, Fenomenológico e da Complexidade**. Quadro didático, 2007.
- BOEIRA, S. L. Características de três revoluções científicas e emergência de paradigmas. Quadro didático, 2009.
- BOEIRA, S. L. Crise civilizatória & ambientalismo transetorial: internet, estado nascente e democracia. **Revista de Ciências Humanas – UFSC**. Florianópolis, v. 16, n. 23, p. 71-102, abr./1998.
- BOEIRA, S. L. Ecologia Política: Guerreiro Ramos e Fritjof Capra. **Ambiente & Sociedade**. Campinas, ano V, v. 10, 1º semestre 2002.

BOEIRA, S. L. **Níveis de análise organizacional**. Material didático, 2008.

BOEIRA, S. L.; KOSLOWSKI, A. A. Paradigma e disciplina nas perspectivas de Kuhn. **Interthesis** – Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC. Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 90-115, jan./jul. 2009.

BORELLA, A.; ROSE, A.; BARBOSA, C. E. G.; TACCOLINI, M. **O livro de ouro do yoga**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

BORGUCCI, E. Las representaciones sociales y el realismo. **Opción** – Universidade del Zulia. Maracaibo – Venezuela, v. 21, n. 47, p. 158-178, ago./2005.

BUSTAMANTE, J. J. El despertar y la felicidad em el budismo. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana** – Universidade Bolivariana. Santiago – Chile, v. 3, n. 8, 2004.

CAPPELLE, M. C. A.; CRAMER, L. PAULA NETTO, A. Relações de gênero na polícia: a construção das representações sociais do masculino e feminino em uma organização militar. In: XXV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). Rio de Janeiro/RJ, 2001. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ, 2001, CD Room.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, F. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2005.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, F. **O tã da física**: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix, 2006.

CÁRDENAS, M.; PARRA, L.; PICÓN, J.; PINEDA, H.; ROJAS, R. Las representaciones sociales de la política y la democracia. **Última Década** – Centro de Investigación y Difusión Poblacional de Achupallas. Vinã del Mar – Chile, n. 26, p. 55-80, jul./2007.

CASTRO, M. E.; ROLIM, M. O.; MAURICIO, T. F. Prevenção da hipertensão e sua relação com o estilo de vida de trabalhadores. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 184-189, 2005.

CEIRANO, V. Las representaciones sociales de la pobreza. **Cinta de Moebio** – Facultad de Ciencias Sociales – Universidad de Chile. Chile, n. 9, nov./2000.

CÉSPEDES, E. M.; RIVERÓN, G.; ALONSO, C. A.; GORDON, L. Evolución metabólica de pacientes diabéticos tipo 2 sometidos a un tratamiento combinado de dieta y ejercicios yoga. **Revista Cubana de Investigaciones Biomédicas** – Centro de Investigaciones Biomédicas “Victoria de Girón”, Hospital Clínico quirúrgico “Hermanos Ameijeiras”, University of West Indies – Jamaica. Havana – Cuba, v. 21, n.2, abr./jun. 2002.

CHAMON, E. M. Q. O. Apresentação. *In*: CHAMON, E. M. Q. O. (Org.). **Representação social e práticas organizacionais**. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

CHAMON, E. M. Q. O. Representação social e práticas organizacionais. *In*: CHAMON, E. M. Q. O. (Org.). **Representação social e práticas organizacionais**. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

CHANLAT, J. F. **Ciências sociais e *management***: reconciliando o econômico e o social. São Paulo: Atlas, 2000.

CHANLAT, J. F. Por uma antropologia da condição humana nas organizações. *In*: CHANLAT, J. F. (Coord.) **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. vol. 1. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

CHOR, D. Hipertensão arterial entre funcionários de banco estatal no Rio de Janeiro. Hábitos de vida e tratamento. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**. v. 71, n. 5, p. 653-660, 1998.

CHOR, D. Saúde pública e mudança de comportamento: uma questão contemporânea. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 423-425, abr./jun. 1999.

CRUZ, R. C. O consumo a partir da lógica do consumidor: usando o arcabouço das representações sociais. *In*: XXXII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). Rio de Janeiro/RJ, 2008. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ, 2008, CD Room.

COOPER, D. E. **As filosofias do mundo**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

DAWSEY, J. C. Coisa de Macunaíma; cultura e dialética da qualidade vida. *In*: **Qualidade de vida**: complexidade e educação. MOREIRA, W. W. (Org.). Campinas/SP: Papyrus, 2001.

DeROSE, L. S. A. **Yôga Sútra de Pátañjali**. São Paulo: Editora União Nacional de Yôga, 1982.

DeROSE, L. S. A. **Questionando o Yôga**. São Paulo: Uni-Yôga, 1986.

DeROSE, L. S. A. **Faça Yôga antes que você precise**. 5ª edição. São Paulo: Editora União Nacional de Yôga: Primeira Universidade de Yôga do Brasil, 1995.

DeROSE, L. S. A. **Programa do curso básico de Yôga**. São Paulo: Editora União Nacional de Yôga, 1995b.

DeROSE, L. S. A. **Yôga: mitos e verdades**. São Paulo: União Nacional de Yôga, 1996.

DeROSE, L. S. **Origens do yôga antigo**. São Paulo: Nobel, 2005.

DeROSE, L. S. A. **Quando é preciso ser forte** (reestruturação da 37ª edição do livro *Yôga: Mitos e Verdades*, 37ª edição). São Paulo: DeRose Editora; Nobel, 2007.

DOISE, W. Atitudes e representações sociais. *In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais***. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

DUVEEN, G. Introdução – o poder das ideias. *In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social***. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

EASTERBY-SMITH, M.; THORPE, R.; LOWE, A. **Pesquisa gerencial em administração**. São Paulo: Pioneira, 1999.

ELIADE, M. **Yoga: imortalidade e liberdade**. 3ª edição. São Paulo: Palas Athena, 2004.

ESTRAMIANA, J. L. A.; RUIZ, B. F. Representaciones sociales de la mujer. **Athenea Digital** - Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona – España, primavera, n. 9, p. 65-77, 2006.

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e a história. *In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais***. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel: SEC, 1997.

FEUERSTEIN, G. **Enciclopédia de Yoga da Pensamento**. São Paulo: Editora Pensamento, 2005.

FEUERSTEIN, G., KAK, S., FRAWLEY, D. *In search of the cradle of civilization*. Quest Books: Wheaton, 1995.

FLAMENT, C. Estrutura e dinâmica das representações sociais. *In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais***. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

FONSECA, O. L. V.; MOJICA, Y. A. P. Discapacidad e integración una aproximación a sus representaciones sociales. **Umbral Científico** – Fundación Universitaria Manuela Beltrán. Bogota - Colombia, n. 5, p. 14-24, dez./2004.

FONSECA, R; MORAES, P. M.; CHAMON, E. M. Q. O. Liderança e representação social. *In: CHAMON, E. M. Q. O. (Org.). **Representação social e práticas organizacionais***. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

FRANÇA FILHO, G. C. Para um olhar epistemológico da administração: problematizando o seu objeto. *In*: SANTOS, R. S. **Administração política como campo do conhecimento**. São Paulo-Salvador: Edições Mandacaru-Fundação Escola de Administração Universidade Federal da Bahia, 2004.

FREITAS, A. B. Traços brasileiros para uma análise organizacional. *In*: MOTTA, F. C. P.; CALDAS, M. P. (Orgs.). **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997.

FRUTOS, F. P. P.; CRUCIOL, C. V. Administração e psicologia: dialogando por meio das representações sociais. *In*: V Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD (EnEO). Belo Horizonte/MG, 2008. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ, 2008, CD Room.

FRUTOS, F. P. P.; VERCESI, C. Vivenciando o bem estar, enfrentando o sofrimento: estudo da representação social do bombeiro sobre o significado do seu trabalho. *In*: XXXII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). Rio de Janeiro/RJ, 2008. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ, 2008, CD Room.

FURINI, L. A. **Redes sociais temáticas**: o caso das redes sociais de assistência à criança e ao adolescente em Presidente Prudentes (SP) e suas representações sociais. 2008. 257 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente, 2008.

GARAUDY, R. **O ocidente é um acidente**: por um diálogo das civilizações. 2ª edição brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1983.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L.; Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. *In*: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B.; **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2007.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. *In*: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B.; **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2007.

GÓMEZ, A. B. Representaciones sociales juveniles sobre la democracia. **Reflexión Política** – Universidad Autónoma de Buracamanga. Buracamanga – Colombia, v. 7, n. 13, p. 180-191, jun./2005.

GONÇALVES, M. **O imaginário coletivo de professores de ioga brasileiros**: um estudo sobre campos psicológicos. 2008. 120 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação na área de Psicologia como Profissão e Ciência, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2008.

GONZÁLES, V. L.; WATERLAND, A. D. Efectos del Hatha-Yoga sobre la salud – parte I. **Revista Cubana Medicina General Integral**. Havana – Cuba, v. 14, n. 4, ago./1998.

GONZÁLES, V. L.; WATERLAND, A. D. Efectos del Hatha-Yoga sobre la salud – parte II. **Revista Cubana Medicina General Integral**. Havana – Cuba, v. 14, n. 5, p. 499-503, 1998.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. Introdução. *In*: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

GUERREIRO RAMOS, A. **Administração e contexto brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação das riquezas das nações**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989, 1981.

GUIMARÃES, R. (Líder, cultura de marca e valor de mercado. *In*: MIGUELES, C.; ZANINI, M. T. (Org.). **Liderança baseada em valores: caminhos para a ação em cenários complexos e imprevisíveis**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

HERMÓGENES, P. J. Prefácio e introdução. *In*: BORELLA, A.; ROSE, A.; BARBOSA, C. E. G.; TACCOLINI, M. **O livro de ouro do yoga**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HEWSTONE, M. Representações sociais e causalidade. *In*: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HUNTINGTON, S. P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. *In*: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

KAËS, R. Psicanálise e representação social. *In*: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KALYAMA, A. **Yoga: repensando a tradição**. São Paulo: IBRASA, 2003.

KOLYANIAK FILHO, C. Qualidade de vida e motricidade. *In*: **Qualidade de vida: complexidade e educação**. MOREIRA, W. W. (Org.). Campinas/SP: Papyrus, 2001.

KÜLKAMP, I. C.; BURIN, G. D.; SOUZA, M. H. M.; SILVA, P.; PIOVEZAN, A. P. Aceitação de práticas não-convencionais em saúde por estudantes de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Educação Médica – RBEM**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 229-235, 2007.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LABRÍN, S. M. Representaciones sociales, inmigración y mujeres: hegemonía y polisemia. **Theoria – Ciência, Arte y Humanidades** – Universidad del Bio-Bio. Chile, v. 15, n. 2, p. 61-67, 2006.

LAFRAIA, J. R. A liderança e a formação de valor nas organizações. *In*: MIGUELES, C.; ZANINI, M. T. (Org.). **Liderança baseada em valores: caminhos para a ação em cenários complexos e imprevisíveis**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de representação social. *In*: SPINK, M. J. P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LARA, E. Teoría de las representaciones sociales: sobre la lírica de los narcocorridos. **Nomadas – Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas** - Universidad Complutense de Madrid. Madrid – España, n. 9, jan./jun. 2004.

LARSON, G. J. On the integrity of the yoga darsana: a review. **International Journal of Hindu Studies**. v. 3, n. 2, p. 183-186, 1999.

LATOUCHE, S. **A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária**. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

LEME, M. A. V. S. O impacto da teoria das Representações sociais. *In*: SPINK, M. J. P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LIMA, A. P. X. C.; CORREA, I. E.; GHELLERE, M.; PEREIRA, V. L. S. Qualidade de vida: equilíbrio entre corpo e mente. **Revista Psicologia Educação Cultura – PEC**. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 59-60, jul./2000-jul./2001.

LYSEBETH, A. V. **Tantra, o culto da feminilidade** – outra visão da vida e do sexo. 2ª edição. São Paulo: Summus, 1994.

LOPES, M. J. M.; BUENO, A. L. M. Saúde pública é...: permanências e modernidades nas representações de universitários. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 16, n. 3, p. 92-101, 2007.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

MARKOVA, I. AmÈdÈe or how to get rid of it: social representations from a dialogical perspective. **Culture & Psychology**. vol. 6, n. 4, p. 419-460, 2000.

MARTÍN-ASUERO, A.; BANDA, G. G. Las ventajas de estar presente: desarrollando una conciencia plena para reducir el malestar psicológico. **International Journal of Clinical and Health Psychology** – Asociación Española de Psicología Conductual – AEPC. Granada – España, v. 7, n. 2, p. 369-384, 2007.

MELO, R.; MELO, C. **O poder do mantra**. Florianópolis: Editora Uni-Yôga, 2009.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco/CA: Jossey-Bass Publishers, 1998.

MIGUELES, C.; ZANINI, M. T. Introdução. *In*: MIGUELES, C.; ZANINI, M. T. (Org.). **Liderança baseada em valores: caminhos para a ação em cenários complexos e imprevisíveis**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. *In*: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 515-526, 2006.

MOREIRA, W. W. Qualidade de vida: como enfrentar esse desafio. *In*: **Qualidade de vida: complexidade e educação**. MOREIRA, W. W. (Org.). Campinas/SP: Papyrus, 2001.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Edição revista e modificada pelo autor. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. *In*: CASTRO, G. (Coord.). **Ensaio de complexidade**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MORIN, E. **Cultura e barbárie européias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3ª ed. Porto Alegre: 2007.

MORIN, E. **O método 6: ética**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Tomado de Terre-Patrie**. Paris: Éditions de Seuil, 1993.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MORIN, E.; NAÏR, S. **A política de civilização**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MOSCOVICI, F. **Renascença organizacional**. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. *In*: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSCOVICI, S. Prefácio. *In*: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, S.; MARKOVÁ, I. Ideias e seu desenvolvimento – um diálogo entre Serge Moscovici e Ivana Marková. *In*: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

MOTTA, P. R. **Transformação organizacional: a teoria e prática de inovar**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MUDREY, D. **Racionalidades e valores: um estudo em duas unidades da rede Uni-Yôga**. 2006, 138 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu/SC, 2006.

MUDREY, D.; BOEIRA, S. L. Um estudo sobre racionalidades e valores em duas unidades da Uni-Yôga. **XXXII ENANPAD**. Rio de Janeiro/RJ, set./2008.

NUNES, T. C. L. **Yoga: do corpo, a consciência; do corpo à consciência – o significado da experiência corporal em praticantes de yoga**. 2008. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

OLIVEIRA, U. C. R.; JUNQUILHO, G. S.; BINDA, J.; MOREIRA, M. O. M. Representações sociais de uma ferrovia: um estudo de caso sobre os maquinistas da estrada de ferro Vitória Minas – EFVM. *In*: XXXII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). Rio de Janeiro/RJ, 2008. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ, 2008, CD Room.

OSORIO, J. M. P.; CAJIGA, Y. C. La teoría de las representaciones sociales. Su uso em la investigación educativa em México. **Perfiles Educativos** – Universidad Nacional Autónoma de México. México, D.F., México, v. 26, n. 105-106, p. 102-124, 2004.

PIMENTEL, C. Sociedade e organização: um ponto de vista. *In*: CHAMON, E. M. Q. O. (Org.). **Representação social e práticas organizacionais**. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

PORTO, M. S. G. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 8, n. 16, jul./dez. 2006, p. 250-273.

RIBEIRO, E. Teoria do desenvolvimento humano, cultura política e democracia. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB)**, São Paulo, n. 64, 2º semestre de 2007, PP. 75-89.

ROHDEN, H. **O espírito da filosofia oriental**. São Paulo: Martin Claret, 1995.

RUBIO, F. D. Teoría de las representaciones sociales. Apuntes. **Nomadas – Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas** - Universidad Complutense de Madrid. Madrid – España, n. 3, jan./jun. 2001.

SÁ, C. P. Prefácio à edição brasileira. *In*: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. *In*: SPINK, M. J. P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SAIZAR, M. La práctica del Yoga – relatos de usuarios en Buenos Aires. **Mitológicas – Centro Argentino de Etnología Americana**. Buenos Aires – Argentina, v. 18, p. 29-57, 2003.

SANTOS, B. S. **O fórum social mundial** – manual de uso. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, B. S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. Vol. 1: a crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina/CES, 2009.

SANTOS, S. L. H. **Yôga, Sámkhyá e Tantra**. 4ª ed. São Paulo: Editora União Nacional de Yôga, 2001.

SARIOL, G. A.; LUCAS, A. Yogaterapia de la hipertensión arterial esencial. **Revista Cubana de Investigaciones Biomédicas** – Instituto de Ciencias Básicas y Preclínicas “Victoria de Girón”. Havana – Cuba, v. 15, n. 1, jan./jun. 1996.

SAWAIA, B. B. Representação e ideologia – o encontro desfeticizador. *In*: SPINK, M. J. P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SEMIN, G. R. Protótipos e representações sociais. *In*: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SERVA, M. O paradigma da complexidade e a análise organizacional. **Revista de Administração de Empresas – RAE**. São Paulo, FGV, v. 32, p. 26-35, abr./jun. 1992.

SERVA, M. O Fenômeno das organizações substantivas. **Revista de Administração de Empresas – RAE**. São Paulo, FGV, v. 33, n. 2, p. 36-42, mar./abr. 1993.

SERVA, M. **Racionalidades e organizações**: o fenômeno das organizações substantivas. 1996. 633p. Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1996.

SERVA, M. A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. **Revista de Administração de Empresas – RAE**. São Paulo, FGV, v. 37, n. 2, p. 18-30, 1997.

SERVA, M. O estado e as ONGs: uma parceria complexa. **Revista de Administração Pública – RAP**. Rio de Janeiro, FGV, v. 31, n. 6, p. 41-54, 1997.

SIEGEL, P.; BARROS, N. F. Religious therapeutics, body and health in yoga, ayurveda and tantra. FIELDS, G. P. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 2002. **Ciência & Saúde Coletiva – Resenhas – Book Reviews**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 6, p. 1747-1748, nov./dez. 2007.

SIEGEL, P.; BARROS, N. F. Yoga as medicine – the yogic prescription for health and healing. McCALL, T. New York: Bantam Books, 2007. **Cadernos de Saúde Pública – Resenhas – Book Reviews**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 703-706, mar./2009.

SILVA, A. R. L. **As práticas sociais e o “fazer estratégia”** – um estudo dos comerciantes de hortifrutícolas no mercado da Vila Rubim. 2007. 301 f. Tese (Doutorado em Administração) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

SILVA, L. **Léxico de yoga antigo**. Florianópolis: DeRose Editora, 2007.

SKLAIR, L. **Sociologia do sistema global**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOFÍA, P. India: el nacimiento de una potencia moderna. **Frónesis**. Caracas – Venezuela, v. 13, n. 2, ago./2006.

SOUZA FILHO, E. A. Análise de representações sociais. *In*: SPINK, M. J. P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SPERBER, D. O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas. *In*: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SPINK, M. J. P. **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SPINK, M. J. P. O estudo empírico das representações sociais. *In*: SPINK, M. J. P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

STABLEIN, R. Dados em estudos organizacionais. *In*: CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (orgs.); CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (orgs.). **Handbook de estudos organizacionais**: reflexões e novas direções. São Paulo: Atlas, 2009.

STAKE, R. E. Case studies. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000.

SZTOMPKA, P. **A sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

TEIXEIRA, R. C. M. A.; MOLINA, M. D. C. B.; FLOR, D. S.; ZANDONADE, E.; MILL, J. G. Estado nutricional e estilo de vida em vegetarianos e onívoros – Grande Vitória – ES. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 131-143, 2006.

TINOCO, C. A. **As upanishads do yoga**: textos sagrados da antiguidade. São Paulo: Madras, 2005.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. 14^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TORRES, L. L. Cultura das organizações: enfoques dominantes, tendências internacionais e novas propostas analíticas. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica – BIB**. São Paulo, n. 66, p. 47-63, 2008.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**. Epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Vozes, 2002.

VÁZQUEZ, E. P. Yoga para sentarse recto y relajado. **Centro Nacional de Información de Ciencias Médicas – ACIMED**. Havana – Cuba, v. 11, n.1, jan./fev. 2003.

VIANA, N. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Bauru/SP: Edusc, 2008.

VIGNAUX, G. O conceito de *Themata*. *In*: MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5^a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

VOELKLEIN, C.; HOWARTH, C. A review of controversies about social representations theory: a british debate. **Culture & Psychology**, vol. 11, n. 4, p. 431-454, 2005.

WAIANDT, C.; DAVEL, E. Organizações, representações e sincretismo: a experiência de uma empresa familiar que enfrenta mudanças e sucessões de gestão. **Revista de Administração Contemporânea – RAC**. v. 12, n. 2, p. 369-394, abr./jun. 2008.

WALLERSTEIN, I. **O fim do mundo como o concebemos**: ciência social para o século XXI. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

WINDISCH, U. Representações sociais, sociologia e sociolinguística: o exemplo do raciocínio e da fala cotidianos. *In*: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

WOODROFFE, S. J. **Princípios del Tantra**. 1ª edición argentina. Buenos Aires: Kier, 1981.

YENTZEN, E. Apuntes sobre la espiritualidad contemporánea, su impacto en la modernidad occidental, y su presencia em Chile. . **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana** – Universidade Bolivariana. Santiago – Chile, v. 3, n. 8, 2004.

ZANINI, M. T. A liderança eficaz – contexto brasileiro. *In*: MIGUELES, C.; ZANINI, M. T. (Org.). **Liderança baseada em valores**: caminhos para a ação em cenários complexos e imprevisíveis. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

ZILLIG, C. **Dose o stress**: tempere a vida. Blumenau: Ed. Eko, 1998.

ZIMMER, H. R. **Filosofias da Índia**. 4ª edição. São Paulo: Palas Athena, 2008.